



Missão Salesiana de Mato Grosso

ED. UNESP
9 778586 919030

Do primeiro encontro com os *Xavante* à demarcação de suas reservas

Do primeiro encontro com os

Xavante

à demarcação de suas reservas



Pe. Hipólito Chovelon
Me. Francisco Fernandes
Pe. Pedro Sbardellotto

Nesta publicação divulgamos três documentos da história do povo Xavante em sua versão original, deixando para pesquisadores uma análise crítica e síntese posteriores.

Depois da morte dos padres João Fuchs e Pedro Sacilotti, aos 01 de novembro de 1934, pelos Xavante, a Missão Salesiana de Mato Grosso não suspendeu os esforços por um encontro pacífico com os mesmos, antes liberou uma nova equipe para continuar o empreendimento. Esta nova equipe era composta pelo Pe. Hipólito Chovelon, o Me. Francisco Hernandez, o aspirante a salesiano Pedro Lachat e o auxiliar Ladislau da Rocha Cardoso.

Pe. Hipólito Chovelon mostra em seus Relatórios ao Exmo. Sr. President da República Getúlio Vargas o seu esforço, sucesso inicial por um contato quase pacífico e insucesso posterior, devido a interferências de "bandeiras", na procura de aproximação do povo Xavante que não poupava seu sangue em defesa de seus direitos territoriais.

Em seu Diário, o Me. Francisco Fernandes descreve o contexto do confronto com os Xavante, citando algumas vítimas não-indígenas do conflito. As vítimas indígenas ainda aguardam sua

Pe. Hipólito Chovelon
Me. Francisco Fernandes
Pe. Pedro Sbardellotto

O PRIMEIRO ENCONTRO

COM OS XAVANTE

DEMARCAÇÃO DE SUAS RESERVAS

Missão Salesiana de Mato Grosso
Campo Grande MS
1996

Pe. Hipólito Chovelon
Me. Francisco Fernandes
Pe. Pedro Sbardellotto

DO PRIMEIRO ENCONTRO

COM OS XAVANTE

À DEMARCAÇÃO DE SUAS RESERVAS

Renato Nicolai

Missão Salesiana de Mato Grosso
Campo Grande MS
1996

Missão Salesiana de Mato Grosso (MSMT)
Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)
Núcleo de Estudos e Pesquisas de Povos Indígenas (NEPPI)
Centro de Documentação Indígena (CDI)

Av. Barão do Rio Branco, 1811 - Centro
Caixa Postal 415
79.002-970 Campo Grande - MS

Coordenação Geral: Pe. Jorge Lachnitt
Pe. João Bosco Monteiro Maciel

Digitadores: Mariza Etelvina Rosa Irala
Pe. João Bosco Monteiro Maciel

Revisão dos textos: Pe. Bruno Bonaventura

Diagramação: Pe. Jorge Lachnitt
Mariza Etelvina Rosa Irala

Capa: Prof. Élios Longo

Impressão: Gilmar Antônio da Penha

APRESENTAÇÃO

No ano de 1994 a Missão Salesiana de Mato Grosso celebrou os cem anos de sua presença educativa e missionária em terras matogrossenses. Para comemorar esse evento, projetou-se publicar alguns escritos, memórias, diários, relatórios dos antigos e atuais missionários para assim, através dessa "memória histórica" iluminar o momento presente e tirar conseqüências sábias para projetar com coragem e audácia o seu futuro.

Assim, ao iniciar este ano de 1996, entregamos ao distinto público, três valiosos escritos que têm como eixo central o corajoso e audaz povo Xavante desde o "1º encontro até à demarcação de suas terras".

É a "versão salesiana" de um período histórico, cheio de incursões pelo famoso e lendário Rio das Mortes em busca da "pacificação" dos Xavante.

É o testemunho vivo da coragem e arrojo com que a Missão Salesiana de Mato Grosso enfrentou a situação, continuando a ir em busca dos Xavante após o martírio dos Padres João Fuchs e Pedro Sacilotti no longínquo 01/11/1934.

Os "Relatórios" do P. Hipólito Chovelon, as "Memórias" do Mestre Francisco Fernandes, e as "Sugestões" do P. Pedro Sbardellotto, além de nos brindar com valiosíssimos fatos históricos da epopéia missionária dos primeiros tempos e com uma rara síntese da trajetória histórica do povo Xavante, são um testemunho vivo da busca, do encontro com esse povo e da luta pelo sagrado direito à posse da terra.

Cada qual teve sua parte de sofrimento... o P. Pedro pagou seu arrojo e pertinência com a arrogância do chicote que marcou de sangue seu corpo. O P. Hipolito foi ultrajado e teve sua obra contesta-

da em livro que circulou pelos meios científicos do tempo¹. Mas, os documentos permanecem como testemunho e comprovam a ação pacífica e humanitária da Missão Salesiana de Mato Grosso, mediante a atividade e idealismo desses nossos valorosos irmãos.

Agradeço a Deus que me concede a graça de hoje, poder avaliar o itinerário histórico e a ação missionária dos Filhos de Dom Bosco em prol do povo Xavante.

Meus agradecimentos ao P. Jorge Lachnitt e ao caríssimo P. Pedro Sbardellotto pela dedicação e esforço em levar a bom termo esta publicação.

Campo Grande, 24 de janeiro de 1996

90º aniversário da fundação da Missão São José do Sangradouro

P. João Bosco Monteiro Maciel
- Inspetor -

¹ cf. Lincoln de SOUZA. "Os Xavantes e a Civilização-Ensaio histórico", Rio de Janeiro, Ser.Graf. do Instituto Br. de Geografia e Estatística, 1953. Obra em geral, muito bem documentada e na qual o autor enaltece a ação dos nossos missionários mártires Fuchs e Sacilotti. É fraca e carente de documentação quando se refere ao P. Hipólito Chovelon. Neste particular, o autor limita-se a opiniões pessoais um tanto superficiais e preconceituosas.

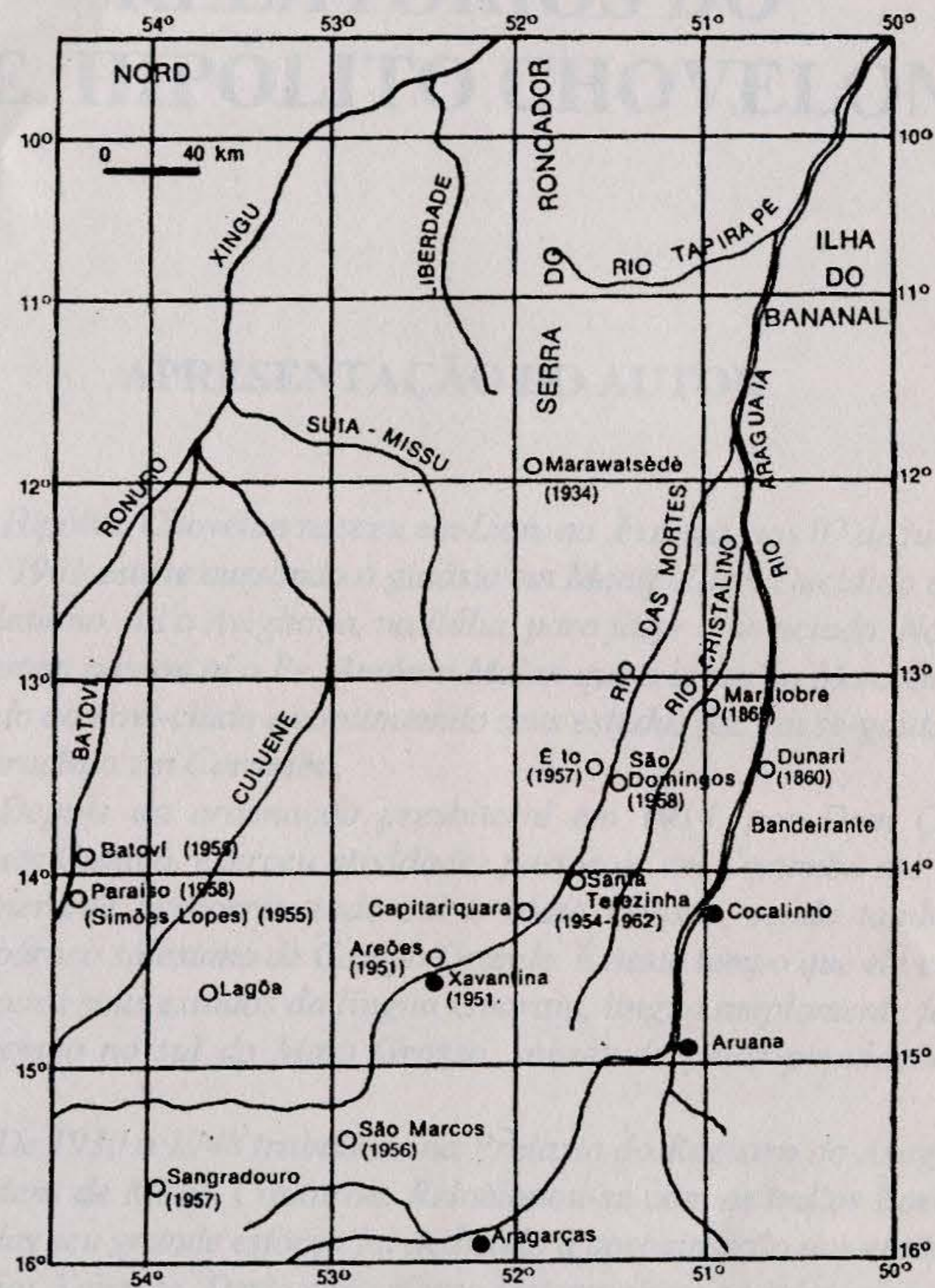
ÍNDICE

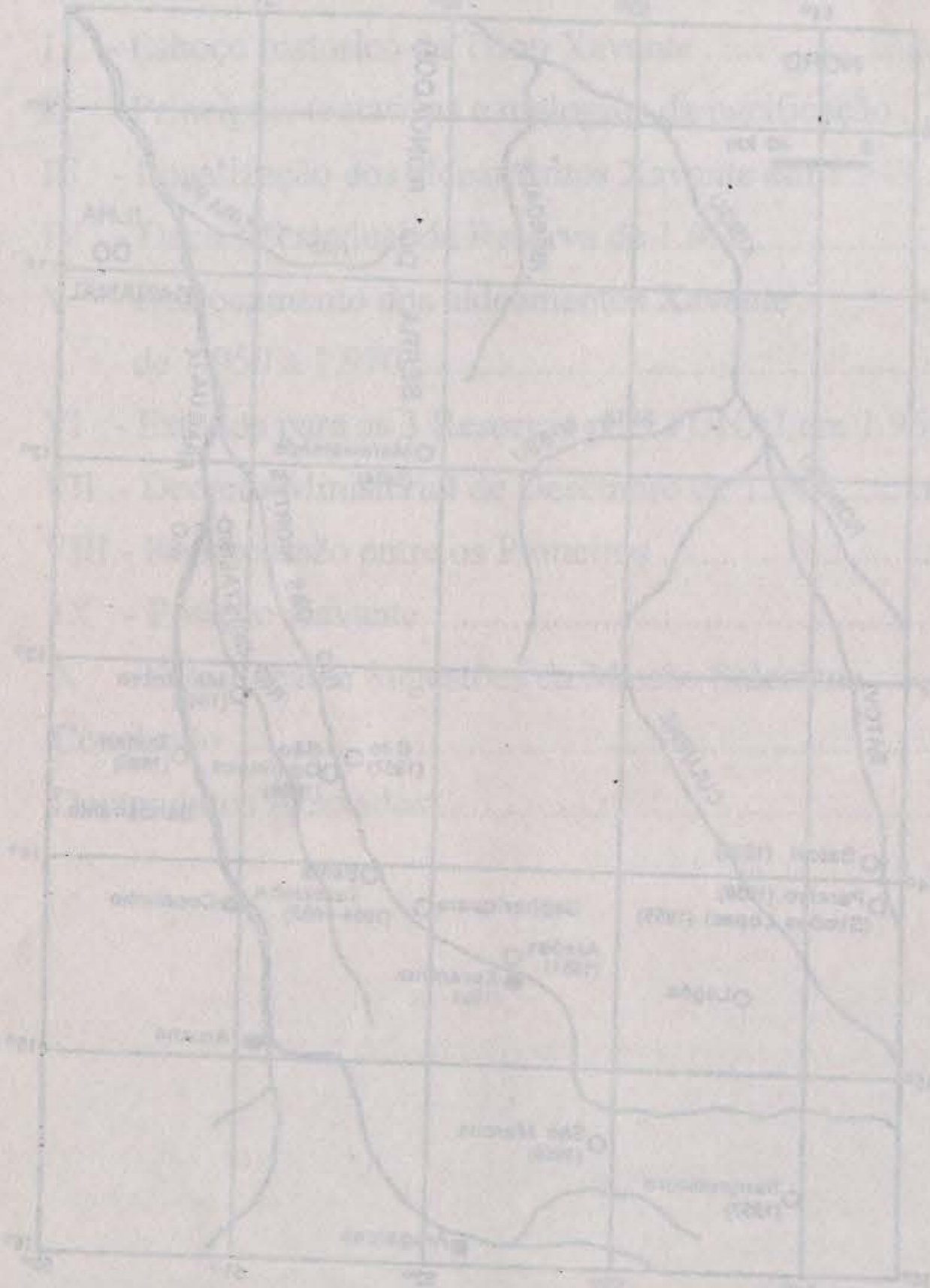
Apresentação Geral	03
Relatórios do Pe. Hipólito Chovelon, SDB	09
Carta ao Presidente Getúlio Vargas	11
Relatório de 1.937	13
Relatório de 1.938	21
Relatório de 1.939	27
Relatório de 1.940	33
Relatório de 1.941	37
Relatório de 1.942	41
Diário do Me. Francisco Fernandes, SDB	45
Descrição e Plano do Manuscrito	47
Aventuras Xavantescas da Missão Salesiana de Mato Grosso no Rio das Mortes	48
1. Aventura do massacre do filho de Raimundão Pereira	49
2. Como a fazenda feliz do Sr. Franklin ficou triste	50
3. Os verdadeiros pastores dão a vida por suas ovelhas	52
4. Primeiro encontro amistoso no ano de 1937	54
5. Descrição da segunda expedição, em 1938	68
6. Encontro com dois grupos de Xavante em Xavantina em 1951	72

Sugestões para Criação de Reservas

para os Índios Xavante do Pe. Pedro Sbardellotto	85
Ofício ao Ministro do Interior	87
I - Esboço histórico da Tribo Xavante	91
II - Principais tentativas e malogros da pacificação	92
III - Localização dos aldeamentos Xavante em 1.949.....	94
IV - Decreto estadual da Reserva de 1.950	95
V - Deslocamento dos aldeamentos Xavante de 1.950 a 1.970	96
VI - Estudos para as 3 Reservas pela FUNAI em 1.969 ..	111
VII - Decreto Ministerial de Dezembro de 1.969	113
VIII - Repercussão entre os Pioneiros	114
IX - Posição Xavante	119
X - Solicitação e Sugestões da Missão Salesiana	120
Conclusão	129
Documentos Anexados	131

MAPA DO DOMÍNIO DOS XAVANTE





RELATÓRIOS DO PE. HIPÓLITO CHOVELON

APRESENTAÇÃO DO AUTOR

Hipólito Chovelon nasceu em Lion, na França, aos 07 de julho de 1884. Em 1901 esteve cursando o ginásio em Montpellier. Decidido a tornar-se salesiano, foi a Avigliana, na Itália, para fazer o noviciado. No mesmo ano porém passou aí o Pe. Antônio Malan que o levou ao Mato Grosso. Retornando ao noviciado e continuando seus estudos fez, em seguida, três anos de tirocínio em Corumbá.

Depois da ordenação presbiteral em 1914, por Dom Carlos d'Amour, em Cuiabá, exerceu atividades pastorais em Corumbá até 1930. Como itinerante percorreu todo sul o Mato Grosso, sendo também o primeiro pároco salesiano de Campo Grande. É neste tempo que ele colheu os dados para seus estudos da língua Guarani, língua amplamente falada naquele tempo no sul do Mato Grosso, sobretudo pelas populações do interior.

De 1930 a 1948 trabalhou na Prelazia do Registro do Araguaia, sob as ordens de Mons. Couturon. Relacionou-se com os índios Bororo e Carajá. Mas seu grande esforço foi dedicado à aproximação dos então terríveis índios Xavante. Deste seu esforço testemunham os relatórios que a seguir está sendo colocado em público, comprovando detalhadamente seu

trabalho, sua metodologia de aproximação e também as dificuldades encontradas que impediram efetivar mais solidamente a contactação com os citados índios.

De 1948 a 1961 esteve no colégio de Guiratinga, tempo em que se dedicou a registrar por escrito mais sistematicamente os resultados de seus estudos sobre as línguas Guarani, Carajá e as primeiras tentativas da Xavante. O acervo de seus escritos encontra-se hoje depositado no Museu Regional Dom Bosco, de Campo Grande. Além dos estudos lingüísticos ele compilou numerosas cartas topográficas dos rios e regiões que ele percorreu. Estas foram recebidas pelo Instituto Geográfico do Brasil, de que ele foi membro efetivo.

Por motivos de saúde foi transferido em 1961 para Campo Grande onde durante um ano pude colher tantas informações de seus trabalhos missionários, em conversas informais. Foi aqui que ele chegou a falecer aos 13 de junho de 1966, com 82 anos de idade.¹

Nas expedições de que falam os relatórios abaixo, o Padre Hipólito Chovelon esteve acompanhado pelo Mestre Francisco Fernandes um salesiano leigo, pelo aspirante a salesiano Pedro Lachat e pelo auxiliar, Ladislau da Rocha Cardoso.² De Me. Francisco Fernandes segue a próxima parte desta publicação. O Sr. Pedro Lachat ainda vive em Cuiabá, embora impossibilitado de testemunhar devido à saúde precária dele.

Pe. Jorge Lachnitt

¹ Estas informações foram colhidas da "Carta Mortuária" escrita pelo Pe. Walter Bocchi com data de 15 de julho de 1966.

² cf. Lincoln de SOUZA. "Os Xavantes e a Civilização - Ensaio Histórico", Rio de Janeiro, Serv. Gráf. do Instituto Br. de Geografia e Estatística, 1953, p. 29.

Ex.mo Sr. Dr. Getúlio Vargas, Presidente da República

Tenho a subida honra de apresentar a V. Ex.^a um resumido relatório sobre os trabalhos da Missão Salesiana entre os índios Xavante, conseguindo mais um encontro amistoso com este gentio, que espontaneamente apareceu ao Missionário aceitando e retribuindo presentes como prova de simpatia e amizade.

A expedição subiu o Rio das Mortes até mais de 140 léguas da sua barra com o Rio Araguaia, tomando notas interessantes sobre o percurso do Rio para guia das viagens futuras.

Realmente o Rio das Mortes percorre uma zona riquíssima de campinas e matas, próprias para lavoura e criação de gado. O povoamento depende tão só da pacificação dos índios Xavante que até agora fazem o terror dos moradores das vizinhanças pelas suas correrias e ataques traiçoeiros. Daí percorre a necessidade urgente de amparar a Missão Salesiana que já tem obtido um encontro amistoso, afim de favorecer-lhes os meios de uma penetração mais eficaz, tendendo ao aldeamento e educação da tribo Xavante, abrindo assim esta imensa zona entre os Rios Xingu e Araguaia aos progressos da nossa civilização.

É, pois, obra eminentemente patristica, e por isto não duvido que V. Ex.^a, cujas vistas estão lançadas para este Oeste tão futuroso e de grandes reservas para o Brasil, saiba compreender o alcance desta avançada pacífica e conquistadora.

Tomo a liberdade de ilustrar este relatório com vistas fotográficas tomadas durante esta última viagem e com mais duas flechas doadas pelos índios Xavante ao Missionário no dia 27 de outubro. São os primeiros presentes que algum branco tenha recebido desta tribo e já é um indício favorável da sua próxima pacificação.

Idêntico relatório foi expedido ao Ministério da Educação e Saúde Pública para o processo de subvenção da Missão Salesiana entre os índios Xavante.

Com sentimentos de profundo respeito, subscrevo-me

de V. Ex.^a

At.^o e ded.^o servidor

Rio de Janeiro, 18 de fevereiro de 1.938

Assinado: Padre Hipólito Chovelon,
Diretor da Missão Salesiana
entre os índios Xavante.

RELATÓRIO DE 1.937

**Ex.mo Sr. Dr. Getúlio Vargas,
DD. Presidente da República do Brasil.**

MISSÃO SALESIANA entre os ÍNDIOS XAVANTE, MATO GROSSO.

É grande satisfação minha informar a V.Ex.^a sobre os trabalhos da Missão Salesiana entre os índios Xavante no Rio das Mortes, Estado de Mato Grosso, e sobre os seus progressos durante o ano findo de 1.937.

Desta vez pudemos passar três longos meses nesse deserto verde, que é o Rio das Mortes, pois não há um só morador que tenha coragem suficiente para ali estabelecer a sua tenda.

Pela primeira semana do mês de agosto já estávamos sulcando as águas deste grande rio. E desde logo percebemos a presença dos Xavante ao nosso lado.

Certo dia, a 15 de agosto, os meus companheiros foram à procura de uma onça que nos havia saudado na véspera, à nossa chegada. Levaram horas no mato, e nem rasto sequer encontraram da fera. Era simplesmente o índio que os estava enganando.

A 17 de agosto chegamos à Barreira dos Padres, a 55 léguas da barra do Rio. A cruz derrubada pelos índios continuava no mesmo estado. Cobrimo-la de presentes. Depois acendemos um fogo na margem do rio; os índios responderam, fazendo levantar leve coluna de fumaça, porém muito longe.

Esperamos alguns dias, e, como não queriam aparecer, seguimos

a nossa viagem.

A 21 de agosto aportamos em São Domingos, lugar aprazível à margem direita do Rio das Mortes, a 77 léguas da barra. No dia seguinte, como fosse domingo, subimos o morro São Domingos, e lá gozamos belíssimo espetáculo. O morro é todo rodeado de matas de babaçu e ao longe estende-se imensa planície que acompanha toda a margem direita do Rio das Mortes desde o rio Pindaíba até a barra do rio.

Em diversas ocasiões tivemos ensejo de verificar a continuidade desta planície, recortada de corrixos, capões, lagoas, representando assim grande riqueza para criação de gado.

Ao poente, muito longe, estende-se a grande Serra do Roncador, linha divisória entre as águas do Xingu e do Rio das Mortes.

Nas fraldas do morro vimos rastos dos índios Xavante à procura de cocos de babaçu.

Em vista disto resolvemos levantar ali a nossa casa. Aproveitamos alguma madeira já cortada pelos nossos predecessores que já haviam notado a beleza do lugar e a melhor aproximação da zona dos índios. Ao lado do rancho incipiente deixamos uma plantação preparada para receber as sementes que íamos buscar em Santa Terezinha.

A 7 de setembro chegamos a este lugar, à 102 léguas da barra do Rio das Mortes, na margem direita.

O nosso batelão sofrera avarias sérias passando pelas pedras do travessão São Rafael de difícil passagem. Perdemos alguns dias a consertá-lo e fomos fazer explorações pelo interior. Assim vimos que a planície que acompanha o rio passa não longe de Santa Terezinha continuando além, até o rio Pindaíba. Fomos ver as ruínas do incêndio do ano anterior e nos restos da plantação encontramos ainda raízes e sementes que pomos de lado para levar de volta à São Domingos.

A 11 de setembro estudamos o rio Pindaíba que nasce na Serra do Fogaça perto da barra do rio das Garças, reunindo águas de diversos córregos como o Fogaça, o Insula, o Taquaral, e corre para o norte até encontrar o Rio das Mortes, subimos pelo seu leito umas quatro léguas, e logo desistimos pelas dificuldades de navegação. Nesta época tem pouca água e mui-

tos travessões secos.

A 16 de setembro, estudando o rio Santo Antônio, (que depois verificamos, ser o rio MOARI, dos Bororo,) à margem esquerda, cuja barra está a 125 léguas, Rio das Mortes acima. Entramos nele por mais de seis léguas com a nossa canoa e desistimos pelas muitas e fortes corredeiras, esbarrando numa cachoeira grande.

A 21 de setembro alcançamos a Ilha do Coco, a 136 léguas. Esta ilha é notável pelo seu comprimento, dois quilômetros, suas margens elevadas e a abundância de cocos babaçu de onde lhe vem o nome.

A 23 de setembro passamos pelos campos do Araés, a 136 léguas. Ali vimos alguns trabalhos de garimpos à margem direita, levados a efeito pelo Sr. Antão da Balisa; e, logo adiante, os marcos da expedição Morbeck, que deixou no interior um campo de aviação de cerca de 400 x 150 m.

Mais adiante, a 141 léguas, alcançamos um largo do Rio das Mortes, de um quilômetro, terminando em um apertado de muralhas naturais de pedras finas e pitorescas. Ali, pelas muitas dificuldades de navegação, paramos e consertamos mais uma vez o batelão. Com a canoa, porém, subimos mais duas léguas, passando mais dois apertados lindíssimos e perigosos, até alcançar a barra do rio Noedori, pela margem esquerda, e, logo acima, magnífico salto de cerca de um metro de altura, no Rio das Mortes. Entramos ainda uma légua no rio Noedori e iniciamos a viagem de retorno que devia nos trazer as maiores consolações acerca dos nossos caros índios, fim da nossa viagem.

Passamos a 30 de setembro em Santa Terezinha, onde recolhemos ramas e sementes para a nossa plantação de São Domingos.

A 4 de outubro estamos no travessão São Rafael, a 92 léguas da barra do Rio das Mortes. A margem esquerda desemboca o rio São Rafael, entramos nele; é muito sinuoso; percorremos 15 léguas subindo o rio, e regressamos, com 3 dias de viagem.

Ali, perto da barra do rio São Rafael, a meia légua do Rio das Mortes, encontramos dois acampamentos dos índios Xavante. Cada um tinha 15 choupanas pequenas, mais ou menos altura de um homem, agrupadas de três em três, com sinais de fogo no meio das três. O acampamento

parece servir para a época das caças, e ali os índios demoram-se um mês ou dois apenas. As choupanas são muito rudimentares.

A configuração do terreno e certo caminho encontrado fizeram-nos conjecturar que a aldeia dos Xavante devia encontrar-se além de uma serra que ali se avistava e distante de 4 a 6 léguas.

A 11 de outubro estamos em São Domingos. Demos ali alguns retoques em nossa casa e deitamos ao chão as mudas trazidas de Santa Terezinha. Percebemos sinais de passagem por ali da bandeira Anhanguera, de São Paulo, chefiada por Hermano Ribeiro da Silva.

Dois dias depois encontramos a retaguarda da mesma bandeira, acampada 4 léguas abaixo de São Domingos. Passamos juntos durante dois dias trocando nossas impressões sobre a viagem, os Xavante e a localização de suas aldeias.

A bandeira faz a penetração por terra e gentilmente oferece condução ao meu companheiro, o Rev. P. José Nunes Dias. O que combinamos de mútuo acordo e assim a Missão recolherá informações de ambos os lados.

A 15 de outubro nos separamos, a bandeira vai por terra e eu com os meus companheiros prossigo por água esperando brevemente o contacto com o índio.

A 20 de outubro estamos na Barreira dos Padres e grata surpresa nos espera. De longe ainda, os nossos olhares perscrutam o lugar do cruzeiro. Desejamos tanto ver o índio. Uma cousa, porém, chama a nossa atenção; vaga, e, à medida que nos aproximamos mais precisa. Não há mais dúvida; o cruzeiro, que deixamos deitado ao chão, está de pé. Ao redor, amarrados nele, vemos flechas e mais outros objetos.

Apressamos a marcha; subimos a barreira, estamos enfim ao pé do cruzeiro. Está muito bem fincado ao chão e ornado com uma flecha, 4 taquaris, ou taquarinhas, próprias de fazer flechas, mais dois cestinhos da palha de buriti, e 4 ventarolas de palmeiras trançadas. Os meus presentes desapareceram, os Xavante levaram-nos e puseram os seus em seu lugar, sobre a cruz por eles erguida. E a travessa da cruz? Procuramos por toda a parte; desapareceu. Quantas emoções estes fatos fizeram brotar em nossos

corações! Os Xavante aceitam os presentes do Missionário e retribuem com os seus próprios, é sinal de amizade. O desaparecimento dos braços da cruz é também bom sinal. O índio quer a paz, não trança os paus no caminho, não faz a cruz; só o pé está erguido, é a paz!

Gastamos o dia seguinte em uma longa penetração pelo interior. Descobrimos mais dois acampamentos de 24 choças cada um; nada porém de índio; está mais longe. Continuamos a nossa viagem, estudando as margens do rio e seus numerosos lagos em ambas as margens.

A 27 de outubro, descíamos o rio tranqüilamente, quando pouco antes do meio-dia duas flechas partem da mata da margem direita e vieram cair diante da proa do nosso barco. Olhamos o lugar donde partiram as flechas; os Xavante ali estavam, de pé, arcos e flechas na mão, meio escondidos pela mata marginal direita, olhando em paz a nossa passagem. As duas flechas eram aviso de presença.

Dirigimos os nossos barcos numa praia à margem esquerda, frente aos índios. Mando preparar o acampamento e no entanto recolho alguns presentes e volto aos índios. À minha chegada à margem direita, os índios se retiram e se escondem no mato.

Chamo repetidas vezes com palavra amiga, mas não se mostram. Em vista disto deixo em sua frente os presentes a eles destinados e regresso à margem oposta. Quando os índios viram-me à certa distância, vieram tomar os presentes que admiraram com curiosidade olhando de vez em quando para o nosso lado.

Em certo momento, um deles aproxima-se mais do rio e apresenta bela peça oratória. Na mão direita levanta um punhado de flechas, que parece ofertar. Se não entendemos as palavras em uma língua completamente desconhecida, bem percebemos a sua intenção de querer retribuir os presentes com suas flechas. Fizeram-nos compreender, mais por mímica do que por palavras, que deixava as flechas fincadas na praia, o que logo ele faz. Após pequeno intervalo dirijo-me novamente à margem direita. Os índios se retiram e desaparecem. Recolho as flechas, deixo novos objetos e regresso. Os índios vem e tomam os presentes. Repete-se a cena das flechas e a troca de presentes de ambas as partes por cinco vezes neste dia. Assim os

índios recebem numerosos cobertores, roupas, fazendas, lenços, facas, facões, anzóis, linhadas, espelhos, colares, tesouras, brinquedos, e também alguns machados, foices, enxadas, etc. E o Missionário recolheu algumas flechas.

Notamos também neste dia a presença de outro grupo de índios às nossas costas, na margem esquerda. Mandam eles suas flechas de aviso e levamos alguns cobertores e mais objetos na mata marginal. De manhã tudo havia desaparecido.

Pernoitamos em frente aos índios, ou melhor, entre os índios, pois tínhamos um grupo em frente e outro nas costas. Tivemos sentinelas alertas. A noite, porém, foi sossegada.

De manhã, após a Missa campal, renova-se a cena dos presentes. Durante a noite o número dos índios havia aumentado e assim vimos à nossa frente um número deles superior a 30, e sem nenhum sinal de hostilidade. A certo momento começaram a imitar algum animal da floresta e os meus companheiros logo a remendá-los. Assim neste original exercício vimos desfilar em nossa frente grande número de animais e pássaros. A onça que tão bem nos soube enganar no começo da viagem, então apareceu.

Mas os índios da margem esquerda, talvez quisessem mais presentes, pelo meio-dia mandam-nos mais duas flechas de aviso, e infelizmente uma delas veio ferir-me no braço esquerdo, atravessando-o de parte a parte. A hemorragia foi grande, mas não houve conseqüências desagradáveis e em quinze dias a ferida estava completamente cicatrizada. Houve um natural alvoroço no meio dos meus companheiros; com muita calma e energia consegui tranqüilizar a todos.

Um fato notável deu-se então. À margem direita, um índio, o chefe, fez uma longa fala, enérgica, em voz muito alta.

Sem dúvida interpela seus irmãos da margem esquerda, explica que somos amigos. De fato, tudo entra em ordem e volta a tranqüilidade.

Após o curativo de minha ferida, resolvemos levantar acampamento, pois a chuva ameaça, o frio sobe, a praia desaparece, o nosso pouso torna-se impróprio. Os nossos mantimentos estão também nas últimas, a fome ameaça. Com marcha forçada alcançamos o rio Araguaia, onde encontramos

um pouco de alimentos nos poucos pousos, o necessário para alcançarmos Araguaiana após 5 longos meses de penosa viagem.

Eis aí o resultado dos nossos esforços durante este ano findo. Vejo confirmadas as minhas impressões do ano inteiro. O índio Xavante vem se aproximando do Missionário. Desta vez foi ele que deu sinal de presença pelas duas flechas mandadas diante de nosso barco e foi ele que ergueu o cruzeiro dos padres, enfeitando-o com presentes. São estes os primeiros presentes deixados pelos índios Xavante.

O índio ainda não se sente muito seguro conosco, pois afasta-se quando queremos chegar mais perto dele. Mas pouco a pouco há de se aproximar cada vez mais para receber mais carinhos, amparo e instrução que o Missionário lhe vem trazer.

Já este ano começamos a nossa moradia com plantação anexa. Os moradores do Araguaia seguem curiosos os nossos passos, esperando a ocasião oportuna para se estabelecerem no Rio das Mortes, ao nosso lado.

Por observação nossa, será fácil ligar por terra o nosso rancho de São Domingos no Rio das Mortes, com o povoado de São José do Araguaia, por uma estrada de pouco mais de 10 léguas. Ficamos ligados a Cocalinho por vinte e poucas léguas e por 40 até o porto de Leopoldina. Outra estrada pelo interior pode ligar diretamente com Araguaiana, com 50 ou 60 léguas.

Os terrenos entre os rios das Mortes e o Araguaia prestam-se admiravelmente à criação de gado pela beleza de suas campinas. Possui também matas muito boas que hão de sustentar seus moradores. As aguadas são numerosas e excelentes.

Os caboclos dos sertões adjacentes de Goiás e Mato Grosso olham com inveja estas campinas imensas e só esperam a pacificação da numerosa e belicosa tribo dos índios Xavante. É a marcha para o centro, para o Oeste, que existe já nesta zona.

Os Xavante, no mês de junho último, percorreram a zona sul do território, margeando a estrada que vai de Goiás a Cuiabá. No caminho encontraram os Bororo, tinham a seu favor a surpresa e o número, eram 20 contra 3. Pois pela primeira vez, talvez, os Xavante não aproveitaram da sua superioridade. Lançaram algumas flechas, avisando por elas os Bororo de

sua presença, levantaram-se e retiraram-se pacatamente perante os Bororo admirados.

Poucos dias depois este mesmo grupo de Xavante encontrou um rancho em seu caminho. Eram civilizados. Os índios atearam fogo no rancho após ter morto seus moradores. É sempre o ódio do branco que anima o índio; o ódio da carabina malfazeja que o procura na mata qual onça perversa.

Espero por estes fatos que V.Ex.^a há de fazer-se uma idéia certa da conveniência da penetração pacífica dos Missionários Salesianos nesta zona imensa e rica do nosso interior, a oeste, a penetração que há de congregar os índios Xavante, fazendo-os amigos e bons brasileiros, como já se tem feito com os Bororo, abrindo deste modo nova e imensa zona para a agricultura, a criação de gado, fazendo aparecer as lendárias e ricas minas do Rio das Mortes para vantagem e riqueza do nosso Brasil.

E por esta idéia e por esta conveniência deixo ao alto critério de V. Ex.^a o escolher e determinar os meios de amparar a Missão Salesiana entre os índios Xavante afim de aumentar a sua proficiência e seus frutos.

Rio de Janeiro, 18 de fevereiro de 1.938

Assinado: Padre Hipólito Chovelon,
Diretor da Missão Salesiana
entre os índios Xavante.

RELATÓRIO DE 1.938

**Ex.mo Sr. Dr. Getúlio Vargas,
DD. Presidente da República do Brasil.**

MISSÃO SALESIANA entre os ÍNDIOS XAVANTE

Ao terminar esta última penetração nas matas do Rio das Mortes, venho cumprir o grato dever de comunicar de V.Ex.^a os frutos de maior relevo e os resultados da nossa avançada.

Este ano findo foi um ano de dificuldades e de contrariedades sem fim.

Desde o início da viagem, no mês de junho, a lentidão dos transportes nos fez perder longos e preciosos dias.

No fim de junho, ao experimentar os dois motores de popa, estes negam o seu serviço, as bombas de comum acordo não funcionam, após várias tentativas baldias, foi preciso lançar mão de um tanque de água provisório ligado ao motor afim de refrigerá-lo.

Ao sair de Araguaiana escapamos de um grande prejuízo, de um desastre. É que passando pela Cachoeira Grande, o motor falhou e fez perder a direção da embarcação que foi batendo de pedra em pedra, jogando três homens na água e parte da nossa carga. Felizmente encarando o perigo com calma e sangue frio pudemos tudo recuperar. Um camarada, porém, meio atordoado, desce a correnteza entre duas águas, podendo afinal agarrar-se a um rochedo já à beira do grande rebojo que termina a cachoeira. Após duas horas de bom descanso, fazendo secar ao sol as nossas malas la-

vadas pelas águas, pudemos enfim continuar a nossa viagem.

Pelo fim de julho pude completar a comitiva de onze pessoas e deixar o porto de Leopoldina.

Ainda no Araguaia, por um descuido do motorista, a tampa do carburador cai na água e desaparece nas profundidades do rio. Sério problema! Após várias experiências achamos a solução: o motor torna a funcionar com uma tampa de madeira talhada a canivete.

Descemos o Araguaia com vagar, afim de poder encontrar o correio que vem do Conceição do Araguaia uma vez por mês. Talvez nos traga notícias de dois Xerente que esperamos desde o princípio de julho para servir-nos de intérpretes com os Xavante.

Encontramos com o correio a 9 de agosto; os Xerente não haviam aparecido! E haviam prometido a sua cooperação.

No mesmo dia entramos no Rio das Mortes.

No dia seguinte, 10 de agosto, encontramos um grupo de mariscadores a pegar peixes com auxílio de vários Carajás, nossos amigos. Entre estes havia os capitães Maluá, Zé Caolho, Severo, Crumaré. Deram-nos notícias dos Xavante, que não estavam muito longe, diziam, parecendo esperar alguém. Seguimos rapidamente com a esperança de encontrá-los.

A 11 de agosto entramos em um beco do rio à margem esquerda, não sabendo com certeza se fosse algum afluente. Após três horas de viagem, voltamos ao mesmo rio acima, verificando tratar-se de um braço do Rio das Mortes; é o furo "Dom Malan", que nos fez evitar umas pedras muito perigosas.

A 12, já à tarde, chegamos à Ilha dos Xavante, onde foram eles encontrados em 1.935. Ali encontramos várias jangadas dos Xavante, sinal da passagem recente deles. Na praia havia restos de acampamento da bandeira Piratininga. Fomos pousar pouco adiante.

No dia seguinte, cedo, encontramos a bandeira, atracamos as nossas embarcações para conversarmos. Soubemos que na véspera haviam encontrado um grupo de Xavante, tendo havido uma rusga séria com eles. Mostraram-nos um deles bem machucado nas costas, pelo cacete dos Xavante, e um índio Carajá com o antebraço varado por uma flecha. Os bandeirantes

logo disseram não haver atirado contra os índios, tendo-se contentado conservá-los à distancia, com foguetes, bombas, e alguns tiros no ar. Outras notícias que recolhemos no fim da viagem e por eles deixadas pelo caminho, mostram que o encontro foi bem mais sério.

Neste dia 13 de agosto fomos pousar, quase à noite, em frente à Barreira dos Padres, onde os padres Pedro Sacilotti e João Fuchs foram trucidados pelos Xavante a 01-11-34. Ali falhamos dois dias por serem domingo e dia santo. Fomos visitar o lugar de tão triste recordação. O cruzeiro reerguido pelos próprios índios em 1.937 estava sempre de pé. Nem sequer um sinal da passagem dos índios. Fizemos levantar várias fumaças para chamar o índio. Não houve resposta. Visitamos mais dois longos furos de parte e outro do rio, deixamos presentes para os índios ao pé da cruz e seguimos rio acima.

A 17 de agosto chegamos em São Domingos. Encontramos o nosso rancho bem conservado. A plantação não dera resultado pelo longo abandono e falta de trato em que estivera. As formigas haviam tudo devorado.

Fizemos nova derrubada. Demos uma grande volta de 5 léguas a pé ao redor do morro de São Domingos. Do outro lado do morro encontramos um acampamento dos Xavante; era do ano anterior e abandonado. Nenhum rasto recente.

A 23 de agosto continuamos viagem rio acima. À nossa partida levantou-se uma fumaça não muito longe. Os índios estavam por ali investigando a nosso respeito, mas não se deixaram ver.

No dia seguinte chegamos à cachoeira e ao rio São Rafael. Ali estavam uns bandeirantes de guarda às embarcações deles. A comitiva havia seguido por terra e aguardavam a volta deles. Em vista disso regressamos, passando rapidamente em São Domingos e na Barreira dos Padres.

Por pouco de alcançarmos a Ilha dos Xavante, paramos no lugar do encontro do ano anterior. Perto da prainha onde havíamos trocado presentes com os Xavante, encontramos um parí, ou antes uma caiçara, ou cerca tosca feita de paus quebrados e fincados ao chão afim de fechar o caminho dos peixes para não voltarem ao rio e guardá-los na lagoa. Nesta lagoa havia vários giraus sobre as águas, de onde os índios vigiam e flecham

os peixes na água. Nas margens encontramos boa quantidade de pedaços de cipós timbó de que usam para tinguir as águas e entontecer os peixes facilitando a sua apreensão.

Ali, sobre rastos recentes, do tempo da nossa subida e da passagem da bandeira, deixamos presentes para os índios.

Na Ilha dos Xavante fizemos várias entradas de lado e de outro do rio.

Pela margem esquerda, achamos atrás de uma ilhota um braço do rio. Por ele entramos boa légua até seu fim e encontramos um caminho bem trilhado pelos índios. Indo por ele chegamos a um acampamento de umas 43 choças, e, perto, um córrego com muita água e muito comprido. Examinamos bem os rastos dos índios, vimos que eram do tempo da passagem da bandeira e que, depois, os índios haviam desaparecido sem deixar indicação alguma da direção que haviam tomado.

Na margem direita, vimos outro acampamento perto da margem. É ali que houve a rusga entre os índios e os bandeirantes. Não havia choça alguma. Os índios estavam bem abrigados pela mata alta, bem copada, com muitos jatobás, cujas cascas de fruta encontramos com abundância.

Seguimos pelo caminho dos índios. Meia légua adiante encontramos a barreira alta e bela do rio; subimos e fomos mais meia légua por baixo da mata e do cerrado. Com grande surpresa nossa encontramos cápsulas de fuzil no chão: os bandeirantes haviam passado por ali. Mais adiante o cerrado estava recém-queimado, o caminho desaparecia perdendo toda direção. Voltamos atrás.

Enquanto fazemos estas várias explorações, acendemos fogos na Ilha dos Xavante em meio do rio. Com nosso grande pesar, não houve resposta; os índios estavam longe, ou não quiseram responder.

A 31 de agosto determinamos voltar a São Domingos. De manhã cedo, na hora da partida, quatro dos meus camaradas resolveram desistir da viagem e regressar às suas famílias. Pairava no ar qualquer dúvida sinistra a respeito das intenções dos Xavante.

Pelos indícios, pelas poucas palavras trocadas com os bandeirantes, via-se que os índios estavam descontentes com o ataque sofrido. Podia-

se recear qualquer reação por parte deles, que então não fariam distinção entre os viajantes do rio. Este termo, aliado a uma forte saudade da família, causada pelo isolamento, é que levou estes homens ao regresso. Nem as minhas palavras, nem o exemplo dos que ficaram comigo os detiveram. Voltaram. E nós fomos rio acima. Éramos ainda seis pessoas.....

No dia seguinte passamos na barreira dos Padres. Os presentes estavam no mesmo lugar, intactos; nenhum sinal de presença. Fomos adiante.

No dia 2 de setembro explode um motor. O "cartor" racha em toda a sua largura, um pedaço salta no rio. Dentro, uma biela e um mancal com parte do virabrequim quebrados. Não há conserto. Amarro os dois batelões. Um motor só arrasta bem os dois barcos. Embora mais devagar, vamos adiante.

Chegamos novamente em São Domingos, com dois homens doentes. Com descanso e tratamento tudo passou. Neste mês de setembro tive que cuidar, um após outro, dos cinco homens que me ficaram. Assim mesmo, com vagar, pelos convalescentes, podem aumentar a nossa casa, queimar a roça e nela lançar novas sementes.

Desta vez o fogo da nossa queimada respondeu outro fogo à esquerda. Os Xavante estavam ali. Em certo dia em que exploramos uma boca de lago e o interior deste, avistamos nova fumaça dos índios. Chamamos, procuramos, deixamos presentes, mas dias depois, encontramos tudo intacto. Fizemos também longas excursões pelo interior. Nada mais conseguimos.

A 26 de setembro resolvemos voltar, já começavam as chuvas. Passamos mais uma vez na Barreira dos Padres, onde paramos uns dias sem resultado. Demoramos mais uns dias na Ilha dos Xavante, percorrendo novamente os lugares já conhecidos. Os presentes lá estavam como havíamos deixado.

A 7 de outubro, na véspera da nossa saída do Rio das Mortes, ainda avistamos mais uma fumaça dos índios em nossa frente. Era tarde, na hora do pouso, e choveu durante a noite toda. De manhã foi-nos impossível reconhecer qualquer indício dos índios pelo mato a dentro.

Em outubro e novembro, tomando novo pessoal, mais descansado, consegui levar a efeito uma longa penetração por terra nas adjacências do Rio das Mortes. Por ela verifiquei como neste ano os Xavante andaram muito cautelosos em não deixar vestígios seus pelos campos por onde tem andado.

Agüentamos com chuvas abundantes e fortes temporais durante toda a primeira quinzena de outubro e pudemos alcançar novamente Araguaiana a 26 de novembro.

Por estas notas de viagem pode V.Ex.^a ver e aquilatar os sacrifícios superados felizmente por esta última expedição. Também ressalta à vista a inutilidade da entrada de "bandeiras" nas zonas não ainda pacificadas. Em geral os seus componentes não tem bastante sangue frio, prática do sertão e tato para enfrentar a presença dos índios, o que origina rusgas desagradáveis, como tivemos que lamentar nas bandeiras do Rio das Mortes em 1.937/1.938.

Desconfiados, os Xavante, sem deixar vestígios, percorrem os limites do seu território, para sondar os moradores da sua vizinhança. Vítimas pelas bandeiras são estes pobres moradores. A passagem dos índios este ano tem assustado várias famílias. Contra as bandeiras reage o índio, reabrindo a ferocidade contra os brancos; e sinto-me grandemente surpreendido em ter suportado lutas diretas com o gentio. Sabiam muito bem onde andava eu com a minha reduzida comitiva, pois por cinco vezes percebemos claramente que estavam ao nosso lado. E não fizeram ato algum de hostilidade para conosco. Isto vem provar mais uma vez de como o índio sabe distinguir as intenções dos viajantes do Rio das Mortes.

Pelo acontecido nestes últimos anos, ousarei pedir a V.Ex.^a fosse realmente mantida a proibição da entrada de qualquer comitiva que demandasse o Rio das Mortes. E isto afim de não porem obstáculos aos que tratam "ex officio" do magno problema da civilização dos nossos indígenas.

A Missão Salesiana continuará neste ano, com pessoal de inteira confiança, até ultimar as suas instalações no Rio das Mortes, para melhor estudar a índole dos Xavante e conseguir uma definitiva aproximação que possa dar início à educação desta nova tribo.

RELATÓRIO DE 1.939

**Ex.mo Sr. Dr. Getúlio Vargas,
DD. Presidente da República do Brasil.**

MISSÃO SALESIANA ENTRE OS ÍNDIOS XAVANTE

Encetamos a viagem deste ano ao Rio das Mortes com a compra de um batelão grande e novo, construído nos estaleiros de Santo Amaro, em São Paulo, e com um novo motor Penat, afim de reforçar e garantir os dois velhos já com três anos de uso cada um.

A 29 de julho iniciamos a nossa jornada, partindo de Araguaiana com os augúrios de boa viagem dos nossos Irmãos e da população.

Em Leopoldina encontramos a comitiva do Capitão Flaviano de Matos Vanique, que ia até o porto de Santa Isabel, na Ilha do Bananal, afim de preparar ali a chegada do Ex.mo Sr. Dr. Getúlio Vargas, DD. Presidente da República, em visita ao interior do Brasil.

O bravo Cap. Vanique estava em apuros, pois em Leopoldina não encontrou condução alguma para a Ilha do Bananal, apesar do que lhe haviam prometido em Goiânia. Nestas circunstâncias vim oferecer-lhe um batelão que já havia adquirido como auxiliar do meu, e na última hora coloquei nele um motor de pópa de que podia dispor, facilitando, desta forma, a viagem de sua distinta comitiva.

Na descida do Araguaia, já encontrei as primeiras dificuldades. Um companheiro de viagem, moço cheio de entusiasmo e de força, sucumbiu à perfídia da febre maleita, que nele se manifestou com muitas dores e

paralisia de todo o lado esquerdo, ameaçando o próprio coração. De pouco que valeram os remédios que lhe foram administrados em viagem. E é neste estado de profundo aniquilamento e de dor que alcançamos o porto de Santa Isabel.

À nossa chegada a comitiva do capitão Vanique veio pressurosa nos receber, mas a sua alegria mudou-se em sincera tristeza à vista do estado de Yves Bernanos, que já souberam estimar nos dias de nossa permanência em Leopoldina. Procuraram aliviar suas dores, mas vendo inúteis os seus esforços, reconheceram que nestas condições não podia continuar a viagem pelo sertão e prontamente cederam um lugar ao pobre moço no avião esperado e que devia seguir no dia seguinte. Profundamente grato por este ato de generosidade, aceitei a oferta, e Yves Bernanos foi carregado no avião no dia 24 de agosto. A viagem com a mudança de clima fez-lhe muito bem e com bons tratos no Rio em pouco tempo se restabeleceu.

No dia seguinte prosseguimos a nossa viagem, entrando no Rio das Mortes para nos aproximarmos dos índios Xavante. No primeiro dia de setembro um motor recusou funcionar, tinha uma vela queimada e os mancais muito roídos. Nestas alturas o remédio foi deixar uma embarcação com o motor inutilizado e caixas de gasolina escondidos no mato e seguir só com o batelão grande. Já outro motor havíamos deixado em Santa Isabel, inutilizado na descida. Deste modo o motor novo suportou todo o peso da viagem.

Nos aproximamos da Ilha dos Xavante onde houve o atrito entre eles e a bandeira Piratininga no ano anterior. Nossa chegada foi pressentida pelos índios que levantaram várias colunas de fumaça. O campo de ambas as margens estava queimado. Vamos ao lugar da rusga. Entramos um pouco e fomos surpreendidos por uma flecha fincada no meio do caminho; os Xavante não querem que se passe além: é o sinal. Deixamos ali vários presentes, facas, cobertores, espelhos... outros deixamos na beira do rio, em vista, e mais outros sobre umas balsas na ponta da ilha. Tudo fizemos perscrutando os arredores, chamando, convidando os índios a virem, mas debalde.

No dia seguinte, 5 de setembro, examinamos a outra banda do rio, à margem direita. Havia rastos de índios. Também ali deixamos presentes.

Passamos o resto do dia visitando a margem esquerda, penetrando pelo interior pelo caminho dos índios. Vimos sinais de restos de comida pelo chão.

Estavam conosco dois alemães, um deles fez parte da bandeira Piratininga e contou-nos como o chefe mandara atirar com a metralhadora sobre os índios três vezes. Eles queriam seguir até a aldeia aproveitando a nossa companhia, mas todos de acordo recusamos visto como os índios não aceitam a penetração no meio das famílias. Haja visto o que aconteceu com as bandeiras nos anos passado e atrasado. A nossa Missão consiste em alcançar o índio por bons modos e não à força. Mais tarde eles mesmos nos hão de conduzir a suas aldeias.

Renderam-se às nossas razões e no dia seguinte, como haviam combinado conosco, regressaram rio abaixo em suas canoas para Santa Isabel. Alcançaram a comitiva do Capitão Vanique na barra do Rio das Mortes e a ela se incorporaram.

À noite deste dia, 6 de setembro, fomos surpreendidos por dois fogos dos Xavante em ambos os lados do rio na altura do nosso acampamento na Ilha dos Xavante. Tocamos vitrola, respondemos com outro fogo, chamamos, só o silêncio nos respondeu. Alta madrugada, vários bichos cantaram, jaós, mutuns, emas,... respondemos, imitando-os. Tudo cessou com o dia.

De dia fomos ver os presentes. Estavam intactos, nem sinal, nem rasto de índio. Perambulamos pelos arredores, mas nada mais houve. Subimos então mais um pouco rio acima até a praia do nosso encontro com os Xavante em 1.937, onde recebi uma flechada no braço.

Lá encontramos várias balsas em seco e rastos de índios. A tapagem do lago ainda estava, porém meio enterrada no lodo, e os matames ou girais levantados no lago para dali flechar os peixes entontecidos pelo timbó. Andamos pelo interior, não havia caminho nem rastos. Deixamos presentes na árvore e fomos pousar em frente, à margem esquerda.

Lá também, no dia seguinte, 8 de setembro, percebemos rastos no fim da praia. Seguimos por eles bastante longe e acendemos um fogo convidando os índios. De fato, à noite estiveram ao nosso lado, acima e abaixo do acampamento, com cantos de marrecão, jacurutu, e outros. Respondemos e

chamamos, então calaram. Os índios andam muito desconfiados com os tratos das bandeiras. A confiança que tão bem manifestaram em 1.936/1.937, ficando então dois dias em nossa presença, desapareceu, e será custoso conquistá-la novamente.

No dia 9 voltamos à Ilha dos Xavante, ainda recebidos com fumaças nas margens. Os presentes estavam no mesmo lugar. Fomos pousar na boca de um furo, meia légua abaixo.

No dia seguinte descemos por este furo, que é raso em muitos pontos. Descemos com vagar estudando, acendendo algum fogo pelo caminho. Em certo ponto percebemos rastos, fomos por eles, apesar de sabermos que podiam ser dos alemães que, em sua descida, por ali tentaram aproximar-se da aldeia.

Mas em pouco voltaram, e apressados... talvez suspeitando alguma cilada por parte dos índios. O dia todo passamos neste furo que deve ter umas 4 léguas de comprimento e só à noite regressamos ao acampamento. Durante o dia várias fumaças se levantaram em diversos pontos ao redor, mas ninguém ainda apareceu.

À noite, vários bichos estiveram perto de nós. Respondemos e fizemos música, e só. Esperamos pelo dia seguinte e como nada aparecia resolvemos subir novamente.

Na Ilha dos Xavante os presentes estão no mesmo lugar; no encontro, da mesma forma. Pousamos mais acima.

A 12 de setembro nos distraímos atrás de uma onça que pegou o melhor dos nossos cachorros e o matou num cipoal fechado. Não pudemos mais caçá-la por falta do cachorro mestre.

Também outras fumaças se levantaram em frente. Os índios nos acompanham, conservamos boa esperança, continuamos rio acima. O dia 14 esteve muito coberto de fumaças. Julgamos fossem os índios que estavam queimando a Barreira dos Padres, como em 1.936. Quando lá chegamos cedo, no dia seguinte, vimos o nosso erro. A barreira estava seca. A cruz sempre de pé, como os presentes do ano passado. O índio não passou ali ou não os quis tomar. Fizemos roçado ao redor da cruz e ateamos fogo para chamar o índio. No dia seguinte deixamos outros presentes na cruz e

seguimos viagem no terceiro dia.

Fomos subindo devagar sempre alertas. Assim a 19, vasto incêndio lavrava no campo perto da Ilha do Pavor, era obra dos índios. Uma boa chuva veio apagar o fogo. A outro dia mais fumaça denunciavam seus autores. A 21, mais colunas de fumo nos acompanhavam. Os índios seguem os nossos passos.

Chegamos em São Domingos a 23 de setembro. Não esperávamos pelo triste acontecimento que nos aguardava. Um camarada levou um tiro de espingarda de um companheiro. Puro acidente de caça. Mas a ferida era muito grave. Toda a carga de chumbo com a bucha e pedaços de calça penetrou pela nádega direita abrindo grande e profunda brecha. O pobre ferido perdeu muito sangue e muito sofreu para regressar ao acampamento nos braços de seus companheiros aflitos. Esperamos alguns dias de melhora com tratamento adequado e tratamos do regresso para proporcionar-lhe melhores recursos.

Ocupados com os cuidados contínuos do nosso doente, não pudemos mais atender aos serviços do nosso rancho, nem continuar a viagem até São Rafael, onde está outra aldeia visitada pela bandeira Anhanguera, nem fazermos excursões pelo interior.

Os índios ainda queimaram o campo atrás do morro São Domingos durante três dias. Respondemos por outros fogos.

No caminho da volta, ainda tivemos notícias dos índios, saudando a nossa passagem com novas colunas de fumo a 14 e 15 de outubro, em direção a um buritizal encima da Barreira dos Padres. À noite deste último dia, o jacurutu veio cantar perto de nós, respondemos e ele calou.

Mais adiante, a 19, ainda novo sinal de fumaça, mas pelo estado melindroso do nosso doente não podíamos nos demorar mais para tentar uma aproximação tão desejada. Em todos os pontos em que deixamos presentes os encontramos no mesmo lugar como os haviam deixado.

Apressamos o nosso regresso. Tomamos no caminho o batelãozinho escondido, com o motor e a gasolina. Chegamos no porto de Santa Isabel, deixamos ali o batelão grande com a carga e duas pessoas de guarda, afim de viajarmos mais rapidamente, alcançar Leopoldina e mandar o ferido

até Goiânia onde foi operado, acabando desta forma com as dores insuportáveis causadas por corpos estranhos ainda dentro e vários chumbos nos nervos. Em dezembro, quando lá passei, já estava de pé, em franca convalescença. Depois voltamos buscar o batelão grande, pois só tínhamos um motor em bom estado.

Pela narrativa supra vê-se como os índios Xavante voltam a trocar sinais de amizade com o Missionário, mas ainda estão muito desconfiados com os maus tratos recebidos no ano anterior. Muito notável, porém, é o fato de não terem eles feito sinal algum de hostilidade durante esta última viagem. Espero pois, a vista destes fatos, seja mantida a proibição de entradas nesta zona, até conseguir plena pacificação.

Umas seis famílias, acedendo ao meu convite, já passaram de Goiás para Mato Grosso, na zona dos Xavante. Esperam pela companhia do Missionário que há de voltar breve e morar com eles. É a fundação do arraial de São Domingos, às margens do Rio das Mortes. Mais seis outras famílias estão prontas a seguir pela mesma zona e esperam a minha próxima passagem para o último acordo. Será boa ocupação para o Missionário, com as escolas necessárias e também boa companhia para percorrer este sertão, em aproximação a estes nossos caros Xavante. Os campos são ótimos para criação, e tencionamos ligar o novo arraial com estradas, de um lado a Coca-linho, Travessão Reuno e Leopoldina, e do outro às Colônias dos Bororos.

Rio de Janeiro, 15-04-1940.

Padre Hipólito Chovelon
Diretor da Missão Salesiana
entre os índios Xavante.

RELATÓRIO do Ano de 1.940

**Ex.mo Dr. Getúlio Vargas,
DD. Presidente da República**

MISSÃO SALESIANA entre os ÍNDIOS XAVANTE

Com o fim de facilitar os transportes de pessoal e carga pelos rios Araguaia e das Mortes, a Missão Salesiana entre os índios Xavante, no Estado de Mato Grosso, fez em São Paulo a aquisição de um bom barco de ferro de 6,20 m de comprimento por 1,50 m de largura e 0,60 m de calado. Dos dois motores velhos fizemos um bom, e, com mais o novo que tantos serviços prestou no ano passado, pudemos viajar com dois motores renovados.

Alcançamos o posto de Santa Isabel, na Ilha do Bananal, a 2 de agosto. Ali encontramos a comitiva encarregada de preparar a Viagem do Ex.mo Sr. Presidente da República. O chefe dos trabalhos com muita delicadeza nos convidou para demorar mais uns dias e assistir a chegada do Sr. Presidente, o que se realizou a 8 de agosto com a presença dos índios Carajás e Javahés na Ilha do Bananal.

O Ex.mo Sr. Presidente muito se interessou pelos trabalhos da Missão. Pelas viagens repetidas do Missionário, o Rio das Mortes vai perdendo o terror que causava aos civilizados. Este terror era e ainda é causado pelo medo que o civilizado tem da flecha do índio, e pelo que o índio tem da carabina do civilizado. Com um pouco de calma pode-se enfrentar o índio e sem procurar demasiada familiaridade com ele pode-se viver em paz

no Rio das Mortes. Vários mariscadores, seguindo estes conselhos do Missionário, já vão encontrando pelo rio acima a fazer peixe.

O índio Xavante, que tão boas promessas havia dado quando do seu encontro amigável com o Missionário, a 27/28 de outubro de 1.937 retirou-se pelas suas matas, por causa de seu infeliz contacto com a bandeira Piratininga, em 1.938, que, por falta de calma e sangue frio em saber suportar um momento difícil e crítico com o índio, entendeu defender-se com fuzis e metralhadoras. Felizmente foi ela chamada imediatamente e até agora foi proibida qualquer nova entrada na terra dos índios.

Em idênticas circunstâncias o Missionário, embora com o braço varado por uma flecha, soube dominar a situação e conter os seus companheiros, evitando com a sua calma e magnitude qualquer hostilidade contra os índios. Nesta ocasião percebeu-se que um grupo de índios reprovava ao outro o seu gesto e grande calma houve entre todos, terminando tudo em paz. Não fosse a infelicidade do ato da bandeira Piratininga, o Missionário achar-se-ia no dia de hoje no meio dos índios tratando da sua educação, enquanto que agora precisa esperar para conquistá-lo à força de bondade, de paciência e de sacrifícios, e quem sabe por quanto tempo.

Convidado pelo Ex.mo Sr. Presidente em sua lancha, visitei com sua Ex.^a os lagos de Santa Isabel e da Guariroba; e no dia seguinte fomos de avião até os formadores do rio Xingu. No caminho avistamos duas aldeias de índios, que pela forma das aldeias, parecem ser índios pertencentes ao grupo dos Tupis. De lá seguimos ao sul até encontrar o Rio das Mortes, cujas voltas reconheci por serem-me familiares. Assim mostrei ao Sr. Presidente o Travessão de São Rafael e o rio do mesmo nome que deságua no Rio das Mortes e no meio deste travessão.

Mostrei também ao Sr. Presidente o Morro de São Domingos, residência da nova Missão, e chegamos a São José do Araguaia para tomar gasolina; e de lá voltando à Santa Isabel. Pelo caminho marquei ao Sr. Presidente a direção das duas aldeias dos Xavante na margem esquerda do Rio das Mortes, um tanto afastadas do rio. Não houve porém possibilidade de avistá-las.

No dia seguinte, 12 de agosto, S. Ex.^a regressava ao Rio de Janeiro

e nós entramos no Rio das Mortes.

A 20 de agosto, passamos pela Ilha dos Xavante. Um passeio pelo campo e pela mata da margem esquerda do rio nos levou até um acampamento dos índios. Estava situado a uma légua do rio e na beira do cerrado, dominando o caminho do rio. Pusemos fogo no campo e pelo cerrado. Nenhum fogo respondeu; os índios não estavam na redondeza. O acampamento mostrava ser um tanto antigo.

A 24 de agosto alcançamos São Domingos, a mais de 70 léguas da barra do rio. O nosso rancho está no mesmo estado; nada fora tocado; os índios não haviam passado. Começamos os nossos trabalhos.

Melhor lugar foi escolhido para a roça; demos início à derrubada, onde reunimos todas as forças dos camaradas.

Depois disto, após vários passeios de exploração e boas informações a seguir, mandei uma turma de três homens abrir uma picada até os povoados próximos de Travessão Reuno e Cocalinho, à beira do rio Araguaia.

Voltaram após mês e meio de ausência, contentíssimos pela bondade do caminho e por ter verificado a exatidão das informações recebidas. Foram a pé e voltaram a cavalo com cargueiros trazendo sementes e mudas para a roça.

Durante a ausência da turma de exploradores, mandei aumentar, consertar e melhorar o nosso rancho; a roça foi queimada, coivarada, com boa cerca, e então recebeu as sementeiras: arroz, mandioca, milho, batatas, feijão, bananas, canas e outras.

Os índios Xavante estiveram ao nosso lado, queimando os campos pelos dias 11 e 29 de setembro, e a 17 de outubro. Os exploradores do caminho trouxeram a notícia que, pelos princípios de outubro, os Xavante haviam queimado duas casas de moradias no Travessão Reuno. O povo ficou alvoroçado por este fato. Depois disto os Xavante voltaram para a sua aldeia, a poente do Travessão Reuno, a cerca de 15 léguas de distancia, pela direita do Rio das Mortes a dentro. Quando nos princípios de novembro, subimos o rio em exploração, achamos o trilho dos Xavante perto do Travessão de São Rafael.

Enfim a 18 de novembro tomamos o caminho de volta, penetrando e estudando vários lagos e furos do Rio das Mortes, entre eles os furos dos Xavante e da presenteação com mais de 5 léguas cada um de comprimento, e um bellissimo lago perto da barra do rio, pelos fundos da chapada de Santa Isabel do Morro.

Este ano deu pois como resultado mais uma viagem pacífica pelo Rio das Mortes. Os índios Xavante, por quatro vezes deram sinal de presença por fumaças do nosso lado. Desaparecem à nossa chegada; não se deixam ver; mas não fizeram ato algum de hostilidade a nosso respeito; não tocaram em nossas coisas. O que nos dá grande esperança de uma próxima nova aproximação.

O Governo de Mato Grosso, compreendendo o alcance desta iniciativa que lhe franqueia o povoamento e o acesso para a navegação do baixo Araguaia e o Rio das Mortes até o Estado do Pará, cedeu ultimamente, a 19-3-1941, um patrimônio de 8 léguas para os futuros moradores com isenção de impostos por dez anos.

Temos agora uma estrada que nos coloca a cerca de 20 léguas de Travessão Reuno e da Vila de Cocalinho, a 60 léguas da cidade de Araguaiana em Mato Grosso; e em Goiás a menos de 35 léguas de Leopoldina, e de 100 léguas da estrada de ferro em Anápolis.

Esperamos este ano começar um caminho que nos aproxime da Colônia Sagrado Coração de Jesus de Merúri, dos índios Bororo, com uma distancia de cerca de 60 léguas, e mais outro tanto até Cuiabá, capital do nosso estado.

Em todas estas obras fica cada ano afirmada a voz do Ex.mo Sr. Presidente da República, Dr. Getúlio Vargas: A MARCHA PARA OESTE. Este sertão tem reservas imensas que o Brasil deve usufruir, e sentimo-nos ufanos em prestar a nossa modesta colaboração nesta grande obra.

Rio de Janeiro, 25-04-1941

Padre Hipólito Chovelon
Diretor da Missão Salesiana
entre os índios Xavante.

RELATÓRIO DE 1.941

**Ex.mo Sr. Dr. Getúlio Vargas,
DD. Presidente da República do Brasil.**

MISSÃO SALESIANA entre os ÍNDIOS XAVANTE

Este último ano de 1.941 marcou mais um progresso na nossa Missão.

O nosso pessoal, animado com a tranqüilidade dos índios Xavante a nosso respeito, permaneceu o ano inteiro na sede de São Domingos.

Aumentamos a casa central da Missão, que mede atualmente 18 x 5 m, com bons pisos, paredes novas e portas de madeira.

Ao lado temos a casa do encarregado dos serviços, outra para uma família e ainda um rancho para o beneficiamento da mandioca (farinha), cana de açúcar e cortume.

Juntamos um pouco de gado vacum e cavalari para os serviços de lavoura e transportes.

Temos presentemente na sede da Missão seis famílias com um total de 20 pessoas, contamos com mais de 30 famílias que já se encontram em movimento para o patrimônio de São Domingos, perfazendo um total de mais de 200 pessoas e que trarão consigo cerca de 2.000 cabeças de gado.

As vantagens de posse da terra cedida pelo Estado de Mato Grosso e a isenção de impostos por 10 anos tem muita influência para a concorrência do povo que se fixará na região.

Não fossem as dificuldades administrativas surgidas pela má inter-

pretação por parte do Serviço de Proteção aos Índios, tínhamos uma afluência muito maior.

Temos, porém, pela confiança de que o alto descortino do governo saberá resolver sabiamente estas dificuldades para o bem de todos e o progressivo desenvolvimento da região.

No correr do ano notamos várias aproximações dos nossos índios Xavante, finalidade precípua dos nossos sacrifícios neste sertão.

Já a 23 de setembro último, navegando pelo Rio das Mortes, estes índios vieram nos reconhecer, imitando da mata ao nosso lado o canto de vários animais. Pelas nossas respostas, o índio nos identificou, deixando-nos viajar em paz.

A 28 do mesmo mês encontramos a turma do Serviço de Proteção aos Índios, chefiada pelo Dr. Pimentel Barbosa. Trocamos animadamente as nossas idéias sobre os índios. Poucos dias depois, essa expedição seguiu viagem pelo outro lado do Rio das Mortes, rumo as aldeias dos índios Xavante nas encostas da Serra do Roncador. Afim de não criarmos embaraços aos seus esforços, desistimos de procurar encontro com os mesmos índios enquanto durassem os trabalhos desta expedição.

Pelo dia 20 de outubro, um fogo foi visto, no começo da noite, em frente a São Domingos, na margem oposta do rio. São os Xavante que se aproximam, é a voz corrente dos meus companheiros.

Respondemos com outro fogo e imitamos as vozes de vários animais silvestre. Só o silêncio tivemos como resposta e a tranqüilidade dominou o resto da noite.

Relembrando este fato durante a noite, pensei logo que os Xavante haviam se aproximado para saberem se eu estava em casa com meus companheiros; os outros que estavam pelo interior não eram portanto os meus, e um calafrio percorreu-me o corpo ao imaginar o que poderia acontecer a sorte do Dr. Pimentel.

Na última semana de outubro fizemos uma viagem rio abaixo até 250 quilômetros da sede da nossa Missão. Chamou-nos muito a atenção o fato de não encontrarmos indício algum da presença dos Xavante, numa zona por eles muito freqüentada. Em vários pontos aportamos procurando

vestígios deles, mas tudo em vão. Os Xavante estavam se reunindo ao redor da expedição do Dr. Pimentel.

A 8 de novembro chegou-nos a notícia do massacre da comitiva pelos índios, ocorrida dois dias antes. Logo, com a nossa lanchinha fomos buscar os sobreviventes com suas bagagens, acolhendo-os em nossa residência, para que não ficassem isolados, sujeitos a qualquer surpresa.

No dia seguinte fornecemos para dois deles poderem levar a notícia ao posto próximo, Cocalinho e Leopoldina. À tarde desse mesmo dia os Xavante chegaram às redondezas de nossa casa, examinaram tudo e se retiraram sem que fossem vistos. Notamos uma grande fumaça que os chamava na volta do rio, a cerca de 2 quilômetros de distancia, e os gritos deles ao se retirarem.

No dia seguinte vimos os rastros dos índios por cima dos cavaleiros que teriam caído nas mãos deles caso não tivessem tido bons animais para a viagem.

Os Xavante deram prova, mais uma vez, que nos respeitam, e não é para menos. Constantemente vem ver os nossos trabalhos com os índios Bororo que não mais hostilizam. Reconhecem que formamos a mesma Missão, e deixam-nos em paz. Guardam-nos esta amizade que formaram conosco em 1.937, quando ficaram admirados pelo fato do Missionário não ter reagido ao ter o braço varado por uma flecha de um deles.

Pelo acontecido podemos afirmar que se a Missão não estivesse nas proximidades, os Xavante teriam feito mais seis vítimas, pois estavam os coitados remanescentes sem alimento, sem condução, sem recursos de espécie alguma e com o ânimo profundamente deprimido pela morte de seu chefe. E os índios estavam seguindo os seus rastros.

Durante um mês a Missão sustentou a vários componentes dessa malograda expedição, auxiliando-os em tudo que fosse do alcance de suas forças.

A nossa estrada de São Domingos a Cocalinho, por nós aberta, no ano passado, foi muito percorrida durante este ano, por nossos camaradas, pelos colonos, bem como pelo S.P.I., que dela se aproveitou para sua penetração, e por moradores do Araguaia que vieram visitar os nossos traba-

lhos e conhecer os belos campos naturais que nos rodeiam.

Não foi ainda possível abrir a estrada em direção a Cuiabá. Colhemos no entanto boas informações sobre a zona que deverá cortar, o que muito auxiliará os próximos reconhecimentos.

De acordo com o Governo do Estado de Mato Grosso, esperamos convidar colonos para o povoamento das terras entre o Araguaia e o Rio das Mortes, até o paralelo que passa pelo patrimônio de São Domingos, sendo colonizados, também, vários pontos elevados nas margens do rio Araguaia.

Este programa de povoamento está intimamente ligado ao problema da PACIFICAÇÃO dos índios Xavante.

Pelo trabalho constante e pelo exemplo, esperamos influenciar o ânimo do índio que acompanhara, vivamente interessado, o progresso e a ordem dos colonos orientados e amparados pelo Missionário.

Estaremos bem recompensados vendo esta vasta zona povoada, pacificados os nossos Xavante, impelidos desta forma mais para o Oeste os limites econômicos do nosso Brasil.

Rio de Janeiro, 25-04-1.942

Padre Hipólito Chovelon
Diretor da Missão Salesiana
entre os índios Xavante.

RELATÓRIO DE 1.942

**Ex.mo Sr. Dr. Getúlio Vargas,
DD. Presidente da República do Brasil.**

MISSÃO SALESIANA entre os ÍNDIOS XAVANTE

Em relação aos índios Xavante, no decorrer do ano de 1.942, deram-se os fatos seguintes:

A 15 de abril de 1942, saía de São Domingos uma expedição com o fim de recolher os restos mortais das seis pessoas do S.P.I. vitimadas pelos índios Xavante a 06 de novembro de 1941. O Sr. Ladislao da Rocha Cardoso, da Missão Salesiana, servia de guia e prestou serviços, dando provas de belo espírito de sacrifício e de abnegação. Havia ainda muita humildade pelo sertão, andando freqüentemente os viajantes dentro da água que lhes subia às vezes pela cintura e até pelo peito.

No regresso da expedição, o Sr. Accioly Lopes, Inspetor do S.P.I., adoeceu gravemente de febre malária, sendo o mesmo carregado pelos seus companheiros de marcha. Chegaram todos com febre, mas chegaram, devida a energia do Sr. Ladislao da Rocha Cardoso, que se recusou em abandonar pelo sertão o Sr. Luís Accioly Lopes, mau grado o pedido deste, que, ao se ver muito abatido, sem forças para caminhar, e os companheiros fracos, pedia instantemente, que o abandonassem à sua sorte, a fim de salvar aos outros todos.

Não obstante este ato de generosidade e caridade cristã, o Sr. Ladislao e a Missão foram retribuídos com a mais negra ingratidão pelas infor-

mações malévolas do mesmo Sr. Accioly a nosso respeito, embora fosse ele mais tarde demitido de seu cargo a bem dos serviços públicos.

A 18 de outubro de 1.942, um grupo de pessoas, composto de elementos da Missão Salesiana e do S.P.I., estava de pouso numa praia à margem direita do Rio das Mortes, a cerca de 60 quilômetros de São Domingos. O Sr. Latiel Fernando Pereira atravessou o rio numa canoa na barra do Córrego Nunes, à margem esquerda do Rio das Mortes, quando foi ferido no joelho por flecha atirada por um índio Xavante escondido na mata que rodeia a barra do córrego Nunes. Com a flecha no joelho, conseguiu embarcar na canoa e voltar na praia, onde foi tratado pelos companheiros, extraíram a flecha que atravessara as carnes ao lado do joelho, apontando do outro lado. A flecha era de taboca, larga dois centímetros ou pouco mais, dessas próprias para sangrar. O doente foi recolhido à sombra da barraca.

Enquanto faziam os curativos, o Sr. Gustavo Otto Filho, encarregado do Posto do S.P.I. do Rio das Mortes, adiantou-se na praia em frente a boca do córrego Nunes e interpelou os índios. Pouco a pouco estes vieram aparecendo, respondendo com o maior silêncio. Este silêncio dos índios não era de bom augúrio, o Sr. Gustavo retirou-se.

Ladislao da Rocha Cardoso, encarregado da Missão Salesiana, aproximou-se então dos índios, dando-se a conhecer e reprovando-lhes o terem ferido o seu companheiro com a flecha. Falava ele por gestos e por palavras, mostrando-lhes o companheiro ferido. Os índios reconheceram-lhe a voz e as feições, manifestando sua velha amizade firmada no memorável encontro de 27 e 28 de outubro de 1.937, rio abaixo; negaram seu intento de querer fazer mal e mostraram o culpado que apareceu de cabeça baixa. Os índios passaram a conversar animadamente entre si, olhando de vez em quando.

Ladislao, com mais uns companheiros, tomou uma canoa e aproximou-se mais dos índios a fim de melhor os ver de melhor fazer-se compreender por eles. Estes com gestos e palavras pediram machados e facões. Os nossos recolheram as ferramentas e mais objetos de que podiam dispor, e assim foram dando aos índios facões, machados, canivetes, cobertores, roupas, fumo, camisas, tigelas, pratos, canecas, rede, lençol, toalhas, rapadu-

ras e mais objetos de agrado.

Haviam aparecido uns 60 índios, homens e moços. A cerca de uma légua atrás deles estava uma colina, onde devia estar colocada a aldeia com as famílias. Os nossos regressaram então a São Domingos onde chegaram no dia seguinte.

A 23 ou 24 de março deste ano de 1.943, vieram os Xavante na plantação da Missão Salesiana, de onde levaram as ferramentas que encontraram: enxadas, enxadão, foice, machado. Não causaram prejuízo algum à plantação. Logo que o nosso capataz deu por falta dos objetos, providenciou substituí-los por outros, a fim de que os índios voltassem novamente. Ao mesmo tempo indagou pelas nossas pessoas presentes na Missão se por acaso não tivesse alguém levado os ferros; mas ninguém tinha ido à roça, e os rastos acompanhados por longo trecho do caminho, bem provavam que eram os índios Xavante.

Para se fornecerem de ferramentas os índios Xavante escolheram a plantação da Missão Salesiana.

Por estes fatos vê-se que a nossa amizade com os índios Xavante vai progredindo. Não sendo perseguidos pelos nossos até suas aldeias, vem eles espontaneamente examinar os nossos trabalhos, aproximando-se das nossas plantações. Pouco a pouco tê-los-emos em nossa companhia.

Os trabalhos vão progredindo. Temos mais duas casas para nossos trabalhos agrícolas com o forno da farinha de mandioca e agasalho para mais três famílias. Providenciamos um tacho para rapaduras e açúcar, assim como um engenho de moer canas. Por motivos alheios à nossa vontade, não pudemos aumentar as nossas plantações como era do nosso desejo, mas a antiga continua em bom estado, fornecendo-nos arroz, milho, mandioca, cana, bananas, abóboras, o necessário para vivermos.

Cuidamos de um pequeno gado que nos fornece leite para as crianças e mais um pouco para tomarmos de manhã. Devido ao desastre do afundamento de uma canoa com a qual perdemos 16 volumes, inclusive os nossos recursos, não pudemos aumentar o nosso gado. Achamos-nos em dificuldades atualmente. Oremos, porém. Avante, embora seja com mais vagar.

Por este motivo espero que este Ministério compreenderá este

nosso aperto e conceder-nos um auxílio extraordinário que nos ajude a vencer esta penúria pela qual ora passamos. Contamos com o espírito de benevolência e de caridade cristã do nobre Governo Federal a fim de continuarmos a nossa obra patriótica em prol dos nossos irmãos Xavante, pelos quais não rejeitamos sacrifício algum de nossa parte.

Enquanto a nossa obra de colonização, atendendo às dificuldades da hora presente, ficou ela paralisada, momentaneamente, tendo porém a firme convicção de sua necessidade nesta hora em que o Brasil precisa de todos os seus recursos econômicos, e esperamos encetá-la novamente em breve, contando para isto com o apoio do Ex.mo Sr. Ministro da Mobilização Econômica que, muito amavelmente, pediu o nosso concurso na grandiosa obra da Colonização do Rio das Mortes e da Serra do Roncador.

Rio de Janeiro, 07-07-1.943

Padre Hipólito Chovelon
Diretor da Missão Salesiana
entre os índios Xavante.

DIÁRIO DO MESTRE FRANCISCO FERNANDES

APRESENTAÇÃO DO AUTOR

Francisco Fernandes Sanchez nasceu em Bejar, na Espanha, aos 04 de abril de 1891. Nesta cidade natal frequentou o colégio salesiano e em 1919 entrou no noviciado para se fazer salesiano. Optou pela vida salesiana laical. Era de uma inteligência avantajada. Isto se mostrou sobretudo pela sua facilidade de escrever artigos dos mais diversos.

Em 1922 segue seus ideais missionários rumando para as Missões de Mato Grosso. Depois de uma decepção ficando um ano em Corumbá, segue no ano seguinte para Merúri. Professor na escola, maestro de música, me-tereologista e agricultor, eis suas atividades. Procurando, em sentido missionário, um campo mais compromissado, oferece-se para integrar o grupo de aproximação dos terríveis índios Xavante, grupo este chefiado pelo Pe. Hipólito Chovelon. Corre o ano de 1937. Com sua facilidade de escrever acompanhou essa expedição registrando em diário toda aquela aventura. Temos assim detalhes peculiares que não constam nos relatórios oficiais do Pe. Chovelon.

Em 1950 integra a comunidade de Xavantina, junto ao Pe. Colbacchini e Pe. Pedro Sbardellotto, onde novamente dirigem seus esforços à aproximação e pacificação dos Xavante. Nisso lhe foram úteis seus conhecimentos rudimentares da língua Xerente. Este contato bem sucedido deu-se aos 29 de janeiro de 1951.

Em 1955 destina-se à nova comunidade missionária entre os Xavante na missão de Santa Terezinha. Faz de tudo o que estivesse ao seu alcance para a concretização da atividade missionária naquela situação pioneira. Tem facilidade de se integrar entre os índios e assim estabelecer um diálogo proveitoso.

Tendo sido abandonada aquela missão, ele continua em Sangradouro suas atividades entre os Xavante que para lá se dirigiram em 1956.

Lá o encontrei em 1972 com suas limitações por sua saúde enfraquecida, mas assistido com muita dedicação por vários Xavante. A surdez lhe limitou muito a comunicação, mas fato é que os meninos Xavante que não falavam português o entendiam e lhe passavam as notícias.

Em 1974, como a saúde dele exigiu melhores cuidados, foi transferido para Coxipó da Ponte onde, longe dos Xavante, chegou a falecer aos 23 de dezembro de 1977, com 86 anos de idade.¹

Pe. Jorge Lachnitt

¹ Estas informações foram tiradas da "Carta Mortuária" escrita pelo Pe. José Corazza aos 1. de março de 1978.

Descrição e Plano do manuscrito

O texto manuscrito, da autoria do Mestre Francisco Fernandes, está em caderno espiral, quadriculado com as folhas já amareladas pelo tempo. É de capa de papelão de cor cinza na frente, 225 x 155 mm e desprovido de capa após a última folha. A numeração, feita pelo autor do manuscrito e o caderno, começam na página 21 e vai até a página 64. Os números estão no canto superior esquerdo da página. Apenas a frente da página é numerada, o verso não. Na transcrição eu numero o verso para facilitar sua identificação no manuscrito. O texto vai da página 21 à página 43. As demais páginas estão em branco. A página 43 está solta; a tinta é violácea de caneta esferográfica. A caligrafia é miúda e bastante legível.

O "Plano" é deduzido pela leitura do manuscrito, os títulos são do autor, eu apenas os numerei de 1 a 6.

O título que o autor dá ao seu relato é: "Aventuras Xavantescas da Missão Salesiana de Mato Grosso no Rio das Mortes".

Início do manuscrito, p. 21 até a p. 43v (= verso)

Introdução

1. Aventura do massacre do filho de Raimundão Pereira.
2. Como a fazenda feliz do Sr. Franklin ficou triste.
3. Os verdadeiros pastores dão a vida por suas ovelhas.
4. 1.º encontro amistoso no ano de 1937
5. Descrição da 2.ª expedição - 1938 - da qual tomei parte apesar dos repetidos ataques de malária.

Desloquei para o final deste item a nota (1) que está na última página do manuscrito (p. 43) para facilitar o entendimento do texto.

6. Encontro com dois grupos de Xavante em Xavantina em 1951.

Pe. João Bosco Monteiro Maciel

AVENTURAS XAVANTESCAS DA MISSÃO SALESIANA DE MATO GROSSO NO RIO DAS MORTES

21

Muito se tem falado, se fala e se falará a respeito dos Xavante. Não foram isentas de perigos essas nossas aventuras ou encontros com os terríveis Xavante, como vamos recordar citando fatos concretos. Foram escritas e também omitidas, uma porção de histórias mais ou menos verídicas, mais ou menos fantásticas. Só pode ter entretanto um conhecimento verídico da realidade do assunto quem foi testemunha ocular, e que trabalhou com espírito de fé na aproximação dos mesmos. Desde os inícios da "Colônia Sagrado Coração" dos Tachos entre os Bororo, perto do Rio das Mortes, os Xavante faziam incursões e brigavam de vez em quando com eles causando até massacres, mesmo entre os civilizados.

A Missão Salesiana que não estava lá só para catequizar os Bororo, embora muito ocupada, tentou, de vez em quando, uma aproximação amistosa dos Xavante levando até consigo uma sanfona, mas sem poder conseguir avistá-los. Poucos anos depois mataram, os Xavante, dois Bororo que acompanhavam o P. Colbacchini no Rio das Mortes.

1. Aventura do massacre do filho de Raimundão Pereira.

Falo de aventuras, porque houve alguém que nos tratou de aventureiros como se fôssemos garimpeiros ou bandeirantes.

Estando assim as coisas um dia inesperado atacaram e mataram o filho menor de Raimundão, este encarregado do gado da Colônia Sagrado Coração dos Tachos. O menino Manoel, que tinha apenas 11 anos, deixou a morada, montado num burro, para levar o almoço, um cobertor e uma rede ao irmão mais velho que estava trabalhando na roça. O menino conduzia um cachorro preso a uma corda. Apenas atravessaram a linha telegráfica que une as capitais Cuiabá com Goiás, um grupo de uns 20 índios flecharam o cachorro e a bordunadas derrubaram o cavaleiro acabando com a vida do garoto.

21v

O pai que escutou logo após os gritos dos selvícolas, comunicou ao diretor da missão o que lhe parecia uma realidade, e o diretor mandou ao que subscreve, verificar se o fato era verdadeiro. Galopando, chegamos ao lugar, encontrando logo o cachorro escondido, com uma flecha atravessada na garganta; logo vimos as palmas de que se serviram os atacantes para não serem vistos. Não muito longe das palmas encontramos o cadáver do menino com o crânio esfacelado e um monte de bordunas ao lado. Ao que parece os Xavante tinham já fugido. O burro foi respeitado, levaram o cobertor e a rede. Raimundo, quando viu o estado do filho, meio enlouquecido jurou vingança punitiva contra o inaudito atrevimento cometido, de matar-lhe o filho a um quilômetro e meio de sua residência. Reuniu 22 pessoas entre parentes e amigos e seguindo o rasto partiram com fins punitivos rumo à aldeia.

Dias mais tarde voltaram contando algumas mentiras; por isso nunca soubemos certo o que se passou com os Xavante; porém, tivemos conhecimento de que arrasaram a aldeia. Creio que se os índios tivessem percebido que se tratava de uma criança, jamais teriam atacado o filho do

Raimundão e os civilizados nunca teriam queimado uma aldeia.

Após esta severa punição julgava-se que os Xavante desistissem de fazer novas mortes, mas não foi assim. Não demorou um ano, mataram mais dois civilizados junto da Colônia Sagrado Coração de Merúri, o garimpeiro Geraldo Farias e o roceiro Borges.

2. Como a fazenda feliz do Sr. Franklin ficou triste

Este senhor desenvolvia grande fazenda a cinco léguas da Colônia Indígena Merúri, a 3 do rio das Mortes. Após alguns anos de atividades o velho Franklin constatou mais de uma vez o perigo em que se achava.

22

Dois dos seus empregados foram atacados quando se achavam cortando palmeiras de buriti numa cabeceira, para cobrir uma casa. Estes foram bordunados. Derrubando um, deixaram-no por morto e o outro que se defendeu com o machado foi horripelmente massacrado. O mesmo Franklin contou que um dia foi cercado e salvou-se porque mergulhou no córrego debaixo do oco de uma árvore. Os índios não o acharam e fugiram tocados pela cachorrada.

Estávamos no ano de 1934 quando o velho resolveu casar sua filha afim de ter um parente que o auxiliasse no apuro. O casamento foi realizado na mesma fazenda pelo P. João Crema, funcionando eu de sacristão. A festa foi belíssima e a jovem Olívia Borges desposou Agenor que então não imaginava o que lhe iria acontecer.

Tudo parecia tão risonho naquelas paragens, que o Franklin quis denominar suas terras de "Campo Alegre". Isto porém durou pouco. Algumas semanas depois do casamento, o casal viajava com carro de boi. Passando pela Colônia Merúri o Agenor disse que ia de mudança; que era a última viagem que fazia à fazenda, pois não estava disposto a ficar num lugar tão perigoso tendo já visto os índios trepados nas árvores na espera do mo-

mento favorável. Tendo almoçado e bem munido de um revólver 38, no qual confiava, seguiu viagem, com a esposa na guia dos bois. Apenas tinham viajado uma légua do Merúri, os Xavante, armados de tacapes e flechas investiram sobre o casal. Atacam, disse Olívia, por todos os lados. Os da frente correram dançando (Imaginação dela; porque correram na ponta do pé para não deixar rasto). Ela desmaiou nas primeiras cacetadas e os índios julgaram-na morta.

22v

Agenor morreu no local tentando defender a esposa. Esta só escapou depois que os índios se afastaram, nua e com o corpo cheio de feridas e cega de um olho; levantando e caindo conseguiu atingir o Merúri pedindo socorro e relatando o sucedido. Atendida pelas Rev. das Irmãs sarou das machucaduras mas não da vista, pois ficou cega.

Cientes do fato, o Sr. Diretor de Merúri, P. Bartolomeu Poli, mandou-me fosse no lugar para verificar o ocorrido e tomar as providências. Saí em demanda do lugar com dois Bororo e o chofer cuiabano Greci que na ocasião estava no Merúri. A uma certa distância do caminho encontramos o carro de bois que voltou para trás enganchando a roda numa árvore da beira do caminho. Mais adiante, num cerrado estava o cadáver de Agenor completamente despido, com o crânio esmagado e uma ferida perto da boca, certamente feita com a ponta do tacape, e umas 30 bordunas ao lado. Os Xavante costumam matar suas vítimas, despojá-las de todos os pertences, principalmente roupas e armas e deixar ao lado do morto tantos tacapes quantos foram os atacantes. Servindo-nos do carro de bois, transportamos o defunto Agenor, que foi sepultado no cemitério de Merúri. O velho Franklin disse depois que, com muito sentimento, achando-se sozinho, era obrigado a abandonar a região ficando a fazenda "Campo Alegre" transformada em campo triste. Disse também que não se incomodava que os índios lhe roubassem mandioca, porque a mandiocal era muito grande; mas que abandonava casa, roça, canavial formado, rego d'água tirado, curral de aroeira, etc, nas mãos dos índios que não demoraram a tomar conta acabando com tudo e ainda deixando tacapes dentro da casa, como prova de que eram eles mesmos.

3. Os verdadeiros pastores dão a vida pelas suas ovelhas

Antes e depois dos acontecimentos relatados, a Missão Salesiana de Mato Grosso tentou de novo a aproximação dos Xavante, ainda com risco da própria vida, e contando com pessoal "ad hoc" escassíssimo.

Pelo ano de 1932 os padres João Fuchs, suíço, e P. Pedro Sacilotti, paulista, e o coadjutor Pellegrino com mais um rapaz Bororo, Luiz Cogueceba, um civilizado, Serafim Marques, pediram e foram mandados a formar a Colônia entre os Xavante. Escolheram provisoriamente o lugar chamado Santa Terezinha, situado 30 léguas abaixo de Xavantina, na beira do Rio das Mortes, porque tinham visto vestígios e acampamentos dos Xavante no lugar. Ali construíram um rancho, roçaram e ficaram morando, melhor falando, sofrendo dois anos à espera dos índios.

Visto que estes não apareciam e tinham freqüentemente deixado jangadas e vestígios mais para baixo, principalmente no lugar denominado pelo P. João "São Domingos", decidiram mudar de lugar e até cortaram os esteios (o P. Pedro) para construir a casa ao mesmo tempo que, por este motivo, o P. João construiu outro rancho onde agora existe a povoação de "São Félix".

O P. Pedro fez alguma penetração arriscada além da margem esquerda do Mortes, encontrando só acampamentos. Ele e o P. João, no barranco denominado por este "Barreira Dom Bosco", ergueram um cruzeiro e construíram também um ranchinho e um girau, colocando em repetidas descidas e subidas do Rio, alguns presentes que os índios apanhavam sem deixar-se ver, derrubando o cruzeiro para se apoderar do prego que unia o braço ao mastro. Doentes de malária e com a intenção de mudar de lugar iam descendo o rio, numa lanchinha pilotada pelo Bororo, quando este avisou que estavam bebendo água no rio dois Xavante.

24v

É de se imaginar a alegria dos dois padres ao verem os dois que, ao serem descobertos, subiram rapidamente o barranco internando-se no cerrado. Relato o fato conforme contou-me, o rapaz Bororo Luiz Coguece-

ba, motorista da lancha que foi meu aluno no Merúri:

"O P. João subiu por primeiro o barranco comigo e com o Serafim; mandou-me trepar numa árvore para ver se avistava os Xavante. Informei ao P. João que não se tratava só de dois, mas que eram muitos. O P. João, "incontinenti", se dirigiu no rumo dos índios. Nisto o P. Pedro subiu também o barranco e vendo o P. João encaminhar-se junto a eles, o chamou, certamente para combinar alguma coisa; mas ele, um pouco surdo, não escutou o chamado e continuava a se aproximar daqueles bravos índios levando instrumentos de paz, arma nenhuma. Então o P. Pedro, alcançando-o já perto dos índios, experimentou falar-lhes algumas palavras da língua dos Carajás e eles responderam ameaçadoramente. Pouco depois escutei um grito seguido de um fulmineo assalto. Naquele terrível momento escutando as bordunadas, desci rapidamente da árvore, tentando alcançar logo a lancha, dando-me a correr, porém não podia porque as pernas, de medo, me tremiam demais.

O P. Pedro nos tinha recomendado: "O encontro com os Xavante há de ser perigosíssimo. Não quero uso de armas. O P. João e eu estamos dispostos a morrer. Se tiverdes coragem de morrer conosco, avante, do contrário, fugi, sem vos preocupardes com a nossa sorte". Eu e o Serafim seguimos este último conselho e chegando na lancha, um estrangeiro holandês que ficou cuidando da embarcação, nos perguntou onde tinham ficado os dois padres. Respondi-lhes que achava tinham sido matados. Escutando semelhante resposta, com espingarda na mão, obrigou-nos a subir novamente o barranco em procura dos padres cujos corpos foram encontrados com o crânio esfacelado. Foram mais ou menos enterrados na beira do barranco". Até aqui a relação do Bororo Luiz Cogueceba.

26

Os dois mártires tinham juntos percorrido o Rio das Mortes procurando os Xavante; juntos tinham sofrido e rezado pela sua conversão, enfrentando a morte pela sua redenção. O humilde coadjutor Pellegrino, cheio de feridas nas pernas, foi morrer de gangrena em Araguaiana no ano de 1933. O massacre dos Padres aconteceu no dia 1º de novembro de 1934. Em 1935 o P. Colbacchini entrou no Rio das Mortes a fim de retirar os restos

mortais dos mártires que foram colocados numa urna e estão no cemitério de Araguaiana. Ele colocou um cruzeiro no barranco dos padres, onde tinham sido sepultados provisoriamente.

4. Primeiro Encontro amistoso no ano de 1937

Após a morte dos dois padres, a Missão Salesiana não desistiu nas tentativas de aproximação. No ano de 1937 houve uma expedição salesiana composta de dois padres, Hipólito Chovelon, que fez o levantamento do Rio das Mortes e foi nomeado membro da Sociedade Geográfica do Rio de Janeiro, e José Nunes; um Coadjutor, Francisco Fernandes (quem subcreve), dois aspirantes a salesiano e três empregados. Esta expedição foi ordenada pelo saudoso Inspetor Rev.mo P. Ernesto Carletti, com a aprovação e o apoio do Prelado, Mons. Couturon. O P. João Fuchs, com quem convivi na Colônia Sagrado Coração, conhecendo o meu interesse pela tribo Xavante, convidou-me e pedi para ir com ele ao Rio das Mortes, mas o P. Inspetor disse-me para esperar. Tendo sabido desta expedição do 37, novamente pedi e tomei parte nela. Fomos procurar os Xavante no tetrico Rio das Mortes para pedir-lhes que depusessem o arco vingador.

Embarcamos em Araguaiana em duas embarcações típicas fluviais: dois batelões construídos por um garimpeiro nortista, cada um com seu motor de popa de 3 cavalos. No porto ficaram os salesianos do Colégio de Araguaiana e as Irmãs Filhas de Maria Auxiliadora. Despedida simples, estilo sertanejo na incerteza da volta. Divididos quatro em cada batelão, atravessamos as cachoeiras e travessões ou corredeiras e chegamos sem novidade ao primeiro povoado da margem esquerda, Cocalinho.

26v

Atendendo espiritualmente este povoado com a celebração da missa, prática, batizados, etc, ao dia seguinte seguimos a viagem até Leopoldina, hoje Aruanã. Praticado o mesmo serviço espiritual nos poucos, dois

pequenos povoados de ambas as margens, e visitando os Carajás, continuamos a viagem até a barra do Rio das Mortes.

No **dia 9 de agosto** do 37, segunda-feira, fizemos solene entrada no belo Rio das Mortes. Digo belo porque as águas verde-azuis se diferenciam muito das águas amarelas, barrentas do Araguaia. O Rio das Mortes foi explorado e feito o levantamento. Deixamos na praia do Araguaia, depois de distribuir algumas dádivas aos Carajás da aldeia "Gariroba" cujo cacique, Maloá, nos recomendou não entrar no Rio das Mortes, porque os Xavante eram muito bravos.

Naquele dia navegamos sete léguas e meia de motor, sem encontrar um lugar apto para pernoitar; pois pensando de ter encontrado uma praia ou península, esta resultou ser uma ilha onde não achamos nem lenha para fazer fogo. A janta consistiu em ovos de tartaruga e feijão do dia anterior. Como já era noite avançada tratamos de dormir ao relento com céu estrelado, contemplando o Cruzeiro do Sul, em paz e santa alegria.

Dia 10 - Transcorreu o dia sem novidade digna de menção. Não possuindo carne fresca e desejando topar com os índios, tínhamos visto fumaça, nos internamos na mata da margem esquerda. Os cães levantaram uma anta que, pressurosa, entrou numa lagoa onde não quiseram entrar, por medo dos jacarés e piranhas. Algumas destas, pescadas, serviram para variar a nossa janta "Maria Isabel", isto é, arroz e carne seca.

Dia 11 - Quarta-feira. Prosseguindo viagem, matamos duas capivaras. O espírito e a saúde do pessoal se conservava ainda em bom estado, sem febres palustres, apesar das ferroadas dos pernilongos quase todas as noites.

27

O filó, mosquiteiro que levávamos, tinha os orifícios grandes demais e as muriçocas entravam e não saíam apesar das repetidas palmadas que dávamos.

Dia 12 - Quinta-feira: Subindo o rio, avistando paisagens pitorescas, um lago chamou-nos a atenção pelos muitos jacarés que nele havia. Querendo matar um do tamanho de um crocodilo, uma cachorra valente, chamada Baronesa que tinha sido emprestada ao P. Hipólito, ao escutar os tiros, avançou no jacaré. Este esperou que estivesse ao alcance, abriu a bo-

cona e fazendo um pulinho a engoliu inteira mergulhando com ela. Não vimos mais nem a cachorra nem o jacaré. Boiou depois um, muito barrigudo e julgando fosse o que engoliu a cadela, o matamos, abrimos a barriga que tinha dentro uma tartaruga com casco. Ninguém teria acreditado se não tivéssemos constatado. O lago ficou denominado até o dia de hoje "Lago da Baronesa".

Dia 13 - Sexta-feira: Aniversário do chefe da expedição. Depois da missa com comunhão em sua honra, falhamos dando uma caçada para amenizar o almoço e o jantar. Matamos uma anta e um mutum. Não faltou um golinho de quinado e os vivas de praxe.

Dia 14 - Sábado: Viajamos o dia todo. Os dias passavam trazendo sempre as mesmas e outras pragas incômodas do calor, do mosquito de toda qualidade, o desconforto e isolamento de tudo, menos de Deus. Na madrugada de domingo uma onça esturrou perto do nosso acampamento.

Dia 15 - Domingo: Pescamos com arpão uma arraia pintada das chamadas de fogo, que tinha ferroadado no pé o P. Hipólito quando foi tomar banho.

Dia 16 - Segunda-feira: Descanso forçado em consideração à febre do P. Chovelon causada pela arraia. O pessoal foi caçar para ter o que comer.

27v

Dia 17 - Terça-feira: Visita ao barranco da margem esquerda denominado pelos Padres Sacilotti e Fuchs, Barranco Dom Bosco onde, por ter achado vestígios, costumavam colocar presentes, facas, facões, machados, no girau coberto de um ranchinho na beira do Rio e que os índios apanhavam. Os Xavante tinham derrubado o cruzeiro ali levantado pelos Padres; o telhado do rancho estava quase destruído pelo tempo. Deixando alguns presentes seguimos viagem.

Dia 18 - Quarta-feira: Chegamos na barreira dos mártires. O cruzeiro levantado pelo P. Colbacchini estava derrubado. Avistamos fogo a duas léguas de distância, mais ou menos, na margem esquerda, sem dúvida, dos índios; por isso pousamos aí dois dias. O P. José Nunes e eu pedimos ao Chefe, P. Hipólito, de ir ter com os índios onde tínhamos avistado o fogo.

O Chefe disse-nos que não convinha provocar os índios, os quais provavelmente estavam acampados e não gostariam de nossa presença. Acrescentou ainda: "*Assim como nós civilizados não gostamos que uma pessoa estranha penetre sem licença na nossa casa, assim eles não gostarão que se vá sem mais, nas suas casas. Vamos subir o rio, deixando aqui os presentes e na volta vamos ver o que acontece*". Esta razão nos convenceu.

Colocamos presentes no mastro abatido, (o qual observamos) que os índios tinham derrubado não por malvadeza mas simplesmente para tirar o prego que unia o braço ao mastro. Sendo a macega muito alta, para evitar que o fogo que os Xavante fazem durante a seca, às vezes para caçar, queimasse os presentes, aceitamos o mastro e botamos fogo. Ao nosso, responderam os Xavante com outro.

Dia 19 - Quinta-feira: Continuamos a subir o Rio fazendo uns poucos quilômetros, afim de explorar o interior na margem esquerda, para ver se topávamos com os índios. A região baixa era difícil de transitar pelos muitos espinhos e gravatá onde nem os índios transitam essas paragens. Na região alta achamos dois piquizeiros com alguns cortes feitos certamente com machado de pedra.

Dia 20 - Sexta-feira: As araras transitavam por cima das nossas cabeças fazendo barulho.

28

Vemos grande fumaça no rumo de um barranco da margem esquerda. Para que se torne visível, amarramos nos troncos mais altos anéis de erva e mato seco, até as frondes, deitando fogo aos de baixo, até o topo das árvores, levantando coluna de fumaça à distância.

Dia 21 - Sábado: Chegada a São Domingos. Denominação do P. João Fuchs onde o P. Pedro tencionava morar. Hoje é o Posto do S.P.I Pimentel Barbosa. Decidimos falhar alguns dias para conhecer bem o lugar, ver se presta para morar, construir um rancho e esperar os índios aparecerem, explorando os arredores. No dia seguinte, domingo, ante a imagem de Santa Terezinha, foram celebradas as duas missas e subimos, alguns, ao próximo morro, junto ao qual tinha dois acampamentos abandonados perto de uma várzea. Observamos que os Xavante abrem cacimba para beber

água. Do alto da serrinha olhamos com binóculo o panorama verdadeiramente encantador velado, porém, pela fumaça das queimadas.

Os dias que se seguiram até o 31, foram dedicados à construção de uma rancho, à procura da mata para fazer roça, à derrubada desta, à queimada no último dia, à lavagem da roupa e às outras ocupações domésticas. Nas horas livres, pescaria e caçada. Tinha muitos jacarés e veados campeiros. Matamos alguns para ter carne fresca. Na construção do rancho utilizamos os esteios que o P. Pedro tinha cortado. Foi inaugurado no dia 31 de agosto de 1937. De noite, uma onça urrou perto do acampamento.

Dia 1.º de setembro - Apareceu numa praia, uma grande onça pintada na carniça de um jacaré. O empregado Ladislau com um só cachorro, deu conta de matá-la. Tirado o couro, deixamo-lo esticado ao sol para secar com intenção de carregá-lo na volta. Sendo já tarde foi decidido pousar ali mesmo, onde a muriçoca não deixava dormir. Essa pele foi roubada pela bandeira "Piratininga".

Dia 2 de setembro - Saímos de São Domingos e chegamos de tarde, no travessão bravo "São Miguel", ao lado do ribeirão do mesmo nome batizado pelo P. João Fuchs que consta no mapa com o nome de Capitariquara, onde, apesar de lidar até a noite, não foi possível atravessá-lo; pernoitamos ali mesmo ao som das águas torrentosas.

28v

Dia 3 de setembro - Sendo que o P. Chovelon ia fazendo o levantamento do Rio, penetrávamos explorando em tudo quanto era lago, córrego ou ribeirão, achando sete acampamentos abandonados pelos índios Xavante. Entramos também neste "São Rafael" até onde podia ir de motor. No alto de uma serrinha, no pé da qual tinha um acampamento Xavante abandonado, avistamos a Serra do Roncador, melhor falando os morros do Roncador, e um trilheiro que conduzia até lá. Faltando carne fresca, a Providência mandou-nos uma anta ao anoitecer.

Dia 4 - Neste dia de madrugada, descarregada a embarcação, conseguimos, com muito sacrifício, vencer o travessão. Ao Mestre Francisco lhe aconteceu uma aventura digna de ser relatada. Desejando auxiliar a amarrar a ponta do cabo numa pedra para cima do travessão para

ajudar o motor, sendo pequeno de estatura e a correnteza muito forte, em vez de segurar o cabo era este que segurava o Mestre fazendo uma curva. O Sr. Ladislau perto já da pedra, para amarrar o cabo, puxou este com força afim de alcançar a pedra, mas escapou das mãos do Mestre que foi rodando abaixo, espalmando as pedras para não se machucar. Foi parar no fim do travessão, no rebojo, do qual livrou-se com um esforço hercúleo, alcançando a beira do rio longe dos companheiros de expedição. Salvou-se desta aventura por saber nadar, senão teria afogado.

Continuando a subida do Rio, tivemos o encontro com a bandeira paulista "Piratininga", soltando alguns tiros de foguetes. Nos ofereceram e aceitamos de boa mente um pato assado que tinham caçado numa lagoa por perto. Um dos componentes desta Bandeira, no porto de Leopoldina (Aruanã), insultou meu cavanhaque, tratando-o de barba de bode. O chefe desta Bandeira Willy Aurelli, convidou-nos no dia seguinte, domingo, dia 5, a passar o próximo feriado nacional, 7 de setembro, junto com eles. O nosso Chefe não aceitou.

Dia 5 - Domingo: O P. José Nunes celebrou a santa missa à qual assistimos todos filmando o ato.

29

Logo após continuamos a penosa e vagarosa viagem por causa da correnteza do rio com motor pequeno.

Dia 6 - Chegada e exploração do ribeirão "São Rafael" (ver atrás)

Dias 7 e 8 - Viagem ainda mais penosa, pois penetrava muita água num dos batelões pelas pancadas recebidas nas pedras das cachoeiras. Conseguimos chegar à tapera Santa Terezinha, onde pudemos apreciar o sacrifício dos Mártires que moraram num lugar insalubre cheio de dificuldades e espinhos, rodeados dia e noite de uma imensa praga de mosquitos de toda qualidade. Nosso rosto e mãos estavam todo pintado de ferroadas. Lá existia ainda o cruzeiro, o rancho do paiol com um pouco de milho; no terreno algum pé de mandioca; numa cabeceira o curral cercado de arame farpa-do, etc.

Dias 9, 10 e 11 - Viagem, chegada e exploração ao afluente do Rio das Mortes na margem direita, rio Pindaíba. Havendo por lá bastante

coqueiros babaçu, julgamos tivesse também algum índio ou vestígios. Não foi achado nada de tudo isso. Só duas onças pintadas na praia oposta.

Dia 12 - Domingo: Descanso dominical na barra do Pindaíba.

Dias 13, 14 e 15 - Viagem dificultosíssima por causa das numerosas e difíceis corredeiras. O rio é muito torrentoso. Os motores fracos trabalham, mas adiantam pouco. De vez em quando quebra o pino por causa das pedras e paus e temos de esperar-nos alternativamente. Nas corredeiras, descalços e pisando as pontudas pedras silex, apenas conseguimos navegar amarrando e puxando o cabo. Um dos barcos gemeu e o caboclo Ladislau disse solenemente com toda a seriedade: "Mau sinal; o batelão já gemeu duas vezes; se gemer a terceira, vamos a pique". Numa dessas cachoeiras, ia eu na frente puxando o cabo para amarrá-lo numa árvore verde com brotos. Caminhava eu sobre o pau segurando-me nos brotos, quando improvisamente quebra um destes tomando um banho inesperado.

29v

Sorte que não bati a testa no pau.

Dia 16 - Chegada no travessão "Macaco". Pela dificuldade de continuar a subida do rio, deixamos os motores e uma parte dos expedicionários continuamos a subida com uma canoa pequena, puxada às vezes nas costas, que levávamos a reboque. Chegamos assim até o célebre ribeirão Araés, onde o P. Antônio Colbacchini tinha descido anos atrás, acompanhado de dois Bororo conhecedores da zona. Como o P. Hipólito Chovelon ia fazendo o levantamento do rio, exploramos também uma parte deste ribeirão sem encontrar vestígios dos índios e sim de duas turmas de garimpeiros que naquele mesmo ano, por terra, entraram no Rio das Mortes com o fim de achar ouro nos Araés, chefiados por Morbeck e Antãozinho. Fizeram campo de aviação colocando até antenas para o rádio. Na descida dos Araés a canoa bateu numa pedra perdendo o mantimento.

Dia 27 de setembro até o dia 8 de outubro - Alcançadas as embarcações, descemos o Rio das Mortes, parte de motor e parte a "brasolina" para economia desta, até o ribeirão São Rafael, onde fizemos uma exploração por terra, penetrando uns quilômetros. Encontramos perto duma cabeceira dois acampamentos de caça dos Xavante com 16 casas cada

acampamento, na frente de um morro parecido com o morro da Mesa, desde onde se avistava a Serra do Roncador. Os acampamentos feitos com árvores arrancadas de raiz e galhos que serviam de caibros cobertos com palhas de piaçaba até no chão.

Dia 10 - Vogamos rumo a São Domingos, onde encontramos a bandeira paulista "Anhangüera" chefiada pelo distinto escritor Hermano Ribeiro da Silva, bastante conhecedor do sertão e amigo dos salesianos que pediu ao P. José Nunes, acompanhasse sua Bandeira até a Serra do Roncador onde tencionavam ir a cavalo, pois a cavalo tinham chegado a São Domingos desde Leopoldina. O mesmo chefe P. Hipólito anuiu ao pedido e o P. José Nunes acompanhou a Bandeira até a serra onde toparam com os índios na aldeia, tirando-lhes alguns objetos.

30

Os Xavante reagiram ferindo um e matando um cavalo. Foram espantados com foguetes de três tiros. Porém o P. Nunes contou que no primeiro tiro se abaixaram, no 2.º mais ainda e no 3.º deitaram. A Bandeira esperava mantimentos de avião e este não chegando, desanimaram uma boa parte e voltaram para trás visto terem passado fome e comerem a carne do cavalo matado pelos índios. O Sr. Hermano, como nos disse, tencionava não só ir na serra, mas seguir o espigão até nos Bacairis e descendo a Cuiabá seguir para São Paulo. Atacado de malária e desgostoso de não poder levar até o fim a expedição, morreu no sertão perto do Araguaia. Foi uma vítima a mais do Rio das Mortes.

Dia 16 - Descendo o rio, paramos numa praia a fim de praticar uma incursão mato a dentro e encontramos um aldeamento quase queimado com quarenta casas.

Dia 18 e 19 - Pouso num barranco. Procedendo a um reconhecimento pelo interior, descobrimos dois acampamentos abandonados com 26 casas.

Dia 20 - Quarta-feira: Chegamos no barranco dos Mártires, deparamos com uma novidade que nos causou muita alegria. O mastro do cruzeiro que na subida estava derrubado e no qual colocamos presentes, estava em pé e no lugar do braço, tinham os Xavante amarrado presentes

deles: flechas, taquara para fazer flechas, cestinhos, variedade de cordas, etc. Tinham trocado dádivas por dádivas. Bom sinal de amizade.

Dia 21 e 22 - Exploração minuciosa do interior do lugar feito por cinco pessoas; na falta do P. José eu chefiar a comitiva. Saímos de madrugada após o café. Além do serrado onde os índios mataram os padres, existe um campo limpo que se perde de vista com algum cupim alto de vez em quando. No fim do campo e, mais ou menos a 30 kms de distância num coricho rodeado de pequena mata, entre o serrado e a várzea, tinha uma aldeia-acampamento de caça com 15 casas novas.

Éramos cinco pessoas. Ao avistar de longe a primeira casa mais afastada das outras, parei o pessoal para indagar o proceder deles caso os índios estivessem ali acampados.

30v

Perguntei o que fariam e um, o mais moço, respondeu-me: "Eu, se estiverem aí, dou uma corrida largada até chegar ao nosso barco". "De nenhum modo, respondi-lhe, a correr você não avantajará os índios. Devemos fazer o seguinte: eu levo algumas perguntas da língua dos Xerente que parece é a mesma deles. Se demonstrarem verdadeira amizade, bem; os convidaremos a ir ao nosso acampamento. Se, a todo custo, tencionarem nos matar, estamos armados, temos direito de defender a nossa vida, porém sem matar. Atiraremos para o ar a fim de espantá-los e juntos, entendamo-nos bem, juntos, recuaremos até o nosso pouso".

Com estas normas, muito cautelosamente avançamos, observando se tinha alguém na 1.^a casa, nada; na 2.^a, nada e assim por diante. Um da comitiva gritou: "Já foram embora, tem aqui a batida que vai lá para baixo". Praticamos um reconhecimento no interior das casas e achamos entre os vários utensílios deles, algum retalho de seda que tinha sido colocado no mastro na subida e que lhes serviram de cama. No corixo tinham arrancado bastante palha de buriti. Sem outra novidade tratamos de voltar procurando, tanto na ida como na volta, caçar na queimada, algum veado, pois as provisões de boca tinham diminuído de uma maneira alarmante; mas os veados muito ariscos, levantando o rabinho iam embora. Caminhando vagarosamente, com fome, perdemos o rumo e em vez de sair no barranco, fomos,

de noite, dar num lago onde os índios tinham aberto o mato para pescar e acendido fogo para assar o peixe. Para animar o pessoal, disse uma piada: "Vamos pernoitar aqui mesmo". O lugar estava cheio de gravatá; eu estava mais ou menos calçado, mas eles descalços. O Ladislau que era o guia prático disse: "Deixe de brincadeira Mestre! É possível dormir no meio deste gravatá? Vamos adiante".

31

Pouco depois, com fome, vislumbramos a luz do Petromax do nosso acampamento, onde estava o P. Hipólito, ansioso e apreensivo pela nossa chegada. Mostramos-lhe os retalhos de seda que os índios usaram para deitar encima e abandonaram.

Dia 23 - sábado: Explorando um formoso lago, matamos quatro ariranhas cuja pele tem bastante valor. Ladislau disse de ter cuidado com o negro d'água, que aparece de vez em quando. Falei-lhe que o negro d'água era ele mesmo. Que me mostrasse esse tal negro d'água para poder acreditar. Respondeu-me que o mostraria, eu porém, fiquei sem vê-lo.

Dia 24 - domingo: Descanso aproveitado para secar as peles.

Dia 25 e 26 - Chegada e exploração da Baía que o Pe. Fuchs deu o nome de Dom Bosco. Nome que até o dia de hoje se conserva como tantos outros: Ribeirão São Rafael, São Gabriel, Baía Dom Bosco, Barranco Dom Rua. A Providência mandou-nos um saboroso veado.

Dia 27 e 28 de outubro - (Memorável na história da aproximação dos Xavante). Entrando num lago onde tinha uma queimada nova, percorrendo-a, deparamos que havia rasto fresco de Xavante, por esse motivo, saímos do lago a bubuia, para surpreender os índios sem barulho. Como eram dois batelões, aquele em que viajava eu, sendo mais leve, adiantou-se. Não demorou muito, duas flechas lançadas da margem direita passaram fazendo arco por cima das nossas cabeças. Como passaram descrevendo arco, mais pareciam um sinal amistoso do que uma agressão. Por isso julgamos com razão que tinham sido jogadas só para avisar que eles estavam lá. De fato, apareceram os dois deixando-se ver de corpo inteiro na mesma margem direita.

Nós paramos na margem oposta. Deus quis nos premiar os muitos

sofrimentos havidos na viagem com o grande desejo de topar com eles. Nossa alegria foi grande pois os índios até então considerados invisíveis, apareciam francamente visíveis, a pouca distância relativamente. Uns 400 metros. Na espera da outra embarcação onde ia o chefe, P. Chovelon, mostramos alguns presentes. Eu mostrei um paletó de casimira. Nisto chegou o padre com o resto da comitiva. Os índios gesticulavam chamando. Por isso, na tarde do mesmo dia, levamos presentes para eles. Divididos em dois grupos, um foi de motor até onde estavam os índios.

31v

Estes, receosos, logo correram espantados. Deixando porém os presentes na prainha que eles nos tinham indicado, logo apareceram de carreira não só dois, mas vinte bonitos rapazes, com o cabelo comprido atrás, porém muito bem aparado, os quais brigaram para ficar de posse de duas foices que colocamos entre as dádivas. Passamos dois dias incompletos junto a eles. Tomávamos banho, tomavam também; arremedávamos bichos, arremedavam também.

Do mato adiantou-se um homem alto pintado de urucum oferecendo um maço de flechas do lado das penas e convidando-nos a ir buscá-las levando mais presentes, jogando alguma para que descendo as apanhássemos e espetando outras na prainha. Repetiam forte a palavra "duré" que significa outra vez. Interpretamos o desejo e voltamos com novas dádivas entre os quais um fardo de cobertores. Chegados na prainha perto deles a uns oito metros de distância, desconfiados lançaram duas flechas certamente para nos experimentar. Alguns homens se achavam ocultos atrás de árvores grossas prontos para flechar se se tratasse de uma cilada.

Uma das flechas passou por cima fazendo arco e outra veio parar nos pés do Mestre Francisco que, na ocasião funcionava de peia, segurando o barco. O Mestre Francisco levantou a mão pedindo que parassem de flechar e dizendo na língua dos Xerente: "Aibö pixedi utabi", isto é, "Somos homens muito bons". Compreenderam a frase e pararam de flechar. O pessoal que estava no nosso acampamento na margem esquerda, pensou e contou que eu tivesse mostrado o crucifixo, quando levantei a mão ante eles dizendo que parassem de flechar. Apenas nos retiramos, a rapaziada correu

pressurosa a apanhar os presentes. Convidados a aceitá-los na mão, não se aproximaram. Não tinham plena confiança, e digo plena, porque demonstraram bastante ficando a tão pouca distância. Transcorremos o dia em franca amizade. Arremedávamos bichos e eles arremedavam também, tomávamos banho e eles tomavam também.

32

Chegada a noite acendemos um lampião Petromax para alumiar o acampamento.

Alguns da comitiva foram dormir. Um dos aspirantes e eu rezamos o terço pela conversão dos Xavante e o bom êxito final do encontro. Também os Xavante se retiraram. Suspeitando, porém, alguma cilada, enfocamos a lanterna no rumo do mato e encontramos um escondido. Apagando e acendendo novamente não vimos mais ninguém de forma que passamos a noite sossegados, não sem ficar um de nós de sentinela, alternando-nos. De madrugada lá estavam eles outra vez na margem oposta, durante a missa em número maior, pedindo que fôssemos de novo com presentes. O cacique percebendo que apreciávamos as flechas, começou a lançar alguma para cima do rio perto de nós para podê-las recolher. Com a montaria pilotada por Ladislau, fui recolhê-las até ficar perto do cacique que as jogava com menos força. Convidando-nos a apanhá-las na mão, falei para o Ladislau que pilotasse a canoa até o cacique e ele negou-se respondendo: "Não vá Mestre, que vão fazer com o senhor o que fizeram com os dois Padres" e não lhes demos esse ato de confiança que talvez teria sido o golpe decisivo para acabar de conquistá-los.

O cacique fincando as flechas na praia fez um discurso que durou uma hora sem que nós compreendêssemos nada. Voltamos a levar maior número de presentes, outro fardo de cobertores, facões, facas, um rolo de tabaco que deixaram em pedaços e até sabonete, etc. Não conheciam o sabonete, pois alguns percebendo o cheiro agradável o levaram na boca. Achando o gosto ruim, o jogaram zangados contra nós. Avisei o Padre que achava melhor colocar rapadura. Colocada esta, jogaram-na também contra nós, pensando certamente que os queríamos envenenar.

A isto acrescentou-se a idéia do Padre de querer filmá-los quando iam retirar os presentes. O cacique que não ia apanhar os presentes deu um forte grito quando viu o objetivo apontado para eles, julgando fosse o aparelho uma arma de fogo. Advertido o Padre, respondeu que não conheciam arma. Esta resposta indicava ignorância por parte do Padre, pois no Rio das Mortes, entravam armados de carabina para pescar, Carajás e mariscadores, que longe de esperarem ter um encontro amistoso, era só ver, atiravam neles

Uma suspeita poderia dar lugar ao fracasso da expedição, pela inconsciência daquelas almas primitivas. Dirigi-lhes algumas perguntas na língua dos Xerente, tiradas de um pequeno vocabulário impresso no Rio de Janeiro e eles responderam. Lástima não ter levado algum Xerente ou intérprete para saber o que dizia o cacique em seu discurso.

Um velho, talvez o feiticeiro, tirando o pó de uma cabaça, jogava-o contra nós, repetindo mal acentuada a palavra ouvida por nós "Amigos, amigos". O cacique trocava flechas por presentes repetindo sempre "Duré, duré", outra vez, outra vez e nós continuamos a dar até algumas coisas necessárias. Recebemos 48 flechas. Percebemos que gostavam muito do ferro e damos até latas vazias de gasolina.

Quando não possuíamos quase mais nada para dar, chegada a hora do almoço, o P. convidando o pessoal para almoçar se achava puxando a carne de uma sardinha prensada. Eu, conforme ordem recebida, estava ocupado em limpar uma arma enferrujada. De repente, de perto do nosso acampamento, da mesma margem, partiram duas flechas. Uma passou esfregando minha cabeça na mesma hora em que abaixei para limpar com a vareta o cano da espingarda. Se tivesse estado erguido me alvejaria no rosto ou no peito. Na mesma hora que gritei avisando que vinha flecha, entrou outra no antebraço do padre, rumo ao coração, furando ainda um pouco o guarda-pó. Sorte que estava na posição de puxar a carne da sardinha senão teria entrado direitinho no coração.

Naquele inesperado e emocionante momento, um camarada quis pegar na arma e o P. lhe proibiu. Eu apontei a espingarda sem cartucho no

rumo de onde saíra a flecha e os atacantes fugiram dando prova de que conheciam as armas, ou que se retiraram porque o cacique gritou com eles como reprovando o fato. Provavelmente os poucos atacantes que numa volta do rio tinham atravessado com balsas, eram aqueles descontentes que imaginaram os queríamos envenenar com o sabonete e a rapadura. Eu que com eles tinha experimentado perguntar em Xerente, gritei na hora, em português me dirigindo ao cacique: "Como é que vocês nos vêm flechar depois de receber tantos presentes?" Eles, como envergonhados, foram embora no mato. Eles, porém, nunca esquecerão esses dias e os numerosos presentes recebidos de quem os estimava de verdade!

Feito o curativo de urgência, consistindo em lavar a ferida e aplicar a pomada antiiodo; o Padre, gracejando, disse que tinha mesmo precisão de uma sangria. Encheu uma bacia de sangue. Sendo que os índios tinham ido embora, fomos embora também nós, com intenção de voltar, convencendo-os cada vez mais das nossas boas intenções. Fomos pousar, noite avançada, numa ilha não muito distante, depois de jantar alguma coisa. Descendo, encontramos as balsas que tinham ocupado os atacantes. Ao que parece estes dois ou três descontentes, atravessaram o rio e escondidos no mato, espiaram os nossos movimentos, aproveitando a ocasião oportuna para o ataque que não teve o êxito que esperavam porque Deus não quis.

Dias 29 e 30 - Descida o mais rápido possível com toda a força do motor, alcançando a barra do rio. Pena não ter as fotos do encontro, porque o P. Hipólito naufragou mais tarde perdendo tudo.

Dia 31 - Domingo: Descanso na Ilha do Bananal em Santa Isabel. Ladislau disse de não abanar o fogo com o chapéu, que iria ter dor de cabeça.

Dia 1.º de novembro - Subida do Araguaia, até Araguaiana porto da nossa 1.ª partida. Em algum pouso, a muriçocá atormentou toda a noite pelo que alguém chegou atacado de malária.

Contado as aventuras na civilização, alguém não deu crédito dizendo que não existiam os tais Xavante. A cicatriz, porém da flechada do Padre era bem manifesta.

5. Descrição da Segunda Expedição, em 1938

Desta tomei parte apesar dos repetidos ataques de malária.

Descemos o Araguaia, topando o batelão numa pedra da Cachoeira Grande, por ter parado o motor na entrada da mesma. Com o golpe foram jogados na água quase todo o pessoal, menos o P. Hipólito e eu que estávamos no porão e rapidamente desviamos a embarcação que corria perigo de naufragar. Um rapaz, ex-aluno do Liceu Sagrado Coração de Jesus de São Paulo, caindo na água e não sabendo nadar, rodando, foi agarrar-se numa das últimas rochas, da qual, de medo, não queria sair nem puxado. Molhou parte da carga. Chegando em Leopoldina, encontramos a bandeira paulista "Piratininga" que se dispunha a entrar novamente no Rio das Mortes, com um motor muito mais potente do que o nosso; partiram antes, tendo nós que consertar o nosso motorzinho.

Dias 9 e 10 de agosto - Entrada no Rio das Mortes. No dia 10, depois do almoço, encontramos de volta, uma turma de mariscadores, guiados por Carajás, que nos disseram ter avistado uma coluna de fumaça produzida pelos Xavante um pouco mais para cima 15 léguas. Acrescentaram ter até escutado tocar buzina.

Dia 11 - Chegamos no lago da Baronesa, onde no ano anterior um jacaré comeu viva a cachorra desse nome. Avistamos a fumaça de que nos falaram.

Dia 12, Sexta-feira - Não muito para baixo, do lugar do encontro do ano passado, encontramos na praia de uma ilha, a retaguarda da Bandeira paulista Piratininga, que seguiu logo viagem. Examinado o lugar minuciosamente, pudemos deduzir que os índios nos estavam esperando para receber novos presentes naquele lugar, vagando pelo rio à procura daqueles que lhes tinham dado tantos presentes úteis.

34

As jangadas não mais ocultas, mas na praia. Na beira do rio, dois caminhos; um, na margem esquerda, que conduzia até à próxima aldeia, passando por uma lagoa onde os índios tinham pescado; e outro, na margem direita, que ia até um outro lago, onde tinham construído seu acampamento.

Neste acampamento tinha o chiqueiro onde guardavam os porcos que tinham caçado. A Bandeira, chegada neste lugar guiada por um Carajá, achou tudo isto e se encaminhou para a aldeia que se achava pouco mais de duas léguas de distância. Os índios vendo gente armada reagiram, fechando-os e eles recuaram até a ilha, não tendo a paciência de ver voar as flechas sem atirar. A aldeia, disseram os bandeirantes, era grande, com malocas capazes de albergar 200 e tantos índios. Na retirada flecharam o Carajá na munheca da mão. Chegados na beira do rio, quiseram nos imitar dando algum presente. O que aconteceu depois, contou-me o próprio Sr. Willy Aurelli.

Dia 13 - Subindo o rio tocou-me ficar na frente e encontrar a bandeira do Sr. Willy. Mostrei uns cartuchos de arma de fogo que tinha encontrado na praia e disse: "- Os senhores atiraram nos índios, não? - De nenhum modo, nós atiramos para o ar porque são muito ingratos. Este nosso camarada quis dar presentes para eles e olha como o deixaram; mostra para ele". Abaixou a calça, e estava com a traseira entre vermelho e roxo das pancadas recebidas.

Procurando mais detalhadas informações dos componentes da Bandeira, disse-me o seguinte: "- Os índios estavam na beira do rio e nós na praia da ilha. Nos separava um furo do rio pouco fundo. O nosso companheiro pediu para o Xavante que se achava mais próximo se queria um maço de cigarros, o índio disse com gesto que sim, mas que tirasse a roupa; o camarada tirou a roupa não sem antes dizer para outro que se despisse também, ficando com o 32 atrás da cintura para uma eventualidade, pois tinha observado uma manobra do índio.

34v

Quando o rapaz esteve ao alcance, o índio que, com as pernas juntas, tinha escondido atrás o tacape, abaixou dando-lhe pauladas no traseiro. O companheiro tentou mergulhar para se salvar, mas não deu conta por ter pouca fundura o rio. O colega que estava nu com o revolver, deu um tiro na perna do índio e o Chefe mandou formar dando uma descarga sobre os índios, porque flechavam, mandando-os embora. Continuando a viagem a Bandeira ficou atrás, por ter-se alagado uma canoa que ia a reboque.

Dia 14, Domingo e dia 15, Segunda-feira - Chegada no barranco dos Mártires. Sendo domingo, foi celebrada uma missa ao pé do mastro do cruzeiro que os índios colocaram em pé no ano anterior. Lavagem de roupa e nova exploração. A Bandeira paulista passou na nossa frente.

Dia 16 - Continuou a viagem sem novidades, rio acima.

Dia 17 - Almoço no porto "Hermano Ribeiro da Silva" e janta em São Domingos, onde demoramos vários dias na inútil espera dos Xavante que tornaram a ser invisíveis por ter sido escorraçados pela Bandeira Piratininga. Aproveitamos alguns dias para limpeza dentro e fora da casa que tínhamos construído o ano anterior e que serviu de agasalho às Bandeiras.

Dia 23 - Viagem rumo a São Rafael ou Coruá, onde no ano anterior vimos acampamentos dos índios Xavante e avistamos a Serra do Roncador e onde no 37 chegou a bandeira Anhangüera com o Hermano Ribeiro e o P. salesiano José Nunes.

Dia 24 - Avistamos coluna de fogo dos índios na margem esquerda. Digo dos índios porque é diferente. Ao meio dia encontramos numa ilha dois paulistas da Bandeira, o radio-telegrafista mais outro junto com o Carajá ferido.

35

Nos contaram que o restante da Bandeira tinha-se encaminhado para a Serra do Roncador. Desejando eu conhecer em pormenores a relação da ida da bandeira à aldeia, pedi informação e o rádio-telegrafista disse: "Chegamos de madrugada, de surpresa, na aldeia que se achava a poucos quilômetros do Rio das Mortes. Vimos uma mulher nua que atravessava a aldeia carregando alguma abóbora. A aldeia tinha quatro grupos de casas grandes e redondas e uma ao lado, maior dos que as outras. O Chefe Willy Aurelli, gritou para a mulher "Ó lá!". Esta, ao sair da surpresa de ver civilizados, gritou assustada, saindo "incontinenti" todos, para ver o que era. Entrado novamente, as mulheres e meninos, para fugir carregando seus haveres e os homens para tomar arco e flecha a fim de defender a própria aldeia e território. Pudemos apreciar que tinham alguma plantação e que o córrego, correndo de norte para o sul ia desembocar na lagoa perto do rio. Um índio, que sem dúvida era o cacique, deu ordem a um grupo acompanhado de gesto

dizendo "Tó, tó!" indicando que fôssemos embora.

Demorando-nos a executar a ordem, começaram a nos cercar e lançar flechas principalmente no rumo deste Carajá que nos servia de guia e que foi ferido na munheca da mão direita, durante a retirada da Bandeira, em que foi lançando foguetes até à beira do rio. O bandeirante alemão, Henrique, conhecido no sertão por Dr. Saúva, porque ia recolhendo formigas, foi flechado na mochila que levava cheia de vidrinhos com álcool destes insetos.

Finalmente, na beira do rio, aconteceu o caso já contado por Willy Aurelli, com o colega que apanhou as cacetadas nas partes traseiras". O nosso Chefe, P. Hipólito Chovelon, dirigindo-se aos dois paulistas, disse-lhes zangado e com razão :"- Bonito papel os senhores estão fazendo".

Realmente, depois deste malfadado encontro dos paulistas da Bandeira Piratininga, tornou-se quase impossível toda tentativa de aproximação.

35v

Admiro sua coragem de ir até a aldeia dos Xavante, mas reprovoo o procedimento havido com eles.

Dia 25 - Descida até São Domingos. De índios, nem rasto.

Dia 26 - Continuamos a descer e também a subir o Mortes, deixando algum presente nos lugares mais freqüentados pelos Xavante. Constatamos com pena que não queriam saber mais dos civilizados, nem de presentes deles; pois foram até perto dos presentes e os deixaram intactos. A mim atacou-me a malária, de tal forma que apenas podia estar em pé. Em vista dessa doença e vendo a inutilidade do esforço para a desejada aproximação, decidi não voltar por enquanto ao Rio das Mortes, ficando só o P. Hipólito Chovelon, morando de vez em quando em São Domingos, até que entrou o pessoal do S.P.I. (= Serviço de Proteção aos Índios), chefiado pelo Sr. Pimentel Barbosa em 1941, que tentou ir nu perto da aldeia, dizendo que o Padre não sabia aproximar os índios, que ia ele demonstrar como se conseguia. O Padre avisou-o do perigo a que se expunha e quis experimentar por si. Foi massacrado com cinco companheiros, ficando denominado o Posto Hermano Ribeiro, Posto Pimentel Barbosa da S.P.I., retirando-se depois

também o P. Hipólito.

Sob a chefia do Sr. Francisco Meirelles, este conseguiu dar os presentes na mão, servindo-se de um intérprete civilizado conhecedor da língua dos Xerente e com a vantagem de que os índios já estavam amedrontados pela aviação e desejosos de receber mais presentes. Assim mesmo correu também perigo.(1)

43

(1) Francisco Meirelles ao assumir a chefia do Posto "Pimentel Barbosa" (São Domingos) para iniciar a tarefa de entrar em contacto com os índios Xavante, encontrou a mentalidade deles amedrontada pela incursão e ronco da aviação, daqueles pássaros desconhecidos que sobrevoando por cima das aldeias, ficavam invulneráveis às flechadas e cacetadas. O Pe. Hipólito sobrevoou com o Presidente Getúlio Vargas por cima de várias aldeias. Por sua vez, os rios passaram a ser rasgados rapidamente por embarcações com aparelhos que as faziam correr mais do que as suas balsas. Tudo isso eram apetrechos dos civilizados contra os quais se tornaram impotentes os recursos de que dispunham. Acrescente-se que já estavam "engodados" pelas muitas dádivas recebidas da Missão Salesiana. Por outra parte, achavam-se cercados. A única rota que lhes permaneceu mais ou menos aberta era a do sul e esta também se lhes fechava pela F.B.C. (= Fundação Brasil Central) com a penetração Roncador-Xingu. A verdade, por estas e outras razões, é que os Xavante se sentiram constrangidos num anel formado pelos desbravadores e pelos próprios índios de outras tribos, que disputavam a sangue a intromissão em seu território.

35v

6. Encontro com dois grupos de Xavante, em Xavantina, em 1951

Este encontro foi relatado pelo saudoso P. Colbacchini, no Boletim Salesiano italiano de 1954. No ano de 1949, tendo notícia que o P. Colbacchini, com o qual trabalhei por muitos anos, estava residindo sozinho em

Xavantina, na F.B.C., pedi e consegui ter com ele, na esperança de topar de novo com os Xavante. A F.B.C. convidou-os a se aproximarem, jogando deavião algum facão para eles. De fato, em 51 os caciques Eribuenã e Joruré, com o respectivo grupo de aldeia, apareceram dando sinais de amizade, na margem esquerda e convidando a atravessar o rio, gritando a palavra "aimori", que quer dizer "vem cá"; pediram a condução e um grupo atravessou o rio de canoa a motor de popa.

36

Desconfiados, nos intimaram a seguir na frente deles para visitar o povoado. Com grande curiosidade e assombro visitaram tudo, igreja, casas, escola e até o campo de aviação; dançaram diante da casa do comandante da Base. Depois atravessaram novamente o rio recebendo para comer, mandioca e milho, único alimento que aceitaram. Eu fui levar uns presentinhos, entregando-os ao mais velho que recusou aceitá-los indicando os entregasse ao cacique apesar de ser mais moço.

O cacique Eribuenã fez-me sentar junto a ele e apalpou-me os bolsos, duvidando se tinha revolver, não sei com que intenção. Apareceu depois, mais tarde a outra turma do cacique Joruré, que não combinavam muito com a turma de Eribuenã. Aconteceu que uma boa parte dos funcionários de Xavantina não queriam saber da importunação dos índios, e aproveitaram de um baile no dia de Carnaval, para jogar foguetes, de noite, no rumo do acampamento dos índios, que fugiram a debandada. Antes não queriam sair de lá.

Depois desta fuga, quando se pensava que não apareceriam mais, entrou o trator na margem esquerda fazendo estrada e apareceram de novo, com mulheres e crianças. Desapareceu a desconfiança deles e decidiram construir a aldeia perto da nova estrada a poucos quilômetros de Xavantina. Nós fomos visitá-los de vez em quando, levando algum presentinho e a nossa cordialidade. As Rev.das Irmãs de Campo Grande me proporcionaram os primeiros vestidos para as mulheres que aceitaram alegremente, pois estavam nuas. A aviação da F.B.C. de Xavantina tinha descoberto uma aldeia grande perto de uma lagoa, a mais ou menos 100 kms de distância. Os índios desta, já tinham desanimado de jogar flechas e tacapes sem conseguir

atingir o avião. Uma das vezes, no começo da fundação de Xavantina, um avião chegou em Aragarças com uma flecha fincada na asa. Esta aldeia recebeu o nome de Aldeia da Lagoa. Eram estes os índios que tinham massacrado Agenor e sua esposa perto de Merúri.

36v

Um lavrador que morava um pouco mais para cima de Xavantina, tinha observado que os Xavante lhe roubavam a mandioca e apareceram na beira do rio como desejando ter um contacto. No dia da Ascensão, 14 de maio de 1953, mandou seu filho a Xavantina, avisando que os índios tinham aparecido de novo. Conversando a 1.^a vez conosco, tínhamos-lhe recomendado que nos avisasse. Todo assustado, chegou a cavalo dizendo: "Os Xavante voltaram, passaram do nosso lado e pretendem tudo. Aqui tem outro cavalo. Faça o favor de vir logo".

Decidimos partir logo, não a cavalo, mas por via fluvial, motor a popa numa canoa. Feitos os preparativos para a viagem, com alguns presentes, embarcamos, o P. Colbacchini e eu mais dois empregados práticos do rio. Era de tarde e precisava subir o rio, vencendo as corredeiras nuns 50 kms, com perigo de naufragar. Graças a Deus não aconteceu nenhum incidente desagradável; porém não conseguimos chegar de dia. O sol, escondendo-se atrás das frondosas árvores da floresta, desapareceu logo e sucederam as sombras da noite. Mesmo às escuras, navegamos pelo espaço de uma hora antes de chegar no rancho do roceiro Bernardino, que vindo na beira do rio nos cumprimentou dizendo "Bem vindos!

Estava sozinho demais com estes selvagens". "- Onde estão?" lhe perguntei. - "Se retiraram no mato, do outro lado, não faz muitas horas. Acho que não estão muito longe e chamados virão". Assim falando nos dirigimos à pobre casa onde estavam a esposa e o filho do Bernardino que este nos apresentou, oferecendo-nos logo um tosco assento. A velha tratou de cozinhar logo um pouco de arroz com mandioca. Durante a frugal refeição falou-se a respeito dos índios Xavante que, talvez, por ter-se aproximado daqueles de Xavantina, estavam com intenção de fazer o mesmo. Podia-se duvidar, porém, sendo que não fazia muitos dias tinham massacrado um empregado Claudionor Martins que se aventurou a medir terras perto da aldeia.

37

Outro empregado, alcunhado Sucupira, recebeu as pauladas na cabeça e se salvou porque teve tempo e coragem de pegar a carabina e dar algum tiro. Passou por Xavantina com a cabeça quebrada. Não sei se o apelido de Sucupira era seu verdadeiro nome, ou se talvez o recebeu na ocasião, por ter a cabeça resistente às fortes pauladas. Não obstante isto, opinávamos que os habitantes da Lagoa tivessem boas intenções. A noite fria, e o desejo do encontro, não nos permitiram dormir muito sossegadamente. De madrugada, olhamos ansiosos a margem oposta e nada; silêncio sepulcral. Então demos um forte grito na língua deles "Aimori ! Sawidi! Sawidi!" (Vem cá! Amigos! Amigos!) Poucos instantes transcorreram e é aqui que apareceram na nossa frente, no mato, um grupo de índios nus, gesticulando para que fôssemos com a canoa buscá-los. Eram os mesmos que perpetraram várias mortes nas cercanias da Colônia Sagrado Coração.

Fomos, mas com triste surpresa, ao aproximar-nos, viraram as costas e desapareceram. Será que não os veremos mais? Gritamos novamente "Aimori! Aimori! Sawidi! Sawidi!" Depois de esperar um pouco, apareceram dois que não aceitaram o convite de entrar na canoa. Não demoraram em chegar outros dois armados de arco e flecha. Falaram algumas palavras e se decidiram a entrar na canoa que rapidamente atravessou o rio.

Chegados, os quatro pularam para a terra, e nós logo todo satisfeitos, fomos abraçá-los. Eles, ao princípio, demonstraram grande indiferença, quase desprezo para conosco. Não perdemos, porém, a esperança de conquistá-los, pois com essa finalidade tínhamos rezado a Maria Auxiliadora. Apenas chegamos na frente da casa, demos alguns presentinhos repetindo as acostumadas palavras "Sawidi! Sawidi!" Que parecia mais velho fez um sorriso e também ele disse "Sawidi!" e os outros repetiram a saudação amistosa.

37v

Sendo que, aos poucos, se demonstravam mais amigos, falamos que chamassem os outros que ainda estavam do outro lado do rio. O de maior idade, após trocar algumas palavras com os companheiros gritou e, ao grito, responderam os outros com outro grito. Os Bororo se comunicam

de longe por meio de assobios, estes, por gritos. Respondendo os da margem oposta, a canoa foi buscá-los. De duas ou três vezes atravessaram o rio. Uns vinte índios, entre eles alguns velhos também. Desembarcaram silenciosamente. Dois conduziam arco e flecha. Um dos que tinham arco e flecha, alto de estatura, caolho, que atualmente está em São Marcos, foi perto do P. Colbacchini e sem dizer uma palavra entregou-lhe arco e flechas. A mim me deram a gravata deles, consistente em um cordão de algodão. Ao desembarcar tremeu dizendo "Pipadi!" que significa "Estou com medo!".

Agora os companheiros dizem que ele estava brincando. Recebeu em troca uma camisa de meia, nova, que contente e admirado vestiu logo. Com medo, trêmulos, receberam os presentes e ficaram mais confiantes. Foram repartidas facas, espelhos, pentes, fósforos e até caramelos. A respeito dos caramelos, os meteram na boca com o papel e os cuspiram fora de novo. Demonstraram não conhecer estes dois últimos objetos, pois após observar meticulosamente a caixa de fósforos um a devolveu. Então extraindo alguns, os acendemos e ficaram maravilhados. O caolho deu um pulo para trás espantado, e quis que se repetisse a operação, visto que não acontecia nada desagradável e que o fogo fosse produzido tão facilmente; todos sorriram e repetiram a palavra "Duré! Duré!", "Outra vez, outra vez!". Para eles acostumados a produzir o fogo com muito esforço pelo esfregamento de dois pauzinhos, aquilo de conseguir tão fácil e rapidamente era a maravilha número um. O caolho quis por si mesmo experimentar acender um e, conservando-o aceso deu uma sonora gargalhada. Os outros o imitaram e pediram mais. Realmente foi um grande sucesso. Graças a Deus! Tiveram medo também da máquina fotográfica, precisou mostrar-lhes algum retrato de outros índios de Xavantina.

38

Com a distribuição dos fósforos e dos outros pequenos objetos que lhes demos, todos ficaram contentes. Prova dessa alegria é que, tomando-nos pela mão nos convidaram a dançar o "Suapsídá", dança significativa, que consiste em giros concêntricos ao ritmo de uns cantos propriamente particulares deles. Lástima ter-se extraviado a fotografia tirada nessa ocasião. O P. Colbacchini já velho, fazia os movimentos com o corpo, sem

mexer os pés. Passava o tempo e ao P. Colbacchini lhe veio a idéia de levar conosco a Xavantina dois ou três como prova de um pacífico encontro. Manifestei meu pensamento a um velho que parecia o cacique e, tanto ele como os outros, intuíram logo de que se tratava. Reuniram-se e discutiram entre si conforme seu costume.

Indiquei dois moços que pareciam ser os mais inteligentes. Dois velhos foram perto do P. Colbacchini e deram a entender que consentiam com a condição de que voltassem logo. Exigiram, porém, uma espécie de juramento. Colocando a mão sobre a testa do P. Colbacchini e depois sobre o peito do lado do coração, pediram que ele fizesse outro tanto. E não somente isso, mas chamando os que deviam acompanhar-nos, lhes tomaram a mão e a colocaram sobre o coração do P. Colbacchini. Este ato indica que, embora selvagens, têm o sentimento da responsabilidade e o valor da promessa. Abraçamo-los de novo, afetuosamente, tratando de fazer-lhes compreender que podiam ficar tranquilos que voltariam logo. Aquele velho que nos parecia o cacique, perguntou-nos quantos noites pernoitariam lá em Xavantina. Foi-lhe respondido que, no máximo duas e depois tornaríamos a subir o rio levando mais presentes.

38v

O suposto cacique, depois de ter dado mostras de amizade verdadeira, entregou não só dois mais três moços, dando sinais de que podíamos viajar. Por último, este mesmo velho chamou um rapaz e apresentando-o disse que ele não tinha recebido nenhum presente. Já tínhamos distribuído tudo. Eu, sabendo por experiência, que se todos não recebessem, alguém ficaria descontente e zangado, estava prevenido para este caso. Tinha o calção de banho por baixo da calça. Despi esta comovido e a entreguei embrulhada ao velho, sem perceber que junto com a calça entregava o meu bom relógio, marca suíça Longines, que me servia para as observações meteorológicas. Os circunstantes ficaram maravilhados da minha generosidade e eu disse-lhes: - "Uma obra de misericórdia é vestir os nus. A mim não me falta nada, graças a Deus, terei outra calça melhor do que essa".

O índio nos presenteou também oferecendo-nos milho deles que é diferente do nosso. Depois disto tratamos de transportá-los na margem

oposta. Chegados lá fizeram um círculo dançando satisfeitos. Acabada a dança o velho fez um pequeno discurso. Terminado, acrescentou: "To! To!" que significa "Ide embora! Ide embora!".

Então nós decidimos voltar para Xavantina dando adeus com a mão. Os três rapazes índios observavam tudo maravilhados de ver o motor que sulcava as águas com rapidez. Ainda não nos tínhamos afastado muito, quando um dos índios se pôs a observar com muita curiosidade o relógio pulseira do P. Colbacchini, aplicando o ouvido para escutar o tic-tac e dando gargalhadas. Então eu quis também mostrar o meu relógio. Percebendo que o tinha entregado ao velho com a calça me pus a gritar: "Vire o motor, vamos voltar onde estão os índios!" "Mas o que tem?", disse-me o P. Colbacchini. - "Distraidamente entreguei ao índio, junto com a calça, o relógio especial e é necessário ir buscá-lo. Preciso dele".

39

O P. Colbacchini respondeu: "Deixe estar, tenha paciência; provavelmente não o encontrará mais. A Providência lhe proporcionará outro". Resignado, continuamos a viagem e assim, pela 1.^a vez, um selvagem Xavante teve um relógio suíço.

Chegados em Xavantina, conduzimos logo os nossos hóspedes à nossa residência, para dar-lhes ao menos um calção, pois estavam completamente nus. Todos, funcionários e trabalhadores da Base de Xavantina, quiseram cumprimentar os nossos amigos. Oferecendo a nossa comida, não quiseram comer. Comeram depois com apetite, uma sucuri assada, achada na beira do rio. Observaram atentamente tudo, gostando especialmente da escola e dos cantos das crianças que lecionávamos. Foram levados de jeep até no campo de aviação.

Nisso chegou o anoitecer. A luz elétrica iluminou rapidamente as casas todas. Foi-lhes apresentada para dormir, uma mesa grande, coberta com lona e colocada na escola. Viram maravilhados como se acende e apaga a luz e ficaram deitados, não longe da nossa residência. Não demorou uma hora, que, no silêncio da noite, ouviu-se um barulho infernal na escola onde estavam hospedados os rapazes Xavante. O P. Colbacchini chamando-me, disse: "Faça o favor de ver o que fazem esses malandros". Abri de repente

a porta da escola. Estavam em pé, em cima da mesa dançando, cantando e dando, de vez em quando gargalhadas, enquanto um deles acendia e apagava a lâmpada da luz elétrica. Achamos conveniente fazê-los dormir em cama em outro quarto. Tivemos que explicar-lhes, porém, praticamente como deveriam dormir na cama, e riram a valer.

39v

No dia seguinte, de madrugada, estavam em pé. Não quiseram tomar café. Observaram com atenção tudo e como disse, muito chamou-lhes a atenção a escola, os cantos, a disciplina dos meninos, etc. Dos cantos pediram o bis. Gostaram também da explicação do quadro de Nossa Senhora Auxiliadora, cuja festa estava-se preparando. O Comandante da base de Xavantina, sabedor do ocorrido, mandou chamar o cacique da aldeia mais próxima, Eribuenã. No entanto, trepando num caminhão, foram conduzidos até o campo de aviação e embarcando num avião, este sobrevoou o lugar do encontro onde estavam seus companheiros esperando-os. Ficaram tão impressionados de tudo que se olharam mutuamente, sem proferir uma palavra sequer. Depois deste vão, chegou o cacique Eribuenã com um companheiro. Encontrando-se os dois caciques um após o outro, fizeram o seu discurso e assim passou o resto do dia.

De noite, na capela, reza do terço, cânticos e bênção eucarística. Os Xavante, atraídos pelos cânticos, não foi necessário chamá-los; acudiram logo. Não compreendiam nada, mas estavam compenetrados do que contemplavam e certamente Nossa Senhora, olhando aqueles três Xavante, também seus filhos, terá implorado a hora de eles também conhecer a ela e Nosso Senhor Jesus Cristo.

Terminada a função na Igreja, eles não saíram; ficaram observando tudo de perto. Diante da imagem de Nossa Senhora das Graças, padroeira do lugar, ficaram olhando-a por alguns instantes e depois foram acompanhados ao quarto de dormir. Ao dia seguinte de manhã, conforme a palavra dada, voltamos acompanhados do Comandante e do Cacique Eribuenã, levando enxadas e machados para que construíssem um campo de aviação perto da aldeia seguindo o desejo do Comandante.

Em cinco horas chegamos ao lugar do encontro. Lá estavam esperando-nos os Xavante com os olhos fixos para ver se os três moços voltavam e como voltavam. Quando viram que voltavam sãos e salvos e ainda com presentes, ficaram muito alegres. Os três jovens dirigiram-se aos velhos caciques, entregando as ferramentas recebidas e contando as maravilhas que tinham visto e ouvido.

Seguiu-se a saudação de praxe dos dois caciques com o discurso de ambos. Logo manifestaram a intenção e o desejo de retornarem à aldeia que distava de Xavantina uns 55 kms, onde as mulheres e os filhos os estavam esperando. Partiram contentes e nós também voltamos satisfeitos para Xavantina. Nós continuamos depois a visitar, de vez em quando, a aldeia mais próxima que era aquela de Eribuenã e os de esta aldeia vinham também de tanto em tanto a visitar-nos em Xavantina. As mulheres desta aldeia, receberam os primeiros vestidos que consegui das boas Irmãs F.M.A. de Campo Grande.

Com o freqüente contacto com esta aldeia, pudemos constatar que o seu cacique Eribuenã era muito egoísta, pois reservava para si e seus íntimos o melhor das dádivas e entregava o que não queria para os outros, deixando alguns sem nada. Por cujo motivo muitos estavam descontentes. Entre estes, principalmente os da turma de Joruré. Depois de algum tempo os da Lagoa apareceram novamente, para cima de Xavantina a 10 léguas, na morada dos Araés, onde um garimpeiro gaúcho com família tentava garimpar ouro com maquinaria moderna. Eu com um motorista e um funcionário da Base de Xavantina, interprete, conhecedor da língua dos Xerente, que é quase igual, fomos ter com os Xavante levando, como de costume alguns presentes.

40v

Acolheram-nos alegremente, tiramos algumas fotografias juntamente com o cacique "Aibõ mitsi" que significa "Um homem só" e que recebeu um chapéu e uma camisa de meia ficando satisfeito.

Recebidos os presentes, contracambiaram com os seus. Encontrando entre eles o velho cacique que tinha recebido o relógio, perguntei-lhe

onde estava e disse-me que deixou-o pendurado no rancho como uma coisa bonita dos civilizados. Recomendei-lhe que mo trouxesse e eu lhe daria dois facões novos, um para ele e outro para o filho. Não vi mais o relógio, certamente terá tido um fim desastrado, querendo examiná-lo. Perguntados se tinham construído o campo de aviação, disseram que não.

Após esta breve visita, despedindo-nos amigavelmente; deixando-os voltamos para Xavantina. Passados alguns dias o chefe desta Base mandou um avião a fim de verificar se os índios tinham feito o campo. Desejosos estes índios de se aproximar de Xavantina para receber novos presentes, uma turminha apresentou-se de fato ao chefe, que os recebeu zangado dizendo que fossem embora, pois tinham recebido a ferramenta para fazer o campo e não fizeram.

Talvez por esta causa, estes Xavante da Lagoa ficaram inimizados com Eribuenã que estava "na manga" do chefe da Base, tendo recebido deste uma carabina automática. Com esta carabina, o irmão de Eribuenã, "Aribuni", matou o mais velho dos três moços que nos acompanharam até Xavantina depois do 1.º encontro. Os da Lagoa então, ameaçaram os de Eribuenã que se preparassem pois iriam atacar a aldeia.

Então abandonaram esta, sabendo que não resistiriam por ser menor número e foram morar na margem direita encostado em Xavantina, não por muito tempo porque alguns funcionários da Base não queriam saber deles dizendo que a F.B.C. estava ali para povoar e não para tratar de índios. Fazendo um apelo ao Governo nesse sentido, ele enviou um funcionário do S.P.I. que os conduziu umas léguas mais embaixo para morar com ele no lugar denominado Capitariquara.

41

Outra turminha que não gostava de Eribuenã, seguiu um Pastor protestante e localizou-se num lugar chamado Areões. A outra turma chefiada pelo cacique Joruré que tampouco combinava com Eribuenã, o P. Colbacchini convidou-os para Santa Terezinha, na tapera onde os dois padres que os índios massacraram ficaram morando dois ou três anos. Os da grande aldeia da Lagoa, que Xavantina os rechaçava, que ficaram inimizados com Eribuenã porque este mandou matar algum, temendo diminuíssem os dona-

tivos, e eles por sua vez desejavam aproximar-se da civilização, nós os convidamos que fossem procurar os Padres do Merúri o que muito bem compreenderam. Tendo acrescentado que foram dizimados pelas doenças, realizaram o que já era um seu desejo.

Para a catequese da turma de Joruré, foram mandados os padres Pedro Sbardelotto e Higino Fasso. Eu fui do parecer que se tratasse dos da Lagoa por serem mais numerosos e por ocupar uma zona mais sadia, mas o Superior, P. Guido Barra, disse-me que destes tratar-se-ia mais tarde. Então pedindo transferência para Santa Terezinha, o consegui.

O que se sofreu lá nos primeiros anos só Deus sabe. Aconteceram algumas brigas entre os índios e desagradáveis aventuras, que induziram o P. Inspetor a fechar aquela dificultosa Missão de Santa Terezinha, a fim de reforçar a incipiente de São Marcos e Sangradouro onde, divididos, se refugiaram todos os Xavante da Lagoa. Dos três salesianos que estávamos em Santa Terezinha, dois fomos destinados a Sangradouro e um a São Marcos.

41v

Atualmente nestas nossas Missões de Sangradouro e São Marcos, quase 1000 índios Xavante cantam louvores ao Todo-Poderoso. O sangue derramado pelos Missionários salesianos está dando seus frutos. Hoje os Xavante destas Colônias estão sendo carinhosamente catequisados, ficando Xavante-cristãos; foram já batizados diversos por pedido dos mesmos e por serem julgados conhecedores da doutrina cristã. Ensina-se, além da nossa santa religião, a ler, a escrever por meio de cartilhas especiais. É ensinada a música instrumental e vocal, para a qual demonstram grande interesse. Nas duas Colônias existe a Banda de música e já tocam várias peças. Ensina-se a agricultura moderna e colhe-se arroz, milho, feijão, cana, mandioca, café, abóboras, amendoim e até trigo, batata, etc. Tem criação de gado vacum, cavalos, suínos, galinhas e outras aves.

Dois Xavante já sabem trabalhar com o trator, outros dois aprendem a marcenaria e mecânica, e um, trabalha com o gado. Todos são convidados a trabalhar batendo o sino às sete horas da manhã. Não se obriga a ninguém, mas os que acodem ao trabalho, se lhes dá comida e dinheiro para comprarem o que precisam. Tem só assistência gratuita às crianças, velhos

e doentes. Com esse sistema, não mais andam nus e sim com calças e camisas, saias e blusas tanto contra o calor como contra o frio. A maior atenção se dedica aos filhos. Enquanto à Religião, os índios continuam com seus usos e costumes, só não se aprova tudo o que é contrário à Lei de Deus. Creio que estamos cumprindo importante missão, porém é forçoso dizê-lo, está sendo obstaculada por algum civilizado, que de civilizado só tem o nome.

42

Digo isto porque tenho observado principalmente entre os Bororo que, em contacto com esses tais civilizados, escutam certas palavras e conversas que não prestam, ensinando e favorecendo, de palavra e com o mau exemplo, os vícios, como a bebedeira, o fumo, além de outros piores. Aos maus costumes deles mesmos, acrescentam os dos civilizados, tornando difícil fazer que o aborígene adote somente os nossos costumes de bons cristãos; porque o nosso desejo e esforço é para que essas pobres almas continuem sendo Xavante sim, mas Xavante cristãos, conhecedores e sobretudo praticantes dos ensinamentos do Evangelho de Cristo, e tudo isto requer muito tempo e sacrifício.

Termino acrescentando algumas observações particulares de um douto missionário conhecedor do caráter geral dos índios:

São todos selvagens; porém alguns têm mais bom coração do que muitos que se consideram civilizados. A Deus o tem lá encima no céu, olhando-os e protegendo-os.

Há entre eles uma espécie de comunismo prático sobretudo entre os adultos. Ninguém é mais do que ninguém; são iguais todos, e cada um é livre de fazer o que lhe dita seu parecer, sem mais freio que respeitar os costumes e tradições da tribo, herança pela qual, em geral, sentem profundo respeito. Ninguém aspira a ser rico, mais inteligente, mais bonito que outro. Única sua aspiração é poder achar com que se sustentar, intrometendo danças, ritos e superstições primitivas. Entre eles não há preocupação pela fama imortal: a vida não pode ser mais do que é. Os ateus e egoístas deste século, consideram os selvagens, seres irracionais, incapazes de progredir e portanto, dizem, devem desaparecer da face da terra.

Nada mais errado. Quem trabalhou em sua educação e instrução, pode afirmar que são filhos de Adão como nós, pagãos como nossos antepassados, mas com inteligência suficiente para compreender quem deseja o seu bem e quem os despreza".

Acho bom ainda acrescentar um escrito autêntico do P. João Fuchs que mandou desde Mato Verde, para as Rev.das Irmãs de Araguaiana, dois meses antes de sua morte trágica.

"Rev.das Irmãs do Colégio N. S. Auxiliadora - Araguaiana.

Aqui vai, se ainda não foi, a desejada Via Sacra, que pagarão com Vias Sacras em favor da mesma missão entre os Xavante e Carajás. Passamos pelo Rio das Mortes por água e por terra. Vimos muito rasto, acampamentos, aldeias. Faltam só os Xavante. Estamos no Mato Verde, onde já temos uma casa rude, tosca, para as Rev.das Irmãs e fazemos outra para nós. Falem com a Rev.da Madre que mande quanto antes as Rev.das Irmãs porque tem bastante a fazer. Trabalho não falta nem tão pouco falta a Via Sacra para ir em seguimento de Jesus carregando a Cruz.

Cordiais saudações do amigo em Cristo Jesus

Pe. João Fuchs - Missionário Salesiano

Secretário de S. Ex.cia Rev.ma Mons. J. B. Couturon

DD. Administrador Apostólico da Prelatura.

Mato Verde 12-9-34, Nome de Maria 14-9-34, Exaltação da Santa Cruz

SUGESTÕES PARA CRIAÇÃO DE RESERVAS PARA OS ÍNDIOS XAVANTE DO PE. PEDRO SBARDELLOTTO

APRESENTAÇÃO DO AUTOR

Pedro Sbardelotto nasceu aos 22 de agosto 1916 em Mel, na Itália. Chegou ao Brasil em 1936 e ingressou no noviciado dos SDB. Tendo concluído seus estudos de filosofia começou o tirocínio em Sangradouro, mas só por um ano. Depois de dois anos e meio voltou novamente por um ano e meio para as Missões, desta vez em Merúri.

Continuando o ciclo dos estudos, permeado de dificuldades de saúde e respondendo a necessidades emergentes, foi ordenado presbítero em 1950. Desta vez foi trabalhar numa frente avançada, em Xavantina, onde a Fundação Brasil Central tentou firmar o progresso no interior do país e traçar as novas rodovias que possibilitassem e implantação de projetos agro-pecuários naquela região, até então habitada e ferrenhamente defendida pelos Xavante.

Foi em 1951, enquanto Pe. Pedro esteve ausente por motivo do Retiro, que aos 29 de janeiro apareceram os primeiros Xavante no outro

lado do Rio das Mortes. Ao lado do Pe. Colbacchini dias mais tarde atravessou o Rio das Mortes para contatos mais consistentes com os Xavante que procuraram uma convivência pacífica com os "brancos". O problema enfrentado já era onde fazer com que se firmassem numa aldeia.

No maio de 1951 foi enviado para Santa Terezinha para estudar o lugar para construir a nova Missão. Aquela região de difícil acesso e no tempo da enchente em grande parte inundada não oferecia muitas condições favoráveis para isso. Coroando este esforço, no Natal de 1953, Pe. Pedro e Pe. Higino Fasso puderam festejar a data com a presença de um grupo de Xavante. Nesta Missão Pe. Pedro continuou até março de 1958.

Devo acrescentar que em março de 1959 deu-se uma desavença dos Xavante da Missão com outro grupo inimigo da mesma tribo que resultou na fuga de todos os Xavante da Missão e, sem índios na Missão, os missionários abandonaram aquela Missão até inícios de 1962.

Enquanto isso, o Pe. Pedro já tinha sido transferido para a nascente Missão de São Marcos, entre os Xavante. Tempos difíceis em que os Xavante recuperaram sua saúde e sob a orientação dos missionários começaram atividades agrícolas. Os vizinhos pioneiros, ainda acostumados a combater os "selvagens", não simpatizavam com os missionários que defendiam os índios e questionavam a invasão das terras, então propriedade da Missão. Foi neste tempo que Pe. Pedro recebeu uma famosa surra que lhe valeu 14 pontos na cabeça para restaurar o ferimentos causados. Foi porém um fato significativo que lhe valeu a confiança dos índios.

Depois de três anos nesta luta foi para Araguaiana. Em 1967 voltou a Xavantina para exercer pastoral itinerante até 1977. Foi em dezembro de 1968 que se deu o primeiro de muitos encontros com o Presidente da FUNAI, Dr. José de Queiroz Campos, que executou o interesse do Ministro do Interior pela criação de cinco Reservas para os Xavante. Desse trabalho testemunham os relatórios que abaixo leremos em todos os detalhes, trabalho imprescindível para a criação das cinco Reservas Indígenas para os Xavante. Estes relatórios também comprovam que Pe. Pedro circulava sem problemas entre todos os Xavante em defesa de seus direitos.

Com um breve intervalo trabalhou em 1982 em Sangradouro para depois se firmar em São Marcos onde está gozando da simpatia dos Xavante, com sua idade avançada.

Pe. Jorge Lachnitt

Do: Pe. Pedro Sbardellotto
Missionário Salesiano em Xavantina MT
Observador da FUNAI no PINA

Ao: Ex.mo Sr. General José Costa Cavalcanti
DD. Ministro do Interior.

Assunto: Considerações e Sugestões
p/ Criação de Reservas p/ os índios Xavante
no Estado de Mato Grosso.

ORDEM DA MATÉRIA

Introdução

- I - Esboço Histórico da Tribo Xavante
- II - Principais Tentativas e Malogros de Pacificação
- III - Localização dos Aldeamentos Xavante em 1.949
- IV - Decreto Estadual da Reserva em 1.950
- V - Deslocamento dos Aldeamentos Xavante de 1.950 a 1.970
- VI - Estudos para as 3 Reservas, pela FUNAI, em 1.969
- VII - Decreto Ministerial de Dezembro de 1.969
- VIII - Repercussão entre os Pioneiros
- IX - Posição Xavante
- X - Solicitação e Sugestões da Missão Salesiana

Conclusão

**Ex.mo Sr. General José Costa Cavalcanti,
DD. Ministro de Estado**

Respeitosas Saudações

Visitando as Missões Salesianas entre os Xavante em abril de ano findo, Vossa Ex.^a vinculou-se a esta tribo com laços de simpatia e amizade, laços esses reforçados por ocasião da recepção feita pela Banda Xavante ao Presidente da República na Ilha do Bananal, em julho passado, levando V. Ex.^a a externar seus sentimentos no Simpósio FUNAI-Missões Religiosas, em Brasília, em agosto de 1.969.

As elogiosas e animadoras palavras de V. Ex.^a acalentaram na Missão Salesiana esperanças e ousadia para recorrer a V. Ex.^a afim de que tire esta formidável tribo do impasse inacreditável em que se encontra e assim projetá-la para um futuro de realizações.

Incorporado quase de contrabando à Comitativa Ministerial pelo Dr. José de Queiroz Campos, em Aragarças, aos 21 de abril do ano passado, acompanhei V. Ex.^a em visita às Missões Salesianas de Sangradouro e São Marcos, e daí ao Bananal e Xingu, seguindo depois para Brasília a pedido do Presidente da FUNAI, afim de engajar-me para uma colaboração mais estrita.

De nacionalidade italiana, vindo ao Brasil por vocação missionária em 1.936, com 20 anos de idade, já em 1.938 passei um ano em Sangradouro, e em 1.941-42 um ano e tanto em Merúri.

Nos meados de 1.950 já estava em Xavantina, na Fundação Brasil Central (F.B.C.), onde convivi por três anos com aqueles pioneiros, tendo então realizado meus primeiros contatos com os Xavante.

Após uma pausa de um ano em Araguaiana, no Natal de 1.953 fundei a primeira Missão Salesiana entre os Xavante, em Santa Terezinha, no Rio das Mortes, a 150 km ao NE de Xavantina, onde trabalhei quatro anos,

deixando ao Pe. Luiz Lorenzi, ao partir, mais de 300 Xavante, sendo que tinha iniciado com exíguo grupinho de 65.

Um ano de tratamento e descanso no Estado de São Paulo, em 1.958, em fevereiro de 1.959 já estava organizando a recém-iniciada Missão de São Marcos.

Para a sobrevivência daquela Missão já em julho foi preciso ser batizado no meu sangue pelas mãos de um fazendeiro invasor, a conselho de autoridades municipais e estaduais (... dá uma pisa no padre: ele vai embora, nenhum outro terá coragem de tomar o lugar dele: vocês ficam com as terras e acabam com os índios ...).

Mas o Padre Pedro lá ficou, e ao fim de três anos podia entregar ao Pe. Mário Panziera a Missão encaminhada e pronta para as grandes realizações que V. Ex.^a testemunhou.

Marinheiro de água doce desde os tempos de Santa Terezinha, passei então, de 1.962 a 1.967, a prestar assistência religiosa e social às povoações dos Rios Araguaia e das Mortes, desde Araguaiana e Xavantina até o Rio Tapirapé.

Pude então privar com os Karajás e Tapirapés, manter contatos periódicos com os Xavante do Rio das Mortes e sua Missão e chegar por primeiro à última aldeia Xavante arredia, no Roncador.

Em 1.968 passei mais um ano em São Marcos, com Pe. Mário Panziera, ano em que tivemos a visita do então Ministro do Interior, General Augusto de Albuquerque Lima, e justamente no 9.º aniversário da minha surra.

O despontar de 1.969 encontrou-me já transferido para Xavantina para a assistência religiosa àquela região, e como elo de união entre nossas Missões e os outros aldeamentos Xavante.

Quando, ao rematar a visita aos grupos indígenas dos rios Mortes, Araguaia e Xingu, V. Ex.^a auspiciava uma integração humana progressiva e eficiente dos silvícolas e preconizava o entrosamento das Missões Religiosas com a FUNAI, então o Presidente da mesma engajou-me para ajudar solucionar os problemas dos Xavante dos Areões, na área de Xavantina.

Eis uns tópicos do Ofício com que me recomendava ao chefe

daquele Posto; "... Por outro lado, determinou o Ministro do Interior, recentemente, mais estreito entendimento entre a FUNAI e as Missões Religiosas. Em visita feita a São Marcos e Sangradouro, teve sua Ex.^a entendimento direto com os padres salesianos, para um esforço conjunto, resultando um entendimento dessa presidência com o Padre Pedro Sbardellotto, para equacionar os problemas dos Xavante dos Areões".

"Pe. Pedro conhece, há 20 anos, essas tribos e sua Congregação cedeu esse Religioso para um trabalho conjunto".

"Portador deste Ofício, está ele credenciado, como assistente da Presidência da FUNAI, para a solução dos problemas mais urgentes dessa comunidade."

Eis portanto desde quando, como e porque metido nisto, e também porque sou o signatário desta moção.

Muito embora suas divergências e rixas internas passadas e presentes, a formidável tribo Xavante é coesa e uníssona, e baldados seriam nossos trabalhos e suores se nos fechássemos nas nossas duas Missões, e não sentíssemos e não procurássemos solucionar o mais crucial problema dos outros e dos nossos Xavante: A posse de suas terras.

I. ESBOÇO HISTÓRICO DA TRIBO XAVANTE

É verdade, há uns 150 anos, os Xavante viviam, mais ou menos sossegados, em Goiás, no divisor das águas dos rios Tocantins e Araguaia. Represálias excessivas e ladroeiras dos índios; massacres em massa em recintos fechados, aí reunidos com promessas de brindes; invasão progressiva de suas terras, e mais que tudo, invasão de suas famílias com a prostituição de suas esposas e filhas em troca de miçangas, foram injustiças revoltantes para os Xavante e os impeliram a procurar os Gerais de Mato Grosso, atravessando o Rio Araguaia na altura de São José dos Bandeirantes.

De lá prosseguiram sua retirada forçada e abrigaram-se, não digo no recesso das matas, mas nos recôncavos da Serra do Roncador, protegidos pelos pantanais aquém e além do Rio das Mortes.

Até o ano 1.850 já tinham tomado posse definitivamente de suas novas terras, donos "incontestados", a rechaçar para sempre mais longe:

para o Norte os Índios Tapirapés e Caiapós

para as praias do Araguaia, ao Leste, os Karajás

para o sul os Bororos

para o Sudeste os Kajabís e Bakairís.

Aquela liberdade sem peias, aquela vastidão imensa rica em caça, frutas e peixes, imensidão que percorriam incansáveis de abril a novembro, o quanto suas pernas agüentavam, provocou na tribo uma rápida explosão demográfica e em poucos anos os 500 emigrados alcançaram alguns milhares de silvícolas rudes e audaciosos.

Os primeiros aldeamentos dividiram-se e subdividiram-se, uns por mera superpopulação, outros por rixas internas, fixando-se uns mais ao norte, nas cabeceiras do Rio São João (afluente de esquerda do Rio das Mortes), outros mais ao sul, no rio Areões de início, chegando em seguida até os rios Couto Magalhães e Culuene.

Na passagem do século, no início da Missão Salesiana entre os Bororo, a 12 km de Merúri, os Missionários eram testemunhas do pavor que os Bororo tinham desses fantasmagóricos inimigos, procedentes da região de Areões, Couto Magalhães e Culuene.

II. PRINCIPAIS TENTATIVAS E MALOGROS DE PACIFICAÇÃO

Já pelo 1.914 os missionários salesianos de Merúri, preocupados pelas contínuas incursões dos Xavante em terras dos Bororos e tendo sempre alguma vítima, como por outra parte não sempre conseguiam refrear a sede de vingança em seus assistidos, foram abrir uma colônia de atração mais longe, além do Rio São Marcos, às margens do Rio das Mortes.

Labores e sacrifícios baldados, porque por algum ano os Xavante deixaram de comparecer, pois de certo receavam as represálias às suas bravuras, e eles, cultores do sistema surpresa, de certo iam surpreendendo outros confinantes em outros quadrantes.

Recuando do Rio das Mortes, fixaram os missionários seu posto avançado entre Merúri e São Marcos, mas após alguns meses já recebiam visitas não muito pacíficas dos Xavante.

Sabedora a Missão Salesiana de que os Xavante flagelavam também as margens do Araguaia e dominavam o Rio das Mortes, concebeu ela a arriscada empresa de fixar-se bem no coração da terra do terrível Índio.

1.932: dois padres e um irmão leigo salesiano atravessam a mesopotâmia que medeia entre o Araguaia e o Mortes; partindo de Cocalinho, vão plantar suas tendas às margens do Rio das Mortes, a uns 20 km ao norte da barra do Rio Pindaíba.

Durante dois longos anos de lutas e sacrifícios; de trabalhos em fazer plantações e armazenar víveres; de viagens por terra e por água perseguindo os rastos recentes, encontrando os fogos ainda acesos, nunca porém puderam enxergar um índio.

Viam-lhes as queimadas ao longe e à beira do rio, sentiam-lhes a presença em múltiplos lugares, mas nada de vê-los.

Só mesmo ao entardecer do dia 1.º de novembro de 1.934, descendo o Rio das Mortes de motor, é que divisaram ao longe na barranca direita do rio, a uns 100 km ao norte do atual Posto Pimentel Barbosa, dois Xavante.

Aceleraram o motor, ancoraram frente à barranca, atravessaram o rio numa canoa, seguiram barranco acima os rastos dos índios que já tinham sumido.

Mais adentro no cerrado encontraram-se face a face os dois padres e um belo grupo de Xavante, na maioria rapazes, alguns adultos e uns meninos de 11 e 12 anos, nenhuma mulher.

Primeiro vis-a-vis, mais fatídica entrevista, pois os selvagens insatisfeitos pelos poucos brindes, em seguida massacraram os Padres.

Outros Missionários continuaram a obra dos dois sacrificados e conseguiram, aos poucos, presenteá-los à distância e finalmente de mão para mão.

Entra então em campo o S.P.I. (Serviço de Proteção ao Índio) que teve também seus mártires na pessoa de Pimentel Barbosa e companheiros, em 1.941, mas o gelo estava quebrado, e foram-se multiplicando os contatos amistosos às margens do rio sempre hostil no hinterland.

Em 1.941 o S.P.I. abre uma segunda frente pacificadora para os Xavante na antiga colônia de atração da Missão Salesiana de Merúri, no além Rio São Marcos, mas pelo mês de março de 1.942 afoga-se no Rio São Marcos em cheia o Chefe do Posto, e o substituto poucos meses depois fecha o Posto e volta para Cuiabá, declarando por lá que dos massacres atribuídos aos Xavante deviam ser responsabilizados os Bororo dos Padres.

Em maio de 1.949 o Brigadeiro Raimundo de Vasconcelos Aboim acreditando e acreditado pela obra pacificadora do sertanista Francisco Meireles, chefe do Posto Pimentel Barbosa, homenageia e é homenageado pelos maiores da tribo, como que firmando um tratado de não agressão, e no ano seguinte, com maior aparato, chegará, hóspede ilustre, na Serra do Roncador e conseguirá licença para presentear pessoalmente as mulheres Xavante.

III - LOCALIZAÇÃO DOS ALDEAMENTOS XAVANTE EM 1.949

Protagonistas desta pacificação foram uns três aldeamentos confinantes, situados nos recôncavos da Serra do Roncador, a uns 50 km rumo nordeste de São Domingos ou seja, Posto Pimentel Barbosa.

Talvez globalmente chegassem a 700 ou mais indivíduos.

A região em idioma Xavante é denominada WEDEDZÉ, e seu chefe principal era e ainda é APOENA (O Velho).

A uns 100 km mais ao norte, nas cabeceiras do Rio São João, havia outros 2 aldeamentos, perfazendo talvez um total de 400 índios, na região denominada por eles MARÃIWATSÉDÉ.

A uns 240 km para o sudeste dos aldeamentos dos WEDEDZÉ bem próximo ao Rio Couto Magalhães havia 2 aldeamentos e mais 1 à uns 50 km ao oeste num pequeno afluente da direita do Rio Culuene, região essa chamada por eles NORÔTSURÃ, com um total mais de 1.000.

Os contatos amistosos da Pacificação-Aboim-Meireles (1.949-1950) foram com os Xavante de WEDEDZÉ, mas já em 1.949 e mais numerosas ainda em 1.950, havia representantes dos outros 2 grupos muito embora os pacificadores não o soubessem e nem sequer o suspeitassem.

IV - DECRETO ESTADUAL DA RESERVA EM MARÇO DE 1.950

As facas e as panelas com que foram brindados pelo branco custaram bem caro aos Xavante, pois em troca deviam ceder-lhes, palmo a palmo, "volentes" ou "nolentes", suas terras, e não sabiam eles que ratificando o tratado de não agressão com o civilizado, assinavam a própria condenação à extinção paulatina da tribo.

A boa fé do selvícola era ludibriada e traída pela má fé talvez somente implícita e inconsciente, mas nem por isso criminosa do Pacificador.

Logo após a primeira visita do Brigadeiro Aboim, foi elaborada e apresentada uma Reserva para os Índios Xavante, ratificado pelo governador de Mato Grosso, a 28 de março de 1.950, antes portanto da chegada da FAB ao Roncador.

Os contatos amistosos tinham ocorrido tão somente com os aldeamentos WEDEDZÉ e à beira do Rio das Mortes, portanto somente a eles podia ser solicitada a cessão de parte de seus imensos domínios, e convidados a se satisfazerem com uma área mais modesta; mas, examinando o mapa da Reserva salta aos olhos que só WEDEDZÉ foi contemplado, enquanto os outros 2 grupos totalmente expoliados, sem nenhuma contemplação para suas necessidades e para suas perambulações.

Os elaboradores da Reserva não tinham o suficiente para averiguar se os outros aldeamentos estavam ou não contidos na Reserva proposta, mas no momento preocupavam-se, por certo, em assegurar os direitos dos recém-pacificados, deixando talvez para mais tarde a reivindicação e garantia dos direitos dos que ainda estavam em pé de guerra.

Que o governo estadual (talvez secundado por não poucos do federal) se importavam bem pouco do Índio e dos direitos de índio e que sua intenção era depredá-lo por completo, mas gradativamente, para aparentar legalidade, deprende-se do Art. 2 do referido Decreto, marcando um prazo de 2 anos para o S.P.I. demarcar a área como se o índio fosse culpado das possíveis omissões de seu tutor ou, por outra, como se a incúria do S.P.I. fosse um substitutivo eficaz e suficiente das terras do índio para sobrevivência.

Deduzimos então que esse Decreto foi uma farsa, pois mal expirou o prazo, toda à esquerda do Rio das Mortes sofreu uma retaliação sem par, "in loco" ou no papel, constante reservada para toda a tribo Xavante. - Já vimos que chegavam a uns 2.200 membros os índios dos campos e cerrados. Tão somente uma área de 10.000 (dez mil) hectares (menos de 5 hectares "per-capita", quando cada pessoa duma família, mesmo recém-nascido, tem o direito de requerer 10.000 hectares) a bem à margem do Rio das Mortes, fronteira ao Posto Pimentel Barbosa, e terra alagadiça das águas, e cheia de águas estagnadas na seca.

Naquela área não havia nenhum aldeamento Xavante nem mesmo acampamento de caça, enquanto todos os aldeamentos, pacificados ou não, por Lei estavam sujeitos, mais cedo ou mais tarde, a serem palmilhados e picados pelos agrimensores.

V - DESLOCAMENTOS DOS ALDEAMENTOS XAVANTE DE 1.950 a 1.970

1. WEDEDZÉ

- a) Apoena (o velho), chefe da maior aldeia
- b) Juruna, chefe do grupo menor.
- c) Eribuenã, irmão do Sebastião
- d) Zé Tropeiro
- e) Sebastião

Enquanto isso, os representantes dos MARÃIWATSÉDÉ e NORÕTSU'RÃ voltavam aos seus aldeamentos ao norte e ao sudoeste e se mantinham ainda arredios, aguardando os acontecimentos:

1.º caso: fidelidade do branco ao tratado de paz; neste caso iriam se aproximando e entregando mais uma aldeia por vez.

2.º caso: traição do branco; então entrariam em cena para vingar os traídos.

O grupo recém-pacificado começou freqüentar mais e mais o Posto, chegando ao ponto de estabelecer um quase-domicílio em suas instalações e imediações à margem direita do Rio das Mortes.

Rixas internas provocaram uma cisão em fins de 1.950.

Em janeiro de 1.951, apresentaram-se em Xavantina, onde operava a Fundação Brasil Central, os 3 grupos menores: Juruna, Eribuenã e Zé-Tropeiro, ficando no WEDEDZÉ tão somente o Apoena, o velho.

a) Apoena (o velho) com uns 350 índios.

Em julho de 1.956, temendo um ataque pelos Xavante de MARÃIWATSÉDÉ, queima a aldeia e passa a morar definitivamente no Posto Pimentel Barbosa. Com isso renuncia por nada aos direitos sobre aquelas terras, continuando a desfrutá-las em suas andanças.

Por volta de 1.961 uma metade de sua aldeia, chefiada pelo seu filho Pahiri volta a atravessar o Rio das Mortes e instala-se dentro da diminuta Reserva e em 1.963 transferem-se todos para a Barreira de Areia, a 15 km de Pimentel Barbosa, rio acima, onde ainda agora se encontram.

Em todos esses anos nunca deixaram de fazer pressão sobre os invasores ilegais e legais de seu território, desde o córrego Água-Suja ao córrego Bacaba, e desde o Rio das Mortes ao alto da Serra do Roncador, na Br-79, não amolando os moradores fora desses limites.

É desses últimos meses o crescer da crise, e desses últimos dias o clímax da mesma, diante da pertinência e ameaças dos invasores.

b) Juruna com uns 65 índios.

Dissidente (com Eribuenã e Zé Tropeiro do velho Apoena), vem com os 2 a Xavantina em 1.951 e 1.952, mas em seguida separa-se freqüentando mais Santa Terezinha até fixar-se definitivamente, onde moravam uns sertanejos conhecidos nos tempos da Pacificação em Pimentel Barbosa.

O velho Pe. Colbacchini, antigo Missionário dos Bororo, residindo no Merúri, muitas vezes tinha tentado aproximar-se dos Xavante na região

de São Marcos; para o Natal de 1.949 transfere-se a Xavantina como Capelão da Fundação Brasil Central e para aguardar a hora propícia de reabrir a Missão Santa Terezinha, suspensa pela trágica morte dos primeiros missionários, em 1.934.

Assim reabrimos a Missão na véspera do Natal de 1.953, com os 65 índios Xavante de Juruna, e no ano de 1.956 já eram mais de 300, com os que vinham espontaneamente de Pimentel Barbosa e de Xavantina.

Juruna morreu de pneumonia em março de 1.955, sucedendo-lhe na chefia da aldeia o parente Pepetinho, falecido por sua vez durante uma caçada, na proximidade do Posto Areões em (1.964).

Os chegados de Pimentel Barbosa, relembando velhas rixas, foram criando casos com o Pepetinho e mais tarde também Zé Tropeiro, e muitos deles já antes do ataque à Missão tinham-na abandonado ajuntando-se ao Sebastião e outros o acompanharam depois.

c) Eribuenã, chefe do maior dos 3 grupos dissidentes do Apoena(o velho).

Depois duma primeira visita em janeiro de 1.951, girovagando por mais de um ano entre Pimentel Barbosa e Santa Terezinha, em maio de 1.952 volta a Xavantina com os outros 2 grupos e 1 permanece.

O chefe da Base de Xavantina (F.B.C.) que já tinha atravessado os tratores de outro lado do Rio das Mortes e tinha encetado a Rodovia para Sete de Setembro (Xingu), consegue aldear esses 300 e tantos Xavante à beira da nova estrada, a uns 30 km de Xavantina.

Em seguida é abandonado pelo Juruna, que vai para Santa Terezinha. Entre 1.953 e 1.954 Eribuenã e Zé Tropeiro têm algum encontro com os de Couto Magalhães (NORÔTSU'RÃ) os quais obrigam os primeiros a procurar abrigo em Xavantina.

O chefe da F.B.C. consegue ainda separá-los a 30 km de Xavantina. Mas em junho de 1.955, quando já estavam terminando a nova aldeia, são novamente atacados pelos de Couto Magalhães e obrigados a atravessar o Rio das Mortes.

Ficam nas imediações de Xavantina até agosto de 1.956, quando

são transferidos para o novo Posto de Serviço de Proteção ao Índio (SPI) na Capitariquara, no Rio das Mortes, a metade da estrada entre Xavantina e Santa Terezinha.

Eribuenã será morto por Zé-Tropeiro na Missão Protestante Americana de Areões, em junho de 1.958.

d) Zé-Tropeiro

Poucas semanas depois da transferência para Capitariquara, levando consigo quase metade dos índios, abandona definitivamente Eribuenã e rumo para Araguaiana.

Logo lá chegando, é procurado pela Missão Protestante Americana de Barra do Garças que, por uns meses, abriga a não pequena caravana numa própria chácara na encosta da Serra perto de Barra do Garças e daí, entre março e abril de 1.957, num êxodo bem organizado, leva-a para barra do Rio Areões, no Rio das Mortes.

Durante mais de anos Eribuenã, melindrado nos seus brios de chefe dum grupo dizimado por demais por esta cisão, pede, suplica, pressiona e por fim ameaça ao Zé Tropeiro, para que volte ao Capitariquara.

Este contemporiza, paciente, mas por fim aproveita dum pernoite de Eribuenã em sua aldeia e o elimina.

Sebastião, irmão de Eribuenã, sabedor do fato, faz uma investida no Zé Tropeiro e mata uma meia dúzia.

Zé-Tropeiro então procura guarida e reforços em Santa Terezinha.

Sebastião por sua vez leva os seus de Capitariquara para perto de Pimentel Barbosa, também ele procura guarida e reforços. Encontram-se umas 2 ou 3 vezes em campo aberto, havendo baixas de ambas as partes.

Em abril de 1.959 o Sebastião com seus homens e mais outros de Apoena (o velho) assalta, ao amanhecer, a aldeia da Missão Salesiana de Santa Terezinha.

Graças à intervenção imediata e enérgica dos Salesianos e das Irmãs, houve um só morto e alguns feridos, entre estes um Padre que recebeu uma flechada no braço.

Os atacantes cederam às instâncias dos Missionários e retiraram-

se, impondo aos nossos índios a condição de abandonarem a Missão e afastaram-se rumo ao sul.

Grupos de reconhecimento mais de uma vez compareceram nas proximidades da Missão renovando ameaças de um massacre total se não cumprissem a condição imposta, tanto que Pepetinho e Zé Tropeiro abandonaram aos poucos a Missão de Santa Terezinha e até meados de 1.962 já estavam todos em Xavantina e pelo 1.963 já estava instalado o Posto Indígena Areões, em substituição à Missão Protestante Americana.

Lá estão até agora, embora no ano passado, em princípios de junho tenham transferido a aldeia mais ao interior, para fazer frente aos invasores de suas terras.

e) Sebastião

Após o ataque de Santa Terezinha, acrescido de número com os desistentes da Missão, isto é, de Pepetinho, permanece por pouco tempo nas imediações de Pimentel Barbosa. Constatada a emigração de Pepetinho e de Zé Tropeiro, para Xavantina, para distanciar-se deles passa temporada no Garapú, no Couto Magalhães, e por fim no córrego Piaba, afluente do Rio das Mortes acima de Xavantina.

Lá chegam a montar um entreposto do SPI, mas os Xavante, não satisfeitos com a relativa vizinhança do Zé Tropeiro e Pepetinho, em maio de 1.961 manda procurar o velho amigo Pe. Pedro na Missão Salesiana de São Marcos, e aceita ir para lá em agosto, o Sebastião com seus cento e mais índios Xavante.

O Sebastião e mais alguns preferiram mais tarde passar para Sangradouro. Lá estão eles nas nossas duas Missões Salesianas para Xavante, convivendo pacificamente com seus antigos inimigos.

2. NORÔTSU'RÃ

- a) Apoena(o novo) da Lagoa
- b) Dutsã e Eribuenã no Couto Magalhães
- c) José do Batoví próximo ao Coluene

Ao tempo 1.949-1.950 da Pacificação dos Xavante de UIWEDE-DZÉ, no Posto Pimentel Barbosa, havia ao sudoeste de UIWEDEDZÉ, na região do Couto Magalhães, NORÔTSU'RÃ, essas 3 aldeias com um completo de mais de 1.000 índios Xavante ainda sem qualquer contato pacífico com o branco.

a) Apoena(o novo)

Situada à margem esquerda do córrego Aldeia, afluente do rio Couto Magalhães, e a pouca distância da famosa Lagoa (com mais de 400 ms de profundidade, e o nível da água à uns 60 ms abaixo do nível de platô em que está cravada).

A Lagoa e aldeia foram conhecidas e fotografadas já antes de 1.949 pela expedição de Brigadeiro Aboim imediatamente após sua visita às aldeias do Roncador do Pimentel Barbosa.

Talvez em 1.951 ou 1.952, enquanto em suas incursões chegavam até em Araés, perto de Xavantina, transferiam sua aldeia uns km mais para o interior, à margem esquerda do Rio Couto Magalhães, poucos km acima da barra do córrego Aldeia, e vários km abaixo da aldeia de Dutsã-Eribuenã.

Até o meado de 1.953, já se dera o contato amistoso com o pessoal da F.B.C. integrado pelo Pe. Colbacchini e Mestre Francisco, em Araés, e em seguida chegaram em visita a Xavantina, encontrando-se aí oficialmente com Eribuenã-Zé-Tropeiro.

Já antes e mais ainda depois desses contatos amistosos com o branco em Xavantina, é que rechaçaram repetidas vezes de sua aldeia e fustigaram repetida e implacavelmente os brancos invasores e retalhadores de seu território.

Parece que a aldeia de Apoena (o novo) não tem a lamentar nenhuma vítima nas escaramuças com os agrimensores, enquanto vários sucumbiram traiçoeiramente, por mão de Eribuenã e Sebastião, já munidos de armas de fogo.

Mas enquanto ele (Apoena) guarda à distancia de sua aldeia os teimosos agrimensores e força a retirada dos traidores irmãos de raça Eribuenã-Sebastião, outro inimigo implacável, o sarampo lhe invade a aldeia

nos anos 1.953-1.954 dizimando-lhe os componentes, forçando os sobreviventes a procurar socorro ao sud-oeste, em terras de seus tradicionais inimigos Bororo, na Missão de Merúri.

E aqui sua história vem fundir-se com a de seus vizinhos Dutsã-Eribuenã, pois esses é que vão na vanguarda pedir socorro aos padres.

b) Dutsã-Eribuenã

Dois chefes que convivem na mesma aldeia, a 2.^a das três situadas na região de Couto Magalhães, NORÔTSU'RÃ, e justamente situados, em 1.950, na margem esquerda do Rio Couto Magalhães, perto da confluência das duas cabeceiras principais do mesmo.

Parece que foram eles fazer alguma investida, por volta de 1.951, nos destemidos que já atravessavam o rio das Mortes de Merúri e iam abrindo fazendas nas cabeceiras dos Rios Noedori e Couto, provocando assim nestes rudes sertanejos a sede de vingança e ânsia de eliminar os legítimos donos das terras que eles mesmos já não queriam mais abandonar.

Em março de 1952 expira o prazo dos dois anos estipulados pelo Decreto do Governo de Mato Grosso para a demarcação da Reserva dos Xavante, e então, sem perda de tempo, satisfeitos pela desídia do tutor legal do indígena, bem pensando em atacar por outra frente para não acordar o SPI que já bem pouco se importa com os interesses de seus tutelados, autoridades estaduais e municipais liberam a entrada dos agrimensores por esta extrema ala esquerda, os quais, acolhidos e engrossados pelos pioneiros que "engrossados" a mais parentes massacrados a vingar, numa madrugada de junho de 1.952, invadem a aldeia de Dutsã-Eribuenã, vomitando fogo com suas armas automáticas nos índios, adultos e crianças, homens e mulheres, que acordam sobressaltados, fogem sem rumo, uns ao encontro das balas que os prostram, e os outros para longe delas, levando assim mesmo muitas cravadas em suas carnes.

O medo dá-lhes pernas, e só mesmo sofriam sua fuga aos lamentos dos feridos que não podem acompanhar.

Vão-se reunindo os atrasados, os dispersos, esperam ainda mais pelos que não aparecem, enquanto pensam as feridas dos lastimosos.

Os maiores organizam a expedição de reconhecimento, e na aldeia já silenciosa encontram os cadáveres dumas 9 crianças, 2 mulheres e 1 homem, e este numa atitude bem insólita para os selvagens: crucificado no chão com 5 espetos de pau.

E não foi o único assalto, não foram as únicas vítimas, mas repetiram-se as emboscadas numa verdadeira sanha genocida; e lá estão no Sangradouro os homens e mulheres com os estigmas indeléveis e até mesmo de conseqüências deletéricas em seu corpo, que podem contar os horrores por que passaram, e lá perdura na região de Xavantina a fama macabra dum senhor "Sucupira", massacrador de Xavante.

Para cúmulo de seus males e para sofreá-los na sua sede de vingança, este aldeamento também é flagelado e dizimado e prostrado pelo sarampo trazido a ele por parentes de afluentes de Coluene em visita, que o tinham ido buscar, inconscientemente, nos assolados Postos do SPI do Batovi e Simões Lopes nas suas primeiras visitas amistosas àqueles Postos.

Terminada a virulência do sarampo sobreveio em 1.955/1.956 o Eczema, trazido por parentes do norte, mas de uma forma tão generalizada e tão forte que eram uma crosta só no corpo todo.

Assim apareceram-me no dia 2 de agosto de 1.956, na Missão de Merúri, os 4 Xavante em comissão de S.O.S., pois ninguém mais podia procurar alimentos.

Eu tinha chegado no Merúri uma semana antes acompanhado do rapazinho Xavante Pedrinho, originário da Lagoa, vindos de Santa Terezinha à cavalo até Araguaiana, para ver o estado da estrada, e pelo CAN até Merúri para solicitar o caminhão da Missão para levar uma carga até a Missão de Santa Terezinha.

E as Missões Salesianas para os Bororo, Merúri e Sangradouro, receberam de braços abertos e abrigaram, assistiram e salvaram os infelizes e escurraçados Xavante, com não poucos trabalhos e despesas e sacrifícios.

As duas aldeias vindas de Couto Magalhães numa conjunta peregrinação, de sofrendores e moribundos, deixando atrás de si um rasto de sepulturas, encontrando socorro com os missionários, dividem-se de novo Dutsã-Eribuenã com seus quase 100 Xavante. Até meados de 1.957 estão abri-

gados na Missão Salesiana de Sangradouro.

A uns 300 km ao leste de Cuiabá, na linha telegráfica construída por Rondon, à margem do rio Sangradouro, havia uma fazenda medida pelo mesmo Rondon em fins de 1893 para venda a particular, de quem mais tarde a Missão Salesiana comprou (e mais tarde aumentou comprando mais lotes) para servir de ponte de apoio nas viagens de Cuiabá à Missão Salesiana entre os Bororo, na Colônia Sagrado Coração de Jesus, atualmente Merúri.

Mais tarde abrigaram ali também grupinhos de Bororo provenientes dos rios Vermelho e São Lourenço, porém sempre instáveis e oscilantes, e em 1.957 a Missão Salesiana prontifica todas suas instalações e abriga (mesmo sacrificando e eliminando os dois internatos para alunos civilizados das populações envolventes) este grupo de Xavante que hoje conta de mais de 400.

Apoena-Tsibupá fixam-se (uns 200) na Missão dos Bororo, no Merúri.

Em começos de 1.957 os Padres afastam-nos à 12 kms da Missão, no Córrego Fundo, destacando-lhes um funcionário para assisti-los diariamente, e uma equipe de missionários, um ou mais dias por semana.

Finalmente em abril de 1.958 são transferidos em lugar apropriado na própria atual Missão de São Marcos, na extrema da Reserva concedida em 1.918 e ratificado em 1.921 pelo então Governador do Estado de Mato Grosso Dom Francisco de Aquino Corrêa, para usufruto dos índios Bororo, onde, acrescidos em 1.961 pelos 100 de Sebastião e pelos 300 de Tibúrcio-Bödöditu vindos da Suiá Missú, os 200 iniciais chegam agora a passar de 800 Xavante.

Se no Sangradouro os Xavante encontraram tudo pronto e não tiveram nenhuma contestação, os de São Marcos tiveram que começar 2 vezes do nada e com a oposição dos invasores desta reserva, manifestada por arregimentação de gente armada, por oferecimentos de comidas envenenadas; por organização de derrubadas de mata à revelia nas imediações, no intuito de sufocar a incipiente Missão, mas sempre defendidos, assistidos e dirigidos pelos missionários conseguiram vencer, impor-se, permanecer e realizar-se realizando.

c) Aldeamento de Coluene

Como já visto supra, os do 3.º aldeamento da Região do Couto Magalhães, NORÔTSURÃ, situado num afluente de direita do Rio Coluene, já antes de 1.953 tinham visitado pacificamente os Postos do SPI do Batovi e Simões Lopes, e nesse ano, vendo as investidas dos agrimensores e colonizadores na região de Couto Magalhães, investidas quase sempre sangrentas, atravessaram o Coluene e repartiram-se nos 2 Postos convivendo, pacíficos, hóspedes, com os índios Bakairí, donos daquelas terras, mantendo porém sempre contato com os parentes vindo às Missões Salesianas, visitando e sendo visitados, transferindo-se não pouco, aos grupinhos ou isoladamente em épocas várias, a uma ou outra Missão.

3. MARÁIWATSÉDÉ

a) Tibúrcio

b) Bödöditu

Em 1.949-1950, ao tempo da Pacificação dos Xavante do UIWEDZÉ, no Posto Pimentel Barbosa, havia a mais de 100 km ao norte deste Posto, nas cabeceiras do rio São João, afluente de esquerda do Rio das Mortes, nos contrafortes da Serra do Roncador, região chamada por eles de MARÁIWATSÉDÉ por estar próxima às matas do Xingu, essas 2 aldeias com mais de 400 Xavante, complexivamente, próxima uma à outra.

Enquanto seus parentes começavam a privar com o branco na região de Pimentel Barbosa, eles faziam alguma visita pacífica aos moradores de São Félix e Luciara que se aventuravam a abrir sítios e fazendinhas a algumas léguas dos 2 centros.

Porém alguma imprudência por parte dos colonizadores provocou por 2 ou 3 vezes reações violentas por parte dos Xavante, fazendo algumas mortes, e recuando novamente invisíveis e inacessíveis.

Em 1.960 os sertanejos se esparramaram bem mais pelo interior,

e começa daí em diante a invasão sistemática também deste território, e entre tantos a Fazenda Suiá-Missu.

a) Tibúrcio

Pelo 1.961, devido a rixas com os Xavante do aldeamento vizinho, afasta-se mais e mais deles, e com seus 90 Xavante ruma para o norte, e quando o Sr. Ariosto da Riva fixa o lugar de sede e inicia a abertura da fazenda sobredita, os Xavante estão acampados a poucos km de distância, e após ter recebido brindes de ferramentas jogadas do avião, visitam pacificamente a sede e aí instalam-se espontânea e definitivamente (1.963).

Tibúrcio procura tirar todas as vantagens possíveis da sua condição de hospedeiro-hospedado, e é tratado e assistido o quanto possível pela administração já tão ocupada e preocupada pelos trabalhos de magna envergadura desde o começo, nas derrubadas, construções e abertura de estradas.

Um funcionário, que tinha gosto e jeito para lidar com os índios, é destacado para atendê-los e assisti-los.

Tibúrcio, chefe ainda novo dum grupo bem reduzido, aspirava tornar-se chefe de todo o grupo MARÃIWATSÉDÉ, e conseguiu o seu anseio com um golpe.

b) Bödöditu

Chefe da maior das 2 aldeias, e de boa idade, permanece no seu território, e só uns e outros de seus caçadores "engrossados" têm contatos com os sitiantes invasores, que renovam imprudências, redobrando assim a desconfiança dos índios, mantendo-os arredios.

Recebem ferramentas jogadas pelo avião da Fazenda Suiá-Missu, e outras procuram-nas no Posto Pimentel Barbosa, onde também são aconselhados e instruídos para fazerem uma pista para avião.

O Pe. Pedro, atuante naquela região desde 1.962, visita em janeiro de 1.964 a Fazenda Suiá-Missu, entretém-se com os Xavante aí abrigados, estuda com a administração o problema da aldeia ainda arredia e recebe promessas de apoio concretizado de imediato num vôo sobre o aldeamento de

Bödöditu.

Em seguida sobe de barco o Rio das Mortes e intenta a entrada a cavalo, mas não consegue chegar, porque as informações são ainda muito vagas, e então em abril consegue novamente sobrevoar a aldeia, descobrindo recentíssima pista junto à mesma, e desta vez, também de avião o ponto de partida desde a margem do rio e a rota para lá chegar.

Pretende chegar por terra primeiro, para garantir a pista que não parece muito legal.

No dia tratado ainda está em viagem e a pé (por causa dos pântanos e dos córrego sem passagens para cavaleiros), e o avião, visto o Padre a caminho certo, volta e aterriza a muito custo naquela pista de emergência, trazendo o funcionário e o Tibúrcio, que não perde tempo: trata de entusiasmar o Bödöditu a seguir com toda a sua gente para a fazenda Suiá-Missu.

No dia seguinte chega o Pe. Pedro que faz de tudo para convencê-los a permanecerem aí, pois viria mais tarde abrir uma Missão como em São Marcos e Sangradouro.

A volta do Padre para a beira do rio, de avião, em primeiro lugar (pois só podia decolar com 1 pessoa de cada vez) proporcionou ao Tibúrcio a oportunidade de permanecer mais tempo na aldeia e assim dar o seu golpe, convencendo o grupo a seguir daí a uns dois meses, após a colheita, quando ele viria ao seu encontro com o seu grupinho.

Foi então que o chefe consumou o golpe eliminando os 3 ou 4 líderes contrários àquela transfêrencia-abandono do próprio território.

Os 200 e mais km que medeiam entre MARÃIWATSÉDÉ e a fazenda foram palmilhados a marchas forçadas, quanto o aguentavam as mulheres carregadas de muambas, e as crianças não carregadas pelas mães, na ânsia de chegarem à "Terra Prometida"...(julho de 1.964).

A fazenda não esperava por este golpe traiçoeiro do Tibúrcio, e não podia por certo sujeitar-se a este peso e estorvo.

O funcionário ficou destacado de uma vez a tomar conta dos índios.

A rapaziada era aproveitada, livre e espontaneamente, em trabalhos

da fazenda, mas a massa da população indígena não ficava por certo confinada em sua aldeia, mas "diligava" em todas as direções.

O primeiro ano de convivência patenteou a impossibilidade de sustentar tal situação, pois a fazenda operava com centenas de trabalhadores recrutados em Mato Grosso e Goiás, de todas as camadas sociais, e na maioria da ínfima, e esse bloco de mais de 300 selvagens aldeados a somente 1 km da sede, não deixava de criar uma série de problemas que complicavam a já tão difícil obra dos pioneiros.

O Pe. Pedro propõe então iniciar a Missão à uns 20 kms da sede, proposta aceita com entusiasmo pelo então Administrador Geral da Fazenda, Sr. Orlando Ometto, que prontificou toda a assistência possível bem como a doação da Reserva (uns 5.000 hectares, sendo metade de matas), dependendo tão somente da escolha do lugar pelo Padre.

Isso em fins de março de 1.965, estando o Pe. Pedro em São Paulo a tratamento de saúde, em seguida ao naufrágio ocorrido no dia 20 do mesmo mês no Rio das Mortes.

O tratamento protelou-se até fins de junho, e quando o Padre chegou à Fazenda Suiá, o gerente local já tinha-se antecipado, escolhendo uma área a 60 km mais ao norte.

Num vôo de 10 minutos o Padre chegava no local escolhido, Gorgulho, onde já se achava o funcionário encarregado com uns 20 rapazes Xavante executando os trabalhos preliminares.

Na opinião do Padre o lugar era "in toto" impróprio para uma Missão, para um aldeamento estável, e os acontecimentos de 1.965 a 1.966 comprovaram essa opinião, tanto que levaram a fazenda a procurar acolhida para os índios nas Missões de São Marcos e Sangradouro, e eles mesmos optaram pela primeira.

E para lá foram transferidos os 300 e mais Xavante com avião da FAB no meado de agosto de 1.966, abandonando assim definitivamente sua região MARÃIWATSÉDÉ não muito satisfeitos, mas impelidos pelas circunstâncias e logrados nas suas expectativas quanto à "Terra Prometida" das promessas do Tibúrcio.

Em São Marcos sentiram-se hóspedes bem aceitos, mas sempre

hóspedes, sem aquela liberdade de autodeterminação e de grupo independente que "ab immemorabili" desfrutavam.

Em outubro sobreveio a epidemia do sarampo, que ceifou quase a terceira parte desse grupo, quando só alguns dos antigos da Missão faleceram, e não por diferença de tratamento, mas por não possuírem reserva de defesas orgânicas estando extremamente desnutridos devido àquele ano passado no "Gorgulho", não obstante todos os esforços da fazenda para supri-los até mesmo por via aérea.

Os que escaparam à morte graças aos desvelos dos missionários e dos irmãos Xavante improvisados enfermeiros, afeiçoaram-se mais aos seus hospedeiros e entrosaram-se de uma vez na comunidade.

4. BENEDITO

Parente próximo de Apoena(o novo), nascido na região do Couto Magalhães, NORÔTSU'RÃ, em 1.957 ao chegar à Missão de Merúri ele era ainda rapaz solteiro.

Naquela quadra a maioria dos rapazes Xavante, sequiosos de aventuras, de ver, aprender, e ganhar, e vendo que a Missão não podia prover a tantas bocas, abriram pelo mundo afora, nas fazendas, nas turmas de estradas e alhures.

Sabedores da transferência de seus parentes para iniciar São Marcos, quase todos voltaram ao convívio tribal até pelo fim de 1.958 ou começos de 1.959, e só um e outro voltaram mais tarde. Entre estes o Benedito.

Trabalhando numa fazenda perto de Guiratinga, umas 2 ou 3 vezes veio visitar seus parentes trazido de avião pelo patrão que visitava uma sua incipiente fazenda além do Rio das Mortes.

Líder natural e independente, com a cabeça cheia de histórias contra os Padres das Missões (ardil usado por fazendeiros e sertanejos para desacreditar os abnegados defensores dos silvícolas, para assim mais facilmente desagregar e aniquilar os selvagens recém-pacificados), veio à Missão de São Marcos em fins de 1.961 com ares de Messias e com propósitos de divi-

sionismo.

Aduzindo fúteis motivos, saiu da aldeia e foi morar a uns 1.500 metros mais longe, atraindo para junto de si mais duas famílias de parentes, e lá, fora das vistas dos missionários, vivia de "conluio" com os fazendeiros, já inimigos declarados dos Xavante na chegada dos mesmos à Missão.

Por 2 ou 3 anos o Pe. Mário pacientemente procurou fazer-lhes compreender o erro e o perigo em que se metia.

Quando Pe. Mário chegou a uma atitude mais decidida, impedindo-lhes voltar a morar na aldeia sujeitando-se ao sistema da Missão (pois vivia a reclamar toda a assistência da Missão, e tudo que produzia negociava às escondidas com sitiantes) ou procurasse outro aldeamento de seu gosto, então lá pelos 1.965 transferiu-se para Couto Magalhães, a pouca distancia de sua antiga aldeia, mas dentro da já encaminhada Fazenda "Xavantina", só com sua exígua família no começo, e garantindo ao gerente da fazenda que não admitiria outros Xavante, mas aos poucos foi chamando outros e mais outros, até que atualmente são uns 90.

Com a volta do Benedito ao Couto Magalhães, os missionários tiveram conhecimento dos propósitos secretos dos Xavante, tanto de São Marcos como de Sangradouro, a respeito de seu antigo território, e sua vontade inabalável de lá voltar em parte, quando fosse possível serem acompanhados por missionários e missionárias. Vêm desde então as práticas dos Padres Salesianos para conhecer a antiga região da tribo e encaminhar junto ao Governo Estadual o pedido de terras para a instalação de um Posto Missionário.

É de junho de 1.967 o decreto do governador de Mato Grosso reservando para os índios Xavante sob a responsabilidade da Missão Salesiana uma área de 10.000 hectares da região do Couto Magalhães.

Os Padres pleiteavam a Reserva em outra área indicada pelos Xavante e por isso até agora não foram reconhecer-lhes os limites, aguardando uma reconsideração do caso.

Agora a sobredita Reserva consta no Cadastro Municipal de Barra do Garças como "Reserva para os Índios Xavante."

VI - ESTUDOS PARA AS RESERVAS, PELA FUNAI, EM 1.969.

Quando em julho de 1.968 o então Ministro Albuquerque Lima visitou as Missões de Sangradouro e São Marcos, inteirou-se do maior e mais crucial problema dos Xavante;-".....desejando, sobretudo, "voltar às suas terras, de onde foram afastados".

Isto deixou escrito no "Livro de Impressões", e à viva voz garantiu aos índios 50.000 hectares de seu antigo território do Couto recomendações ao Presidente da FUNAI para proceder sem demora ao estudo da Reserva.

O mesmo Presidente pediu à Missão Salesiana para estudar o caso e mais tarde, em setembro, recomendou-me instantaneamente que fosse ver, estudar e relatar a ele.

Quando em novembro pude chegar até Couto Magalhães para estudar os limites propostos pelos Xavante, fui informado que uns dias antes já tinha estado lá o Sr. Hélio Buker, delegado regional da FUNAI em Cuiabá.

Sem perda de tempo transportei-me àquela capital para saber o resultado daquela visita, e o Sr. Buker apresentou-me o mapa pronto para ser remetido a Brasília, com a descrição das 3 reservas: Couto-Magalhães, Areões e Pimentel Barbosa.

Achei exígua a Reserva Pimentel Barbosa, e grandes em demasia as outras 2, e por cúmulo a do Couto enorme mas abrangendo somente uma beiradinha das terras reivindicadas pelos índios, ficando completamente fora o que eles reclamavam de qualquer jeito, como a zona de suas antigas e da atual aldeia e as matas do babaçu.

O Sr. Hélio aduziu-me que o lugar-tenente do Benedito (este tinha vindo à Missão para solicitar a intervenção dos missionários afim de conseguir seu antigo território) tinha concordado com a delimitação proposta, e que ele Buker pretendia ficar o quanto possível dentro da Reserva criada pelo Estado em 1.950 e caducada em 1.952.

E assim pelo fim de novembro de 1.968 o Delegado Regional FUNAI de Cuiabá apresentava à Presidência da FUNAI em Brasília a pro-

posta das 3 reservas com globalmente mais que 600.000 hectares, que porém não teriam solucionado o magno problema porque eivadas de falhas e injustiças na raiz.

Os únicos a ficarem satisfeitos, e assim mesmo não muito porque lhes tirava as verdadeiras cabeceiras do Rio Areões, eram os Xavante do Posto Areões porque incluía a área posteriormente proposta dentro duma área bem maior fechada pelos Rios Areões, das Mortes e Borecaia unindo a cabeceira do Borecaia com uma cabeceira oeste do Areões, cortando assim a estrada BR-79 e toda a frente Xavantina.

Os de Pimentel Barbosa estavam contrariadíssimos porque, fechando a área entre o Rio das Mortes e uma linha seca de cabeceira a cabeceira do Curuá e Riozinho, ficava de uma vez por fora toda a região de suas antigas aldeias, a que não renunciaram por nada mesmo passando a morar ao lado do Posto na margem direita do Rio das Mortes.

Contrariadíssimos também estavam os de Couto Magalhães porque por si ganhavam uma área vastíssima à direita do Couto Magalhães, era lhes tirada a região toda da cabeceira do mesmo Rio, especialmente a banda esquerda, onde tinham suas aldeias de onde foram expulsos.

Em abril de 1.969, por ocasião da visita de V. Ex.^a às Missões Salesianas de Sangradouro e São Marcos (onde V. Ex.^a teve oportunidade de escutar da boca dos mesmos Xavante a reclama insistente pela devolução de suas terras), levou-me o Sr. Presidente da FUNAI a Brasília e lá apresentou-me todo o processo das sobreditas Reservas pedindo-me que examinasse e visse se era possível reduzir-lhes o tamanho, atendendo sempre às reivindicações sim, mas sobretudo às necessidades reais dos Xavante, fitando não só uma mera sobrevivência, mas um desenvolvimento progressivo mediante uma integração harmoniosa de toda a não pequena e nem indolente tribo Xavante.

Já por 2 vezes (em setembro de 1.968 e janeiro de 1.969) tinha eu solicitado à Superintendência da SUDECO e recebido formal promessa de avião para sobrevoar as regiões em questão, mas, por motivos de força maior, tudo deu em nada.

Ventilei então com o Presidente da FUNAI a possibilidade deste vôo para poder fazer um trabalho com maiores conhecimentos e eliminação de dúvidas, porém foi achado inviável e da máxima urgência apresentar a corrigida proposta de Reservas, e assim julgamos bem:

1.º Aumentar a Reserva de Pimentel Barbosa, para abranger a região de suas aldeias do tempo da pacificação, e nos limites sempre reivindicados pelos Índios, sempre porém dentro da Reserva de 1.959, pela qual tinham sido eles e somente eles os contemplados. Uns 300.000 hectares.

2.º Reduzindo à metade a Reserva de Areões, dando-lhes um formato mais regular e não deixando atravessar a rodovia Xavantina-São Félix. Também toda dentro da Reserva de 1.950, procedendo estes Xavante, aliás, do grupo UIWEDEDZÉ de Pimentel Barbosa. Uns 120.000 hectares.

3.º Reduzir a 1/7 (um sétimo) a Reserva Couto Magalhães incluindo-a toda dentro de limites naturais, abrangendo assim também a atual aldeia de Benedito, excluindo porém as aldeias do tempo da invasão pelos agrimensores, e toda ela fora da Reserva de 1.950, invadindo é verdade porém o menos possível a Fazenda "Xavantina". De 30.000 a 35.000 hectares.

VII - DECRETO MINISTERIAL DE SETEMBRO DE 1.969

Apresentada em começos de maio esta proposta pela FUNAI ao Ministério do Interior para estudo, foi aprovada e decretada pelos Ministros Militares aos 23 de setembro de 1.969, e poucos dias depois os mesmos Ministros Militares assinavam Ato que modificava o referido Decreto, modificação assim motivada por V. Ex.^a: -".....o projeto "ora apresentado visa regular o estabelecimento da situação e dos "limites das áreas reservadas e que no Decreto 65.212 supra "mencionado, não ficaram livres de eventuais contestações. O objetivo "precípua do Ato Modificador é, assim, impedir inúteis e prejudiciais "tensões com proprietários estabelecidos há longos anos naquelas "terras matogrossenses....." (de "O Estado de São

Paulo").

A redação da proposta das Reservas por mim elaborada em maio já antes da ratificação e promulgação pelo Decreto Ministerial tinha subido modificações devido a acontecimentos posteriores e a anteriores sugestões.

A incursão dos Xavante dos Areões (29 de maio de 1.969) numa derrubada de matas obrigando os invasores a abandonarem os trabalhos e o local, e a subsequente transladação da aldeia para lá (4 de junho) sugerira a ampliação da área naquele rumo, ainda mais para abranger também vastos buritizais e lindas e piscosas lagoas que o Zé Tropeiro diz terem sido o "habitat" de seu pai e avô nessa região por eles chamada "NORÕWEDEPA" (Areões) e reclamar como sua herança pelos menos até a rodovia Xavantina-São Félix.

Para a modificação da Reserva Pimentel Barbosa as sugestões tinham sido apresentadas pelo Sr. Euvaldo Gomes da Silva, atual chefe do Posto Areões, e antigo funcionário-intérprete na pacificação dos Xavante em Pimentel Barbosa, e conhecedor daquela região por ter chegado por terra até as aldeias da Serra do Roncador com o Brigadeiro Aboim e Francisco Meireles.

VIII - REPERCUSSÃO ENTRE OS PIONEIROS

Essas modificações, porém, saíram tão estropiadas que confundiram os mesmos funcionários do Departamento do Patrimônio Indígena da FNI no Rio de Janeiro e alvoroçaram, sem necessidade, fazendeiros confiantes.

O alarme foi grandíssimo, mas em parte sem razão, e a parte que tinha razão para isso usou de argumentos históricos falsos, ofensivos e até mesmo contraditórios, e desde que transpareceu a notícia da criação das Reservas não faltaram ameaças à minha integridade física, aludindo mesmo à surra que levei em 1.959 em São Marcos, e que agora me dariam o resto.

1. Reserva do Posto Pimentel Barbosa UIWEDEDZÉ

É a Reserva que teve a contestação mais radical.

Ao norte do Posto, à margem do Rio das Mortes, tinham-se colocado vários posseiros abrindo fazendinhas e sítios, sem serem os donos das terras, esperando aparecerem os donos para chegar a um acordo.

Os Xavante foram avisando e pedindo que se retirasse para deixar livre seu território.

Uns, a contragosto é verdade, já se retiraram, e outros estão ainda esperando pelo Decreto e Demarcação, para ver o que podem receber de indenização pelas benfeitorias.

A crise maior é ao oeste, à margem da Rodovia Xavantina-São Félix, na Serra do Roncador, na região das aldeias velhas.

Lá é que os donos das terras não querem de forma nenhuma largar de mão o que compraram e projetam grandes empreendimentos, não obstante todas as advertências dos índios e do Chefe do Posto, Sr. Jamiro Batista Arantes, que já no ano passado apresentou relatório pormenorizado sobre a situação.

V. Ex.^a está por certo mais bem informado do que eu sobre a ida da Polícia Federal, sobre as prisões efetuadas e o desfecho.

2. Reserva do Posto Areões NORÕWEDEPA

À margem do Rio das Mortes existem muitos posseiros fazendo suas plantações e criando seu gadinho enquanto não chegam os donos, outros com licença dos donos à condição de plantarem capim.

Ao nordeste há uma fazenda bastante grande, "Dois Corações", com grandes invernadas, mas no momento abandonada e decaindo.

O mesmo Posto está dentro duma gleba que se estende Rio das Mortes abaixo e Rio Areões acima, com grandes derrubadas formadas a capim.

A parte noroeste é que foi a mais retalhada entre pequenos proprie-

tários trabalhando ativamente e por nada dispostos a se retirarem, e foi o que levou os Xavante a comparecerem no lugar duma nova grande derrubada, no fim de maio do ano passado, e obrigar os trabalhadores a se retirarem, e sem perda de tempo transferiram para lá sua aldeia, a mais de 25 kms da sede do Posto.

Lá é que os assisti por mais de mês, fornecendo-lhes alimentos e entusiasmando-os ao trabalho confiando numa pronta solução que até agora não veio, provocando isso mais atritos, culminando também lá com recentes prisões.

3. Couto Magalhães NORÔTSU'RÃ

A Reserva proposta e decretada está quase toda contida dentro dos limites da Fazenda "Xavantina" (cortando ao máximo 1/4 da fazenda).

Chamam-na de "Fazenda dos Americanos" ou do Dr. Mário, coronel reformado que a gerencia, e que diz ter começado os trabalhos preliminares em 1.958, sem vestígios de índios na região.

Vestígios recentes, acredito, pois pelo fim de 1.956 e começos de 1.957 já estavam procurando abrigo nas Missões Salesianas, mas ainda durante o 1.957 passou lá demorando-se um pouco, um grupinho de Xavante que anos antes tinham ido visitar os parentes do Pimentel Barbosa (e alguns os encontrei eu mesmo em julho de 1.955 caçando à margem direita do Rio das Mortes entre Pimentel Barbosa e Santa Terezinha) e voltaram dando uma volta pelo Garapú, onde pararam quase um ano, chegando ao Couto já não encontraram mais os parentes, e os alcançaram já nas Missões Salesianas.

Concedo, pois, que vestígios recentes não houvesse em 1.958, mas de ano e pouco mais, muitos e talvez aldeamentos não destruídos.

Já pelo 1.965, após a ida do Benedito para o Couto, os Padres foram ver o território, reconstruir um pouco a história ainda recente, e procurar pelos donos da fazenda, os Americanos, que confessaram que a contragosto chegariam a negociar, mas então a fazenda toda, pois a parte mais re-

clamada pelos índios era justamente o miolo, o melhor da fazenda.

Os Padres recorreram então ao Governo de Mato Grosso, que em junho de 1.967 decretou o lote de 10.000 hectares, supramencionado.

Não era isto, ou, somente isto que os Índios queriam e que mais tarde pediram ao Gen. Albuquerque Lima (1.968) e a V.Ex.^a em 1.969.

Eles reclamavam, reclamam e reclamarão enquanto não o conseguirem, a margem direita e sobretudo a margem esquerda do Rio Couto Magalhães desde as extremas de suas cabeceiras até pelos menos a confluência do córrego Aldeia, com suas matas de babaçu, com suas lagoas piscosas, e com os vestígios ainda visíveis de suas aldeias de onde foram expulsos a bala.

Em 1.968, deixando minhas viagens fluviais e fixando-me em São Marcos, tomei maior conhecimento das aspirações dos índios pela sua volta ao Couto, aspirações que eu já tinha vislumbrado de 1.959 a 1.962, e pelas práticas encaminhadas pela Missão Salesiana de até então.

Após a visita do Sr. Ministro Albuquerque Lima, as garantias da FUNAI, minha visita ao Couto precedida pela do Delegado de Cuiabá, a apresentação pelo menos do projeto de Reservas (embora contrariando as aspirações dos Xavante), esperamos pelo desfecho, que porém desembocou no pedido do Sr. Presidente da FUNAI para eu estudar a proposta do Buker.

Aproveitei para ressaltar e satisfazer as exigências dos índios; como porém devia propor uma Reserva mínima e eu não conhecia bem a região e a história, julguei solucionar o problema amputando um mínimo da fazenda, entre o Rio Couto Magalhães e o Córrego Aldeia.

Quando, em conversa com os Xavante, dei fé do meu erro e fiz isso presente ao Sr. Dr. Queiroz, disse-me ele que aguardasse o Decreto para depois apresentar e conseguir as modificações.

Nesse interim a gerencia da fazenda, que pela chegada do Benedito já tinha transferido a sede desde o centro-leste para o centro-sul, bem perto da nova aldeia do Benedito, estava promovendo e multiplicando benfeitorias afim de dificultar a desapropriação, e recorria repetidas vezes à FUNAI em Cuiabá, em Brasília e no Rio de Janeiro para solicitar a remoção dos Xavante, aduzindo que:

a) Os índios estavam lá somente uns 3 anos, e que antes nunca, a memória dos antigos moradores, havia tido aldeamentos de Xavante por lá (mas já vimos a história de suas migrações, e existem fotografias duma aldeia próxima à famosa Lagoa, datada de 1.950 e antes, e muitos da ex-Fundação Brasil Central lembram isso).

b) que os Xavante chefiados pelo Benedito saíram da Missão de São Marcos revoltados com os maus tratos dos Padres, e que portanto devia-se dar um jeito na Missão para os Xavante poderem voltar para lá.

c) que os Xavante tinham sido mandados para lá pelos Padres para se apossarem das terras para depois vende-las.

No ano passado bem duas vezes estive eu no Rio de Janeiro, no Departamento do Patrimônio, e inúmeras vezes em Brasília na Sede da FUNAI para recolher material cartográfico que possibilitasse um estudo sério das Reservas, para desmanchar todas essas insinuações e esclarecer os fatos.

Em dezembro, no dia imediato ao sepultamento do Marechal Costa e Silva, mostrei ao Diretor do Patrimônio Indígena no Rio, uma recente fotografia duma índia xavante da Missão Salesiana de Sangradouro, com 5 cicatrizes de feridas feitas por arma de fogo naquele longínquo assalto à aldeia, e tendo ainda no corpo uma bala. E vítimas assim ainda há muitas no Sangradouro.

O Sr. Diretor estava indo para uma reunião ministerial a respeito de genocídios e pediu-me essa fotografia e os informes, e deixou-me entregue ao encarregado imediato do Patrimônio para maiores esclarecimentos sobre as Reservas e sobre a comissão executiva do Ato Modificador do Decreto Ministerial das Reservas (na qual Comissões eu tinha sido incluído pelo Sr. Presidente da FUNAI).

Apresentou-me esse senhor esboços das 3 reservas com a descrição das fazendas dos invasores e sugestões de áreas livres para onde empurrar e encurralar os Índios.

Insistia eu sobre as reivindicações dos Xavante e sobre seus argumentos históricos, e então ele saiu-me com essa: "Padre, olhe, é melhor nós

cedermos, aceitarmos os limites e os lotes por eles (os fazendeiros) propostos, porque muitos deles são militares, generais, brigadeiros, coronéis, etc., e eles mesmos é que vão providenciar as medições e garantir a terra aos índios contra outros invasores, e se nós insistirmos, então vai acontecer isto: eu vou ser despachado, o Sr. vai ser dispensado de sua colaboração, eles vão ficar mesmo com as terras, e os índios, não tendo mais quem os defenda, vão perder também estas terrinhas que lhes prontificam".

Isto, é claro, não me convenceu, mas desarmou-me no momento e emudeceu-me, limitando-me então a pedir cópia desses mapinhas para os estudar "in loco".

IX - POSIÇÃO XAVANTE.

De todo o sobredito infere-se claramente a posição Xavante, e que se insistirmos sobre as Reservas já decretadas, com modificações e acréscimos, não é por um estéril idealismo étnico ou histórico, mas tão somente para ir ao encontro das necessidades desse povo e apresentar suas justas reivindicações as quais eles estão prontos conseguir a qualquer custo como já os Xavante de Pimentel Barbosa deram amostras, e os de Sangradouro e São Marcos protestaram-se ainda ultimamente: "Se não nos derem as nossas terras, iremos para lá e expulsaremos todos; morrer por morrer, vamos morrer lutando por elas".

...mas então o capítulo dos genocídios não estaria ainda encerrado?

..... Governo Federal eram o Diretor e o Inspetor e os Funcionários do SPI que com sua desídia anterior e durante e posterior abriram a porta e possibilitaram se multiplicassem e deixaram impunes tantos crimes.

.....Governo eram e são Governadores e Secretários, Prefeitos Municipais e Assessores que impunemente espezinham, e espezinham ainda a Constituição Brasileira em suas antigas e recentes redações, que despacham requerimentos de medição de terras dos Xavante, que assinaram e assinam

Títulos de Propriedade e Transferência de Propriedade das Terras dos Xavante em benefício de Brasileiros e Estrangeiros em espoliação de seus já seculares legítimos donos,..... cegos diante de tantas injustiças e crimes e surdos aos tão altos e tão repetidos clamores deste povo que não foi extinguido e nem está aniquiladopovo que não está conformado com sua situação de vítima mesmo pranteada, mas que, mesmo sem saber do afama internacional a seu respeito e de seus irmãos de raça, quer reivindicar para si e desfrutar e frutificar os direitos que tanto lhe propalam de "existência com suas instituições étnicas, sociais, culturais-lingüísticas, com seus sentimentos tribais e religiosos, "possíveis tão somente com a posse exclusiva de pelo menos dumas partes quantitativa e qualitativamente suficiente e historicamente sagradas do seu mais que secular território.

X - SOLICITAÇÃO E SUGESTÕES DA MISSÃO SALESIANA

Esta já prolixa exposição dispensa uma anterior solicitação. Só um apelo ao Senhor Ministro que, ao findar sua embora breve visita às duas Missões Salesianas para os Xavante em abril transcurso, deixou consignado no Livro de Impressões: "Tive a melhor impressão das obras realizadas pelos Salesianos em São Marcos e Sangradouro tudo visando ao nosso indígena. Há esforço, compreensão, sacrifício mesmo. Parece-me que os resultados são satisfatórios. Esse trabalho merece e terá nosso apoio."

E a Missão Salesiana que desde longos anos não poupa trabalhos e sacrifícios naquele leste matogrossense em prol dos Bororo e à procura dos Xavante, e desde alguns anos assiste a mais da metade da tribo Xavante, reclama agora esse apoio para uma solução équa do problema afim de não assistir ao desmoronamento de toda a obra, ao esfacelo e extinção da tribo toda.

Sem meios materiais para cooperar na solução do problema que

talvez dependa maximamente dos dispositivos legais e jurídicos em mãos de V. Ex.^a, prontifica porém sua dedicação e experiência para a colaboração com a FUNAI, adiantando as seguintes sugestões:

1. Reserva do Posto Pimentel Barbosa UIWEDEDZÉ

A redação dessa Reserva saiu confusa por usar angulação diversa nas duas linhas secas, e inconsistente por não saber-se a que distancia do Rio das Mortes situa-se a Rodovia Xavantina-São Félix.

Portanto proporia os seguintes limites:

Marco 1.º - na Barreira de Areia, onde esta a atual aldeia do Posto Pimentel Barbosa, à margem esquerda do Rio das Mortes.

Marco 2.º - na Barreira Água Limpa, junto à foz do Córrego Bacaba ou Água Limpa, uns 40 km em linha de ar ao NE do Marco 1.º, também na margem esquerda do Rio das Mortes, abaixo constituindo o mesmo Rio linha divisória.

Marco 3.º - na Rodovia Xavantina-São Félix, no cruzamento da linha seca que parte do Marco 2.º rumo ONO 58. (usando sempre o quadrante com o "0" (zero) ao N e S.

Marco 4.º - na mesma Rodovia, ao Sul do Marco 3.º, no cruzamento da linha seca procedente do Marco 5.º na margem esquerda do Rio das Mortes ao Leste do Marco 4.º.

A Rodovia será linha Divisória da Reserva, desde o Marco 3.º ao Marco 4.º.

Marco 5.º - na margem esquerda do Rio das Mortes, a 5 km por água acima (mas ao sul) da foz do Córrego Curuá ou Água Suja.

Ligar o Marco 5.º com o Marco 1.º margeando pela esquerda do Rio das Mortes rio abaixo rumo norte. Mais ou menos 280.000 hectares.

2. Reserva do Posto Areões NORÔWEDEPA

Também a redação desta Reserva saiu confusa porque as modificações não foram feitas de acordo com as indicações.

Portanto para esta Reserva proporia os seguintes limites:

Marco 1.º - bem no pontal entre os Rios das Mortes e Areões, onde esta situada a Sede do Posto.

Marco 2.º - na margem esquerda do Rio das Mortes, bem defronte à barra do Rio Pindaíba, a uns 54 km em linha de ar ao NE do Marco 1.º. O Rio das Mortes serve de linha divisória.

Marco 3.º - na Rodovia sobredita, no cruzamento da linha seca que parte do marco 2.º rumo oeste 90.

Marco 4.º - na mesma Rodovia ao SO do Marco 3.º, junto à Ponte sobre o Rio Areões e à margem esquerda do mesmo Rio.

Também aqui a Rodovia serve de divisa.

Marco 5.º na foz do correquinho Buriti (cuja cabeceira começa na estrada que desce a Rodovia via à aldeia) na margem esquerda do Rio Areões abaixo.

O trecho deste rio entre os Marcos 4.º e 5.º é linha divisória.

Marco 6.º - na ponta Sul da Barreira do Pirarara, na margem esquerda do Rio das Mortes, a uns 9 kms rio acima da Barra do Rio Areões, ligando os Marcos 5.º e 6.º com uma linha seca rumo SE 45.

Ligar o Marco 6.º com o Marco 1.º descendo o Rio das Mortes até a foz do Rio Areões, fungindo aqui também o Mortes de divisor.

NB. - Quando em maio do ano passado propus a esses Xavante transferirem-se mais para o NE, pelo meio deste trecho do Rio das Mortes, recusaram-se terminantemente e daí resolveram invadir aquela derrubada encaminhada, ao NO, prontos a ceder a parte Nordeste da Reserva mas exigindo absolutamente para si todo o recanto Oeste que estava excluído na primeira redação, e que motivou as modificações mal interpretadas. Mais ou menos 100.000 hectares.

3. Reserva do Couto Magalhães NORÔTSU'RÃ

Com esta tão diminuta Reserva é que os Xavante não ficaram por nada satisfeitos; os do Couto com o propósito de nunca saírem de lá mesmo pressionados pela fazenda, e decididos a se meterem pela fazenda toda; os de São Marcos e Sangradouro impacientes por invadirem e expulsarem todos os civilizados da fazenda e arredores, por qualquer meio.

A redação desta Reserva deve agora sofrer uma modificação para ampliação, para incluir as aldeias de onde foram expulsos, e se assim poderemos talvez conseguir que se satisfaçam e sosseguem.

Portanto estes os limites que acho "conditio sine qua non":

Marco 1.º - na ponta da cabeceira do Córrego Aldeia, afluente de direita do Rio Couto Magalhães.

Marco 2.º - na barra do córrego Aldeia com o Rio Couto Magalhães, servindo o mesmo córrego de linha divisória.

Marco 3.º - na ponta da cabeceira esquerda principal do Rio Couto, ligando os Marcos 2.º e 3.º com uma linha seca rumo Oeste Sul Oeste de mais ou menos 45 km.

Marco 4.º - na ponta da cabeceira direita principal do mesmo Rio, ligando os Marcos 3.º e 4.º com uma linha seca rumo Sul de talvez 20 km. Ligar os Marcos 4.º e 1.º com uma linha seca rumo EFE de talvez 25 km. Dada a inviabilidade de incluir a Reserva de 10.000 hectares de junho de 1.967, ficaria a mesma à disposição do Estado. Mais ou menos 75.000 hectares.

4. Reserva do Pontal Couto Magalhães-Coluene

Quando estive no Departamento do Patrimônio Indígena no Rio de Janeiro em dezembro, disseram-me que havia estado lá o Sr. Hélio Buker com um grupo de Xavante que reclamavam para si essa região, e que portanto não precisavam mais pensar na Reserva que invadia a "Fazenda Xavantina".

Mas acontece que os Xavante que o Sr. Buker levou ao Rio eram dos Postos Batovi ou Simões Lopes, não portanto os residentes atualmente no Couto e tampouco os de São Marcos ou de Sangradouro que reivindicaram há tempos as terras invadidas pela Fazenda Xavantina e outros.

Sabemos aliás, por boca dos mesmos Xavante do Batovi em visita às nossas Missões, que eles realmente pleitearam aquela região, no intuito de boa parte deles voltar a morar à direita do Coluene para estarem mais próximos de seus parentes.

Vai aqui portanto indicada também esta Reserva, caso o Sr. Buker ainda não tenha encaminhado outro projeto:

Marco 1.º - na Margem esquerda do Rio Couto Magalhães, no seu cruzamento com o Paralelo 14.

Marco 2.º - na confluência do rio Couto Magalhães com o Rio Coluene, servindo este trecho do Couto como linha divisória.

Marco 3.º - na margem direita do Rio Coluene, no cruzamento com o Paralelo 14, servindo também este trecho do Rio Coluene como linha divisória.

Ligar os marcos 3.º e 1.º com uma linha seca rumo Leste de uns 40 km aproximadamente, 70.000 hectares, ao que parecer na maior parte sem donos e posseiros, portanto sem contestação.

Quem não vai ficar satisfeito vai ser o José do Batovi, o chefe que veio daquele Posto, há anos, com um bom grupinho, e que morava naquela aldeia do afluente do Coluene.

5. Reserva da Missão Salesiana de São Marcos

Mesmo que uns 300 Xavante desta Missão passem à Reserva Couto Magalhães (e eles desejam ter lá também a assistência dos Missionários Salesianos), assim mesmo 500 e mais Xavante ficariam apertados demais dentro dos 14.000 hectares que sobraram dos, 25.000 hectares da Reserva concedida em 1.918-1.921 pelo então Governador do Estado de Mato Grosso.

Em 1.961, em seguida às contestações dos invasores à revelia dos Padres, o Governo Estadual pediu à Missão cedesse uma parte para os pequenos posseiros, e lá cortaram 11.000 hectares cuja maior parte, na realidade beneficiou fazendeiros que vendiam suas próprias terras.

A repetição aborrecida de injunções e proibições e ameaças por parte dos circundantes fez com que alguns dos nossos Xavante pensassem em voltar ao Couto Magalhães, e os demais mostrassem aos missionários a necessidade de ampliar um pouco mais sua reserva de caça e pesca e coleção de frutas aí mesmo em São Marcos.

A Missão Salesiana portanto, lembrando também que ela mesma já tinha iniciado uma colônia de atração à beira do Rio das Mortes além o Rio São Marcos, quando os civilizados ainda estavam a mais de 100 kms na retaguarda, e que lá mesmo o SPI instalou seu Posto por uns dois anos em época mais recente, e fazendo presente que os Xavante "Ab immemorabili" percorriam toda essa região à procura de seu suprimento, e que dentro da diminuta reserva a situação é de uma vez insustentável, propõe ampliar a Reserva recuperando o que foi compelida entregar em 1.961, abrir mais um pouco sua chegada ao Rio São Marcos, anexar a região toda abrangida entre os Rios das Mortes, São Marcos e Córrego Dom Bosco, e mais uma beirada fronteira na margem esquerda do Mortes.

Já é pacífico que toda essa Reserva passaria a ser Reserva da FUNAI, mesmo com nomenclatura e assistência da Missão Salesiana.

Então poderia ser assim configurada:

Marco 1.º - no alto Morro da Providência, no lugar do marco 5.º da antiga gleba.

Marco 2.º - na margem direita do córrego Boqueirão, no lugar do marco 1.º da gleba, unindo os 2 Marcos com uma linha seca de 3.600 metros rumo NW 38.30'.

Marco 3.º - na margem direita do Boqueirão, confrontante à barra da cabeceira do Retiro, afluente esquerdo do Boqueirão, a uns 12.000 metros do marco 1.º rumo ENE córrego abaixo, servindo o córrego como divisa.

Marco 4.º - no alto do paredão que sobrepuja o galho Leste da dita

cabeceira, sendo a divisa formada pela veia d'água e por linha seca até amarrar o marco 4.º.

Marco 5.º - na margem esquerda do Rio São Marcos, amarrando os 2 Marcos com uma linha seca que parte do marco 4.º rumo NE 65. de uns 11.000 metros.

Marco 6.º - na barra do rio São Marcos, com o Rio das Mortes, constituído aquele rio a divisa neste trecho.

Marco 7.º - na margem esquerda do Rio das Mortes confrontando a barra do Rio São Marcos.

Marco 8.º - na margem esquerda do Rio das Mortes, ao NE do Marco 7.º, na barra do córrego afluente de esquerda deste Rio, desaguando nele abaixo (ao Norte) do Córrego Dom Bosco, sendo esta linha divisória de uns 30 km parte em linha seca e parte pelo córrego sobredito desde o ponto do cruzamento.

Marco 9.º - na barra do Córrego Dom Bosco, afluente de direita do Rio das Mortes, por esta água acima rumo ao sul constituindo este trecho do Rio das Mortes a divisória.

Marco 10.º - na cabeceira extrema do Dom Bosco, constituindo o mesmo córrego a linha divisória.

Marco 11.º - na cabeceira extrema do Rio São Marcos, ligando os 2 Marcos com uma linha seca de uns 6 kms rumo SUL.

Marco 12.º - na margem esquerda do Rio São Marcos a 1 km de distancia da Usina Hidroelétrica da Missão Salesiana, rio acima, servindo este trecho do Rio São Marcos como linha divisória.

Marco 13.º - na margem esquerda do Rio Barreiro, na barra do Córrego Diamante (antigo Fundo), no lugar do marco 3.º da gleba, unindo estes 2 Marcos com uma linha seca de uns 18 km rumo SW 54.

Marco 14.º - na margem esquerda do Rio Barreiro, rio acima, no lugar do antigo marco 4.º, constituindo este trecho do Barreiro a linha divisória.

Ligar o marco 14.º com o marco 1.º com uma linha seca de 12 kms rumo NW 52., a mesma da gleba, como também a dos Marcos 1.º e 2.º. Uns 130.000 hectares, sendo 25 da antiga gleba.

6. Reserva da Missão Salesiana de Sangradouro.

Como já supra explanado, a terra da Missão Salesiana de Sangradouro é de propriedade da Missão Salesiana de Mato Grosso, pois comprada de terceiros em várias épocas, a começar pelo 1.º lote medido em novembro de 1.893 pelo então Engenheiro Militar Cândido Mariano da Silva Rondon, para servir de base às tropas e comboios que vindo de Cuiabá iam suprir a Missão Salesiana dos Bororo na região Merúri.

Mais tarde abrigaram aí grupinhos de Bororo vindos dos garimpeiros ou das aldeias dos Rio Vermelho e São Lourenço, famintos e doentes, e quando restabelecidos e bem dispostos lá iam, eles sumindo.

Mais tarde a Missão abriu suas portas também às crianças sertanejas, e já em 1.938 eu lá lecionava a mais de 30 meninos, e as Irmãs a outras tantas meninas, e foram aumentando com o avançar dos pioneiros, tanto que em 1.957 já era uma procuradíssima Escola Agrícola Rural.

No fim do ano letivo 1.957 a Missão Salesiana encerrou definitivamente os internatos masculino e feminino para sertanejos afim de prontificar todas suas instalações e pessoal ao atendimento dos Xavante chegados durante aquele ano na maior das necessidades.

Assim a Missão Salesiana sacrificou o atendimento à sociedade envolvente, que porém pressiona cada dia mais a reabertura.

Também a terra da Missão não passa de uns 10 ou 11 mil hectares, e o dilagar dos atuais 400 e mais Xavante para a caça e coleta de frutas provoca reclamos insistentes e ameaças por parte dos confinantes.

Há uns 130 Xavante que pretendem voltar para sua terra no Couto Magalhães logo consigam a Reserva tanto reclamada e prometida, e caso não consigam o que sonham, estão prontos à luta.

Mas os outros mais que 250 ficariam, e precisam de maior extensão territorial de propriedade exclusiva deles, mormente ao norte da Missão, aquém e sobretudo além o Rio das Mortes, sua Região da caça "ab immemorabili".

Por isso a Missão Salesiana avança a proposta duma Reserva para os Xavante anexa à Terra da Missão (para a Missão poder reabrir suas por-

tas aos civilizados), pois próximo ao Rio das Mortes entre o Rio Sangradouro e o Córrego dos Porcos (ambos com quedas d'água é um ótimo lugar para citar condições para a transladação paulatina dos Xavante.

Esses seriam os limites mínimos propostos:

Marco 1.º - na linha telegráfica, no limite da terra da Missão, ao oeste da sede da mesma.

Marco 2.º - na margem direita do córrego Alminhas no cruzamento da linha telegráfica, ao W do marco 1.º, sendo o Telégrafo o divisor.

Marco 3.º - na barra do córrego Alminhas (afluentes da direita com o Rio das Mortes ao Norte do marco 2.º, o córrego será divisor.

Marco 4.º - na margem esquerda do Rio das Mortes, defronte a barra do córrego Sangradorzinho (afluente de direita do Rio das Mortes) rio acima, ao W do marco 3.º, sendo este trecho do rio divisor.

Marco 5.º - no cruzamento da linha seca com o paralelo 15., partindo o mesmo do marco 6.º rumo norte.

Marco 6.º - ao Leste do marco 5.º no cruzamento da linha seca com o paralelo 15., a qual sobe rumo norte partindo da barra do Córrego Macacos (Marco 7.º). A linha seca sobre o paralelo 15. será a linha divisória.

Marco 7.º - na margem esquerda do Rio das Mortes defronte ao córrego Macacos, afluente de direita do Rio das Mortes.

Marco 8.º - na barra do Córrego dos Porcos, afluente de direita do Rio das Mortes, ao oeste do Córrego Macacos, servindo este trecho do Rio das Mortes como linha divisória.

Marco 9.º - no cruzamento do Córrego dos Porcos com a linha telegráfica ao sul do Marco 8.º, servindo este córrego como divisor.

Marco 10.º - na linha telegráfica na divisa Leste da Terra da Missão, unindo os Marcos 9.º e 10.º com uma linha seca.

O perímetro da terra da Missão ao norte da linha telegráfica, desde o marco 1.º ao marco 10.º será a linha divisória da terra da Missão com a Reserva para os Xavante do Sangradouro assistidos pela Missão Salesiana. Uns 140.000 hectares.

Uma verificação sumária destes limites, sem mesmo demarcar, e o levantamento também por cima dos proprietários e posseiros existentes nas áreas indicadas deveriam ter toda prioridade na pauta dos trabalhos, pois urge solucionar o problema, estando já pela metade de março, quando em abril e maio já se iniciam os desmatamentos.

CONCLUSÃO

Ex.mo Sr. Ministro, não sei se cheguei a pôr em evidência a idéia mestra, se consegui fazer ressaltar, destacar, emergir a gravidade do problema e o tipo de solução improrrogável e necessária afim de se fazer justiça à tribo dos Xavante, custe o que custar.

No Parque Nacional do Xingu menos de 1.000 índios, cuja maioria vivem no rio e do rio, têm à sua disposição uns 2.000.000 (dois milhões) de hectares de terra.

É verdade: o Parque Nacional não é somente Indígena, portanto esta outra e primária finalidade justifica sua amplitude.

Dos 2.000.000 (dois milhões) de hectares que o Estado de Mato Grosso com manhosa liberalidade prontificou ao Xavante em 1.950, a este índio andarilho, caçador infatigável pelos campos e chapadões, por lei estadual só sobraram 3 irrisórias e simbólicas parcelas de 10.000 (dez mil) hectares cada uma.

Mas de símbolos ninguém vive e menos ainda estes 2.300 Xavante.

É verdade, a Missão Salesiana "dispôs" da irrisória e simbólica parcela de Santa Terezinha (em 1.962), tornada insustentável como foi ilustrado, para provar aos Xavante abrigados em São Marcos num momento crítico da Missão Salesiana sem nenhum vislumbre de apoio e de auxílios por parte do Serviço de Proteção ao Índio.

Agora a Missão Salesiana, consciente da realidade nacional de expansão e aproveitamento do Território Nacional, ciente da "Situação" dos desbravadores, sem esquecer porém a realidade indígena, advoga para seus Xavante (digo seus porque assiste a mais de metade dos 2.300 Xavante atuais, e faz causa comum com a FUNAI no espírito de colaboração promovido por V. Ex.^a) advoga, digo, para a Nação Xavante menos da metade (uns 800.000 hectares) do território de que fora agraciada ainda antes de ser pacificada, a qual partilha já era tão somente a décima parte daquilo que havia um século desfrutava soberana.

Se "omnibus perpensis" for achada uma cabal solução mais satisfatória e menos utópica, estaremos prontos a continuar nossa colaboração em prol do Índio Xavante e para a glória do Brasil.

Pedindo "venia" pela delonga e pela insistência em assunto tão crucial, renovando os protestos de simpatia e consideração pela pessoa e obra de V. Ex.^a e augurando-lhe as luzes e dádivas divinas para o árduo trabalho que lhe incumbe.

Em nome da Missão Salesiana de Mato Grosso devedora a V. Ex.^a da estima e afeto que lhe leva,

Brasília, 10 de Março de 1.970.

Pe. Pedro Sbardellotto
Missionário Salesiano em Xavantina MT
Observador da FUNAI no PINA

DOCUMENTOS ANEXADOS

A todo este extenso relatório foram anexados os seguintes documentos, não citados aqui por extenso:

1. - Foto de mulher Xavante baleada.
2. - Cópia do Decreto Estadual no. 903 de 28 de março de 1.950.
3. - Cópia do Decreto Ministerial no. 25.212 de 23 de setembro de 1.969.
4. - Cópia dum esboço da Reserva de Pimentel Barbosa decretada.
5. - Cópia dum esboço da Reserva de Areões decretada.
6. - Cópia dum esboço da região Couto Magalhães relativa à Reserva.
7. - Cópia de parte do Mapa Cadastral do Município de Barra do Garças.
8. - Cópia do título de domínio da Reserva São Marcos.
9. - Cópia dum dos autos de medição por Rondon na Região Sangradouro.
10. - Cópia dum dos Títulos da região Sangradouro (Lote Sangradouro Grande).
11. - Cópia dum dos Títulos da região Sangradouro (Lote Rib. das Malas).
12. - Cópia dum dos Títulos da região Sangradouro (Lote Lagoa Feia).
13. - Cópia dum Mapa da região Sangradouro, feito por Rondon.
14. - Cópia da Planta das Terras da Missão Salesiana de Sangradouro (1.956).
15. - Cópia do Mapa extraído do Mapa USAF ao Milionésimo.

A SITUAÇÃO DOS XAVANTE EM 1995

Ao publicar estes documentos, em 1995, informamos a atual situação das Reservas Indígenas destinadas aos índios Xavante, no Mato Grosso.

ÁREAS E RESERVAS INDÍGENAS DOS XAVANTE

RI Areões Reservada. Demarcação física em 1985, Port. n. 1104 de 19/09/1972 define e fixa os limites, de 218.515 ha, no município de Água Boa MT, tendo no limite a BR-158, podendo sofrer influência pela hidroelétrica Noidore planejada.

AI Areões I Interditada por Port. n. 1004 de 10/10/90, interditada para segurança, garantia de vida e bem-estar dos índios, área que ficou fora da Port. 1104/72 (DOU 18/10/90), de 24.450 ha, no município de Água Boa MT, sendo acréscimo à área Areões, podendo sofrer influência pela hidroelétrica Noidore planejada.

AI Areões II Interditada por Port. 1004 de 10/10/90, interditada para segurança, garantia da vida e bem-estar dos índios, área que ficou fora da Port. 1104/72 (DOU 18/10/90), de 16.659 ha, sendo acréscimo à área Areões, podendo sofrer influência da hidroelétrica Noidore planejada.

RI Marechal Rondon Reservada pelo SPI, Dec. Est. n. 929 de 04/05/65, com demarcação física de 1972, de 98.500 ha, no município de Paranatinga MT.

RI Parabubure Reservada Reg. CRI e SPU, por Port. 1822/E de 12/07/85 para definição de limites e levantamento fundiário. Reg. CRI matr. 4791, liv. 2, fls. 01/02 em 19/07/88. Reg. SPU em 26/08/87, de 224.447 ha, nos municípios de Água Boa MT e Campinápolis MT.

RI Pimentel Barbosa Regularizada Reg. CRI e SPU, Reg. CRI matr. 4792, liv. 2-rg., fl 01v/02 em 19/07/88, Reg. SPU em 27/10/87, de 328.966 ha, no município de Canarana MT, tendo no limite a Rodovia BR-158.

AI Sangradouro Reservada Reg. CRI e SPU, Dec. n. 71105 de 14/09/72 cria RI. Reg. CRI matr. n. 5407, liv. 2-s, fl. 13 em 25/01/88. Reg. SPU/MT em 05/11/87, de 88.620 ha, nos municípios de General Carneiro MT e Poxoréo MT, tendo no limite a Rodovia BR-070.

AI Sangradouro/Volta Grande Delimitada, com demarcação física em 1987, Dec. n. 94605 de 14/07/87 declara a ocupação, encaminhado ao CRI e ao CRU, de 11.640 ha, no município de Novo São Joaquim MT.

RI São Marcos Reservada Reg. CRI. Dec. n. 76215 de 05/09/75 (DOU 08/09/75) fixa limites definitivos. Reg. CRI matr. 34112, liv. 2-rg em 27/04/89, encaminhado ao SPU, de 188.478 ha, no município de Barra do Garças MT, sendo cortada pela Rodovia MT-312.

Fonte das informações acima: *Terras Indígenas no Brasil*, CEDI - Centro Ecumênico de Documentação e Informação, PETI - Projeto Estudo sobre Terras Indígenas no Brasil - Museu Nacional / UFRJ, edição revista e atualizada de dezembro de 1990, p. 54-56.

RI Suiá-Missu (antiga Marãiwatsédé) Demarcação decretada pelo Ministro da Justiça aos 30/09/93, de 168.000 ha; ordenada suspensão da mesma pelo mesmo ministro, aos 17/02/95.

Fonte: *Pagagaru*. n. 50 - ano 09 - março/abril/95, do CIMI Regional MT.

Total das áreas e reservas destinadas aos índios Xavante de Mato Grosso, inclusive a RI Suiá-Missu: 1.346.270 ha.

POPULAÇÃO XAVANTE

1962: 950, em 04 aldeias; um estimativa do SPI, dos Missionários e contagem.

Fonte: MAYBURY-LEWIS, David. *A Sociedade Xavante*. Ed. Francisco Alves, Rio de Janeiro 1984, p. 52.

Outubro de 1969: 2.160, em 07 aldeias com áreas não demarcadas.

Fonte: GIACCARIA, Bartolomeu e HEIDE, Adalberto. *XAVANTE, (auwe uptabi: povo autêntico) - pesquisa histórico-etnográfica*. Ed. Salesiana Dom Bosco, São Paulo, 2. ed. 1984, p. 276.

1990: 6.091, em 56 aldeias, com 12 Postos Indígenas e em 07 municípios.

Fonte: GIACCARIA, Bartolomeu. *Ensaio - Pedagogia Xavante - Aprofundamento Antropológico*. Missão Salesiana de Mato Grosso, Campo Grande MS, 1990, p. 48-49.

1994: 9.250, em 54 aldeias (número incompleto!) e 08 municípios.

Fonte: SECCHI, Darci. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - Consultoria para Educação Escolar Indígena PNUD/94/006/ Prodeagro, Cuiabá - MT - Brasil, *Diagnóstico da Educação Escolar Indígena em Mato Grosso*, Cuiabá 1995, p. 82.

1995: 9.836, em 09 municípios.

Fonte: Governo do Estado de Mato Grosso, Secretaria de Estado de Educação, Coordenadoria de Política Pedagógica, Programa de Formação de Professores Índios para o Magistério, *Projeto Tucum 1995-1999 - Polo II*. Cuiabá, Mato Grosso, 1995 p. 13.

POPULAÇÃO XAVANTES DO PARAGUAI

1967: 920, em 04 aldeias, um esmolarium de 214, das Missões de

contagem

Fonte: ALYBIO FERREIRA, 1967, p. 100. São Paulo: FFLCH/USP, 1967.

1971: 1.200, em 07 aldeias, com áreas não demarcadas.

Fonte: ALYBIO FERREIRA, 1967, p. 100. São Paulo: FFLCH/USP, 1967.

1974: 1.500, em 07 aldeias, com áreas não demarcadas.

Fonte: ALYBIO FERREIRA, 1967, p. 100. São Paulo: FFLCH/USP, 1967.

1977: 1.800, em 07 aldeias, com áreas não demarcadas.

Fonte: ALYBIO FERREIRA, 1967, p. 100. São Paulo: FFLCH/USP, 1967.

1980: 2.000, em 07 aldeias, com 12 aldeias indígenas em 17 municípios.

Fonte: ALYBIO FERREIRA, 1967, p. 100. São Paulo: FFLCH/USP, 1967.

1984: 2.500, em 07 aldeias, com 12 aldeias indígenas em 17 municípios.

Fonte: ALYBIO FERREIRA, 1967, p. 100. São Paulo: FFLCH/USP, 1967.

1987: 3.000, em 07 aldeias, com 12 aldeias indígenas em 17 municípios.

Fonte: ALYBIO FERREIRA, 1967, p. 100. São Paulo: FFLCH/USP, 1967.

1990: 3.500, em 07 aldeias, com 12 aldeias indígenas em 17 municípios.

Fonte: ALYBIO FERREIRA, 1967, p. 100. São Paulo: FFLCH/USP, 1967.

1993: 4.000, em 07 aldeias, com 12 aldeias indígenas em 17 municípios.

Fonte: ALYBIO FERREIRA, 1967, p. 100. São Paulo: FFLCH/USP, 1967.

1996: 4.500, em 07 aldeias, com 12 aldeias indígenas em 17 municípios.

Fonte: ALYBIO FERREIRA, 1967, p. 100. São Paulo: FFLCH/USP, 1967.

1999: 5.000, em 07 aldeias, com 12 aldeias indígenas em 17 municípios.

Fonte: ALYBIO FERREIRA, 1967, p. 100. São Paulo: FFLCH/USP, 1967.

2002: 5.500, em 07 aldeias, com 12 aldeias indígenas em 17 municípios.

Fonte: ALYBIO FERREIRA, 1967, p. 100. São Paulo: FFLCH/USP, 1967.

2005: 6.000, em 07 aldeias, com 12 aldeias indígenas em 17 municípios.

Fonte: ALYBIO FERREIRA, 1967, p. 100. São Paulo: FFLCH/USP, 1967.

2008: 6.500, em 07 aldeias, com 12 aldeias indígenas em 17 municípios.

Fonte: ALYBIO FERREIRA, 1967, p. 100. São Paulo: FFLCH/USP, 1967.

... a população indígena...

... a população indígena...

... a população indígena...

... a população indígena...

... a população indígena...

... a população indígena...

... a população indígena...

... a população indígena...

... a população indígena...

... a população indígena...

... a população indígena...

... a população indígena...

... a população indígena...

... a população indígena...

... a população indígena...

... a população indígena...

... a população indígena...

... a população indígena...

... a população indígena...

memória, por uma história escrita a partir dos mesmos Xavante. Na segunda parte do seu Diário, apresenta uma outra versão das mesmas expedições relatadas pelo Pe. Chovelon.

Após anos de guerras contra invasores, o povo Xavante, dizimado, entregue à doenças e sem condições de prover seu sustento, se entregou ao S.P.I. e aos missionários para sobreviver.

Tendo se recuperado e voltado à sua alegria de viver com prole numerosa, tratou-se de fazer justiça e devolver-lhe os territórios tradicionalmente ocupados. Pe. Pedro Sbardellotto, a pedido do Ministro do Interior e do Presidente da FUNAI, percorreu todas as aldeias Xavante para coletar informações sobre os direitos reclamados. Com isso ofereceu ao Governo Federal as informações sobre os direitos sobre seus territórios que mais tarde foram reconhecidos parcialmente pela decretação e demarcação da Reservas Indígenas.

Falta concluir ainda este empreendimento do Pe. Sbardellotto, devolvendo ao grupo de Marãiwatséde, de Suia-Missu, seu território do qual foram deportados sem sua devida anuência.

Assim sendo, estes três documentos mostram um processo ainda em andamento até os dias atuais e poderão contribuir para um desfecho justo dos direitos dos Xavante sobre seus territórios tradicionalmente ocupados.

Pe. Jorge Lachnitt, coordenador

Desenhos da Capa
Artista Xavante Cornélio Nomohi Tsimo